

Euro 2016:

**Análise ao discurso de Fernando Santos
reproduzido pela comunicação social à luz
de um quadro axiológico**

Dissertação apresentada à
Faculdade de Desporto da
Universidade do Porto, como
requisito para a obtenção do 2º
Ciclo de estudos em Treino de Alto
Rendimento Desportivo, ao abrigo
do Decreto-Lei nº 74/2006 de 24 de
Março.

Orientador: Prof, Doutor Rui Proença Garcia

Diogo de Almeida Baía

Porto, Setembro de 2017

Ficha de Catalogação

Baía, D. (2017). *Euro 2016: Análise ao discurso de Fernando Santos reproduzido pela comunicação social à luz de um quadro axiológico*. Porto: D. Baía. Dissertação de Mestrado para a obtenção do grau de Mestre em Treino de Alto Rendimento Desportivo, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: FUTEBOL, EURO 2016, DISCURSO, COMUNICAÇÃO SOCIAL, VALORES

Dedicatória

À memória de José Nuno Laranjeiro Fernandes de Medeiros Grenó

A madrugada já vai distante. O cenário é idêntico ao de sempre: no limite, a bater no ombro à toa.

Ultimo o meu trabalho como se tivesse na 12.

A 12: ponto de encontro, refúgio, laboratório, biblioteca, cantina, salão de festas.

Onde assistimos à conquista do Euro, onde nos abraçamos pela última vez.

Sem ti este percurso não teria sido tão rico.

A amizade é eterna.

Agradecimentos

Um obrigado especial aos meus pais, Alexandra e Vítor, à minha irmã Beatriz e ao meu irmão Afonso. Amo-vos.

Aos meus avós: Conceição, Manuel, Edgardo e Celeste

Aos meus tios e primos.

À Mariana Greno.

A todos que se cruzaram comigo e me ajudaram a ser quem sou.

Totti, Neu, Teira, sintonizem a aparelhagem. Compay Segundo: A Caballo Vamos Pal Monte. O segredo está no sentimento.

Ao Professor Rui Garcia por me ter dado a oportunidade de ser seu orientando, numa altura em que o ano letivo já ia bastante avançado, confiando no meu trabalho e mostrando-se sempre disponível para tudo aquilo que fui precisando. Agradeço também a paciência que teve em relação à minha insensibilidade informática.

Ao seleccionador nacional, Fernando Santos, pela disponibilidade que teve em conversar comigo, recebendo-me na Cidade do Futebol e enriquecendo o meu trabalho. Obrigado também por ter contribuído para uma conquista tão grande, como aquela do 10 de julho.

Podia Ser Alguém na Sociedade Portuguesa

"Tudo desdenhei: as homenagens baratas e os clamores do rebanho. Enchi o meu gabinete de trabalho de livros bons, a minha vida moral com a minha arte, a meu gosto, sem me preocupar com o sucesso, com o mercado, com a publicidade, coisas imprescindíveis a quem quer vencer, e rodeei-me duma dúzia de amigos fanáticos cuja admiração me orgulha e me faz bem. "

Florbela Espanca, in 'Correspondência (1928)'

Quero também deixar uma palavra especial a todos os «fanáticos» que partilharam comigo estes últimos 6 anos. As memórias talvez sejam os únicos agradecimentos que realmente valem a pena.

MP23: abraço especial para o Sr. Alho (referência máxima ao nível da seleção de talentos), Mandingo, para aquele Rapaz que entrou na faculdade karateca e saiu editor de vídeo, para o Mestre do *crossfit* e da organização de eventos (deixo-te um pedido de desculpas público, referente àquele incidente ocorrido no dia 14 de outubro de 2013), para o Coordenador do futuro maior viveiro do país, para o Gerente farmacêutico, para o Jovem que elevou a fasquia e em breve se vai tornar numa referência no ramo da medicina desportiva, para o grande Feiti (se não tivesses dado a vaga, o Big não iria permitir que o mestrado se realizasse. Também te devo parte deste meu trabalho).

José Pinga: 8 da matina e nem precisava de conferir o telemóvel, bastava descer. Lá vinhas tu, *cap* a apontar para o céu, bem relaxado, ao som daquelas músicas clássicas, no 'bima' mais bem tratado que conheci até hoje. Praticamente dois anos de viagens. Muitos km de pensamentos, partilhas, 'rasgadelas' e lamúrias. Os ódios e os amores mais genuínos que conheci. As teorias da conspiração mais rebuscadas que ouvi. A mudança de personalidade mais acentuada e engraçada que presenciei. À noite era na 12, laboratório de conhecimento: sempre na última, sempre perdidos na formatação e outros demais requisitos. Sempre a prometer uma mudança. Obrigado. las rir pesado se tivesses assistido à elaboração deste documento. Tenho saudades tuas.

D'Andrade: escrevo enquanto recordo aquela célebre manhã na qual nos convertemos em mecânicos aeronáuticos, ajudando a mudar o pneu daquele *zappelin* cansado do nosso ex-engenheiro. Mal sabíamos que 6 anos após estaríamos prestes a tornar-nos Mestres em simultâneo. É engraçado constatar que durante esse período temporal, pouca coisa mudou: continuas com fobia às pontes, castrado pelos horários noturnos do metro, acorrentado àquela busca incessante pela sapiência e com o mesmo teto de sempre (parece um molde, a isso chama-se qualiiiiiiiidaaaaadee). O caminho é único. Precisamos apenas de tempo, tiempo, time, temps, zeit, tijd, vrijeme. Ele vai-nos dar razão.

Zias: poucos têm 'morableira' para organizar um jantar de despedida e não irem para lado nenhum. Isso só está ao alcance dos grandes, dos predestinados, dos que ousam, dos que almejam a transcendência e caminham com a cabeça bem erguida, apontando para as estrelas... Internacional português desde os 14 anos, considerado pelas entidades responsáveis como o melhor de sempre, reconhecimento em qualquer parte do globo... Só tenho pena de não te ter acompanhado, juntamente com o Rodrigo naquela célebre noite, carcaça. És gente boa demais amigo, 'joiinha' mesmo!

Em jeito de adivinha: 'cartima' do mais grave escalão. *Chemise* clássica aos quadrados (parece um boletim do totoloto). Sinusite crónica (20 pacotes de lenços gastos por dia). Cartilagem do joelho desgastada (que faz com que manque ligeiramente). Dos poucos que teve resultados com o programa de treinos *insanity*. Deveras curioso (que o diga a Calçada). Desconhece o significado da palavra problemazinho. Ainda tem medo do escuro. A dar conselhos assemelha-se ao *pendejo* de Kikin. Profundo conhecedor da Volta a França. Encontrou na faculdade a sua gêmea separada à nascença. Maquiavélico.... Já perguntava o meu tio Edgardo: Mas afinal, quem é este baixinho?

Gongas: É muito 'engra' recordar que o primeiro jogo de Portugal no Euro foi passado em tua casa. Bem 'relaxações' a matar uns frangos, aqueles

comentários clássicos, grandes postas. No final, aquele resultado desmoralizador que, inevitavelmente, nos empurrou para os poveiros em busca de alguma felicidade...

Em breve casas, mesa redonda, vida estabilizada. Dos mais respeitados de Boden, treinador mais jovem de sempre a subir uma equipa de divisão. Referência do Infesta. Discípulo de Agostinho da Silva.

Sinto uma admiração máxima por ti. Demonstraste ser um amigo no sentido verdadeiro do termo. Nunca me vou esquecer.

Lopesossauro: És a única pessoa que me vem à cabeça sempre que surge um termo inerente ao paleolítico. Fóssil, Dinossauro, Tubarão, Mamute. Tudo se enquadra. Dizem as más-línguas que os anos são capazes de levar tudo, menos a tua matrícula na faculdade, sacooode. Ao menos esboço a recordar o cenário quando os nossos caminhos convergiam: aquele casaco castanho que se assumia tipo uniforme, *sweat* verde musgo, aquele navio clássico, cansado, com a panela no limiar do desmembramento. Sempre a horas...

Rio pesado ao lembrar quando pretendias criar um vermicompostor e vivias desassossegado com o preço das minhocas vermelhas da Califórnia. Temos um torneio para materializar, gestor. És dos mais grandes que conheço, não esqueças.

Guti: O inverno traz o frio, e o frio trazia aquele casaco em forma de édredon (vermelho vivo, azul turquesa e branco) com penas de ganso de 1963. Amargurado como o Nobre, angustiado como Sr. Silva quando descobriu que lhe venderam o papagaio, visão para lá dos perfis dos montes, sem conseguir caminhar em linha reta, (ao menos é só desvios, paredes, pontes, tabelas, triangulações), constantemente a pensar no que poderia ter sido mais não foi, Mariana doente (o que é feito do meu menino?), sempre na Biblio a recolher «knowledge pros tropas», ginga a toa fruto das caçadinhas na infância, o balão como prolongamento do corpo, garganeiro máximo ao ponto de pôr um bolinho de bacalhau dentro de uma sande de presunto... rs

Citando-te: *“Será que a mais absoluta prova de genialidade de um artista não será não desviar-se nunca da sua ideia, do seu princípio, e de levá-los a efeito com tanta firmeza que nunca seja perdido o controlo sobre essa verdade, não renunciando a ela mesmo que isso lhe custe o prazer do seu trabalho?”*

Relaxa. O João Carlos também não conseguia ver o labirinto de cima e não foi por isso que deixou de viver. Das duas uma, ou catapultados numa espiral infinita ou afundados num abismo colossal. Não há outra saída.

És o mais genial! Sinto que o teu problema está nas oscilações temperamentais. Aguenta. Devemo-nos à humanidade futura. Se o Cruyff te tivesse visto com 18 anos...

Este trabalho é nosso.

Sim, Sra. J: O meu objetivo é ser feliz.

Humildade

No Império dos Seres Humanos e na atual era da Pós-Modernidade, em virtude de uma busca incansável, talvez desumana, pela glória e pelo sucesso, sem «olhar a meios para atingir fins», um dos conceitos que vem caindo em desuso situa-se no campo da cordialidade, do respeito, da simplicidade e honestidade, a Humildade.

Do latim *humilitas*, é vulgarmente conhecido como um sentimento proveniente do conhecimento dos próprios erros ou defeitos, daí que, talvez, hoje em dia seja algo que não se vangloria e não figura nas qualidades emergentes para uma boa sociedade e para o desenvolvimento de seres humanos, no verdadeiro sentido da palavra.

José Medeiros (2013)

INDICE GERAL

Dedicatória	III
Agradecimentos	V
INDICE DE ANEXOS.....	XV
Resumo.....	XVII
Abstract	XIXIV

INTRODUÇÃO	1
-------------------------	----------

1. INTRODUÇÃO	3
---------------------	---

REVISÃO DA LITERATURA	5
------------------------------------	----------

2. REVISÃO DA LITERATURA	7
--------------------------------	---

2.1 Introdução.....	7
---------------------	---

2.2 Filosofia dos Valores.....	8
--------------------------------	---

2.3 O que entendemos por valor?	9
---------------------------------------	---

2.4 Valores: A nossa perspetiva conceptual	11
--	----

2.5 Ordem de Valores Referencial.....	15
---------------------------------------	----

2.5.1 Valor Vital.....	15
------------------------	----

2.5.2 Valores Práticos	16
------------------------------	----

2.5.3 Valor Hedonístico.....	17
------------------------------	----

2.5.4 Valores Estéticos.....	18
------------------------------	----

2.5.5 Valores Lógicos.....	19
----------------------------	----

2.5.6 Valores Éticos	21
----------------------------	----

2.5.7 Valor Sagrado.....	23
--------------------------	----

2.6 Uma breve caracterização da contemporaneidade	25
---	----

2.7 Crise Axiológica	27
2.8 Desporto: Uma constelação de Valores.....	29
2.9 Futebol: A importância Axiológica De um Fenómeno Hipermediatizado	32
2.9.1 Euro 2016	36
2.9.2 Euro 2016: Impacto Socioeconómico.....	39
METODOLOGIA	43
3. METODOLOGIA.....	45
3.1 Corpus.....	47
3.2 Sistema Categorial.....	48
TAREFAS DESCRITIVA E INTERPRETATIVA	57
4. TAREFAS DESCRITIVA E INTERPRETATIVA.....	59
4.1 Fase preparatória.....	59
4.2 Fase de Grupos	69
4.3 Fase a Eliminar	84
4.4 Final	97
4.5 Pós Euro.....	106
CONCLUSÕES	111
5. CONCLUSÕES	113
BIBLIOGRAFIA	115
6. BIBLIOGRAFIA	117

INDICE DE ANEXOS

Anexo I – Entrevista a Fernando Santos.....XXIII

Anexo II – Recortes Jornalísticos CD

Resumo

O Futebol exagera a vida e as grandes competições exageram o Futebol (Valdano, 2016). Os Mundiais e os Europeus são uns daqueles raros momentos em que países inteiros se unem em prol do seu Hino e da sua Bandeira. É a altura em que todos se perfilam diante de uma Identidade comum, explanando em campo a sua cultura e os seus valores.

“Os valores são o conjunto de «seres» (objetos, ações, ideais, pessoas, etc.) que possuem importância para os indivíduos ou grupos sociais” (Viana, 2007, p. 20), são critérios segundo os quais preferimos ou preterimos algo, revelando-se enquanto razões justificativas ou motivadoras das nossas ações.

Portugal, pela primeira vez na sua história, venceu uma grande competição de Seleções a nível máximo, o Euro 2016. Procurámos através de recortes jornalísticos analisar a comunicação do seleccionador nacional, Fernando Santos, ao longo de toda a competição, à luz de um quadro axiológico referencial.

A análise de conteúdo é do tipo confirmatória, tendo sido definido *a priori* um sistema categorial, partindo de toda a revisão bibliográfica. Este é constituído por: a) Valores vitais; b) Valores práticos; c) Valores hedonísticos; d) Valores estéticos; e) Valores lógicos; f) Valores éticos; g) Valor Sagrado

Dividimos a competição em 5 fases temporais, obedecendo à sua evolução cronológica: a) Fase Preparatória; b) Fase de Grupos; c) Fase a Eliminar; d) Final; e) Pós Euro.

Ao longo da nossa análise, foi possível verificar que Fernando Santos, no seu discurso durante o Euro 2016, enalteceu todos os valores estipulados no nosso quadro axiológico referencial. Porém, não os viveu com a mesma intensidade, nem eles ocuparam a mesma posição na sua globalidade axiológica, ao longo das diferentes fases competitivas.

PALAVRAS-CHAVE: FUTEBOL, EURO 2016, DISCURSO, COMUNICAÇÃO SOCIAL, VALORES

Abstract

Football exaggerates life and the big competitions exaggerate Football (Valdano, 2016). World Cups and European Championships are one of those rare moments where entire country's stand together to sing their Anthem and contemplate their Flag. It's the moment where everyone exalts their Identity, exhibiting in the pitch their culture and values.

Values are that which we seek to achieve or maintain according to our life as the standard evaluation. They are the motive power behind purposeful action. They are criteria according to which we prefer or we reject something, assuming themselves as justificative reasons for our actions.

For the first time in its history, Portugal managed to win a major international tournament, the Euro 2016. We analyzed through interviews present in newspapers the communication of Portugal's National Team manager, Fernando Santos, during the whole competition based on an axiological reference.

We used the content analysis to treat the data collected, defining the following categories of analysis: a) Vital values; b) Practical values; c) Hedonistic values; d) Esthetical values; e) Logical values; f) Ethical values; g) Sacred Values

We divided the Euro 2016 in 5 moments: a) Pre Euro phase; b) Group stage; c) Knockout phase; d) Final; e) Final reactions

During our analysis it was possible to conclude that Fernando Santos, during his Euro 2016 communication, extolled all the values. However they didn't show the same intensity in all moments and neither they occupied the same axiological position during the different phases.

KEY-WORDS: FOOTBALL, EURO 2016, COMMUNICATION, SOCIAL COMMUNICATION, VALUES

INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

Vivemos tempos soturnos, envoltos numa nebulosidade identitária. As diferentes culturas oscilam nos seus fundamentos. A crescente homogeneização condicionada pela globalização paira ameaçadora sobre a diversidade que nos caracteriza, sobre os valores que nos sustentam.

Os últimos trinta anos apresentaram-nos um progresso tecnológico desenfreado e o progresso moral que o devia acompanhar, deixou de ser, pura e simplesmente, progresso e entrou em regressão (Saramago, 2008), afundando-nos num marasmo axiológico.

É necessário refletir sobre o caminho que estamos a seguir, ou o caminho para onde nos empurram deliberadamente, em nome de um totalitarismo dissimulado que nos promete tudo, vende-nos a sua felicidade e cria necessidades que não tínhamos (Saramago, 2008).

Perante a vertigem de mudança deste tempo (Patrício, 1993), é fundamental (re)pensar os valores. É essencial que apelemos a uma insurreição ética (Saramago, 2008), construindo através dela o nosso próprio futuro.

O Desporto assume-se na contemporaneidade como um dos mais importantes fenómenos sociais. Trata-se de “um epifenómeno, visto que não sendo fundamental para a existência Humana, funciona como um complemento que lhe é fundamental” (Maciel, 2011, p. 43). A natureza desportiva acarreta em si uma constelação de valores intrínsecos que importa valorizar.

Numa sociedade desnorteada, cada vez mais desprovida de sentido, o Desporto parece fornecer bússolas orientadoras com a missão de guiar os Homens desnutridos (axiologicamente falando) que o praticam em direção ao alimento regenerador, procurando contribuir, de certa forma, para uma mudança efetiva da sociedade.

O Futebol é a modalidade desportiva mais universal à face da terra (Soriano, 2010). Para Valdano (2016, p.302), o futebol é um jogo infinito, composto pela “memória (que nos relembra o passado), pela emoção (que é o presente) e pelos sonhos (que apontam para o futuro) ”.

O futebol movimenta recursos económicos astronómicos em todo o mundo. Simultaneamente, desperta paixões e ódios em milhões de pessoas de todos os recônditos do planeta, oferecendo-lhes uma oportunidade de fuga ao seu quotidiano agrihoador (Valdano, 2016), originando verdadeiros terremotos emocionais.

O impacto socioeconómico das grandes competições futebolísticas, tais como os Europeus ou os Mundiais, em termos globais, é gigantesco, como teremos oportunidade de demonstrar mais adiante.

Esse facto, somado à vitória lograda por Portugal no Europeu de 2016, faz com que seja extremamente pertinente, analisar, no contexto de uma sociedade em que a economia determina a política (Saramago, 2008), e o capital determina a vida, o discurso do seu treinador, Fernando Santos, ao longo da competição, reproduzida pela comunicação social, à luz de um quadro axiológico, refletindo sobre os valores presentes nas suas palavras e o seu impacto.

Pretenderemos, ao longo deste trabalho, refletir sobre o conceito de «valor», apresentando um quadro axiológico referencial, por onde nos possamos guiar para analisar o conteúdo das entrevistas concedidas por Fernando Santos, desde a divulgação oficial da lista de convocados até ao final do Euro 2016, transcritas do *Jornal Record* e do *Jornal de Notícias*.

REVISÃO DA LITERATURA

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Introdução

"A visão simplificada diria: a parte está no todo. A visão complexa diz: não apenas a parte está no todo; o todo está no interior da parte que está no interior do todo!"

Edgar Morin

O ponto de interrogação que envolve o conceito de Vida, e consequentemente da Morte, é, desde sempre, a questão basilar e orientadora do Homem: é a dúvida superintendente, mãe de todas as interrogações e o fim de todas as ciências humanas.

É a ânsia de encontrar respostas, ou revelações, que está na origem, e que sustenta, todas as crenças que embalaram, e embalam, as esperanças humanas. É o desejo insaciável de alcançar esse horizonte distante que possibilitou, e possibilita, o desenvolvimento Humano em todos os seus domínios e que contribuiu para o surgimento e a consolidação de uma infinidade de disciplinas polimórficas e complexas que procuram aproximar-nos da resolução desse mistério.

A Filosofia é uma das disciplinas originadas a partir da necessidade humana de introspeção diante do mistério da Vida. É essa reflexão que abarca, alicerça e fundamenta, as questões gerais e fundamentais relacionadas com a natureza da existência humana, possibilitando o surgimento de uma panóplia de questões e reflexões complementares e indissociáveis.

Em termos etimológicos, a palavra filosofia significa «amor à sabedoria», estando inicialmente relacionada com o que hoje chamámos de mitologia e cosmologia (Mora, 1991). “Segundo Platão e Aristóteles, a filosofia nasce da admiração e da estranheza; mas enquanto para o primeiro é o saber que, ao estranhar as contradições das aparências, chega à visão do que é

verdadeiramente, das ideias, para o segundo a função da filosofia é a investigação das causas e princípios das coisas” (Mora, 1991, p. 160).

2.2 Filosofia dos Valores

"A moderna «Filosofia dos Valores» não tem uma origem singular, mas plural" (Patrício, 1993, p.42). A noção de valor emergiu progressivamente na filosofia moderna desde o fim do século XVIII (Dumas, 1999). A filosofia de Kant é nitidamente uma filosofia do valor, apesar de não recorrer a este termo. Na Teoria Moral de Kant, “não há objeto de contemplação, a razão propõe-nos um mundo para fazer, a lei moral torna-se o fim incondicionado pelo qual os objetos se tornam meios; a moral não é a arte de tornar feliz, mas de nos tornar dignos (*axios*) da felicidade” (Dumas,1999, p.337).

Nietzsche teve uma contribuição decisiva na difusão da ideia de valor, "enquanto teoria autónoma, separada do corpo geral de uma filosofia" (Patrício, 1999, p.42). Ao interpretar as atitudes filosóficas não “como posições do pensamento ante a realidade, mas como a expressão de atos de preferir e preterir, deu grande impulso ao que se chamou logo «teoria dos valores» ” (Mora, 1991, p.409). "Falou explicitamente de valores, de inversão de todos os valores, da transmutação de todos os valores, colocando o valor, ou a sua ausência total, no coração das diversas filosofias e das diversas mundividências" (Patrício, 1993, p.42). Deste modo se desvendava o valor como fundamento das concepções do mundo e da vida (Mora, 1991).

No entanto, é sobretudo com a denominada «Escola de Baden» - linha de pensamento que se inicia com Lotze e que confronta o "pensamento ético de Kant, com o subjetivismo e com o relativismo, procurando determinar com rigor as características do reino dos valores" (Patrício, 1993, p.42) - que se materializa a filosofia dos valores, destacando-se entre outros, Wilhelm Windelband e Heinrich Rickert e mais tarde Max Scheler e Nicolai Hartmann (Patrício, 1993).

Embora as origens da axiologia se encontrem na comunidade filosófica de língua alemã, o movimento axiológico encontrou grande repercussão nos anos subsequentes, impulsionada, especialmente, pela filosofia francesa e de língua castelhana, tendo-se penetrado rapidamente em todo o corpo da filosofia contemporânea (Patrício, 1993).

2.3 O que entendemos por valor?

A origem da noção de valor não é filosófica, mas económica (Dumas, 1999). O valor atravessa de uma ponta à outra o mundo da economia: "os problemas económicos, as mercadorias, têm valor; o trabalho tem valor; os equipamentos industriais agrícolas e comerciais têm valor; o dinheiro tem valor" (Patrício, 1993, p.40), sendo a representação do valor económico.

Contudo, o termo «valor» utiliza-se em contextos linguísticos de muitas outras e diversas ordens, que, para além da ordem económica, incluem a ordem estética, a ordem funcional, a ordem ética, a ordem vital, a ordem lógica (Patrício, 1993). Caracterizando pessoas, atos, objetos e/ou conhecimentos, por exemplo, como tendo valor, ou sendo valorosos. O que evidencia que "o campo linguístico de uso do termo «valor» é extremamente vasto, e não apenas em extensão" (Patrício, 1993, p.41).

A questão do valor é transversal a várias áreas do conhecimento que, para além da filosofia, inclui a psicologia, a sociologia e antropologia, entre outras, originando diferentes interpretações, significados e definições.

Viana (2007), na sua obra intitulada de «Os Valores na Sociedade Moderna», apresenta um estudo de revisão onde aborda as várias conceções de valor proposto por variados autores.

Na perspectiva da psicologia o valor é o que desejamos e apetecemos, manifestando-se nas nossas relações de ordem emotiva com determinado objeto (Dumas, 1999). Um valor revela uma relação entre as emoções humanas e determinadas categorias cognitivas. O facto de qualquer cognição poder estar associada a uma emoção, faz com que o número de valores que um homem seja capaz de ter, apenas se encontre limitado pelo número de cognições que o mesmo possa albergar (Viana, 2007).

“O aspeto sociológico dos valores é inegável” (Dumas, 1999, p.338). Os valores exprimem-se em função das escolhas feitas pelos indivíduos. Toda a escolha pressupõe uma valorização da coisa escolhida em detrimento da coisa preterida. Os valores, porém, não se resumem à subjetividade dos diferentes indivíduos, traduzindo-se essencialmente em normas objetivas, estabelecidas pela sociedade para regular o comportamento e a conduta dos homens que a integram, tendo como função padronizar os comportamentos à ordem existente (Viana, 2007). Dessa forma, denomina-se de valor um elemento pertencente a um sistema simbólico partilhado que tem como finalidade apresentar determinados critérios ou padrões de seleção entre diferentes alternativas de orientação que são intrinsecamente viáveis numa situação (Viana, 2007).

Todo o valor é a apreciação de um sujeito, possuindo no entanto uma certa objetividade (Dumas, 1999). Essa objetividade é oriunda da interiorização de desejos e objetivos socialmente aprovados, através do processo de condicionamento, aprendizagem ou socialização, que se manifestam em referências padrões e em aspirações aparentemente subjetivas (Viana, 2007).

Os valores organizam-se num «ideal» que as diferentes sociedades propõem aos seus membros, interligando-se com as conveniências de uma coletividade. Tal ideal orienta os pensamentos e os atos através de valores superiores e universais (Dumas, 1999), num sistema ou numa escala de valores que deve ter certa coerência, ainda que implique certas contradições (Viana, 2007).

Um valor é uma crença, geralmente duradoura, na qual o homem se fundamenta para atuar por referência. Apresenta modos específicos de conduta, assim como estados definitivos de existência, que são pessoais ou socialmente preferíveis em comparação com modos opostos de conduta ou estados definitivos de existência (Viana, 2007). Influencia a seleção dos modos, meios e fins da ação, procurando conduzir um indivíduo ou um grupo àquilo que é considerado como o desejável.

Em termos filosóficos podemos afirmar que os valores são qualidades «sui generis» que possuem alguns objetos e/ou bens. Ou seja, "são entes «parasitários» que precisam de objetos «depositários» de valor, pois só existem apoiando-se em objetos reais" (Viana, 2007, p. 17), não existem por si mesmos. "Os valores não são objetos físicos como os corpos, nem metafísicos como as substâncias, nem psicológicos como os pensamentos, nem espirituais, como as almas" (Branco, 1997, p. 283).

Posto isto, ficamos a conhecer sinteticamente algumas das diferentes concepções de valor, sendo possível verificar que o valor é facilmente utilizado como sinónimo de moral, surgindo a partir daí a insistência em reduzir o valor a normas. Também é comum interligar o valor com o atributo que damos às coisas, utilizando-os como mecanismos de escolhas (Viana, 2007). "O termo «valor» tem, pois, para além de significados particulares, um significado geral, configurador de um campo semântico geral." (Patrício, 1993, p.41)

2.4 Valores: A nossa perspetiva conceptual

"Os valores são o conjunto de «seres» (objetos, ações, ideais, pessoas, etc.) que possuem importância para os indivíduos ou grupos sociais" (Viana, 2007, p. 20), são critérios segundo os quais preferimos ou preterimos algo, revelando-se enquanto razões justificativas ou motivadoras das nossas ações.

"Portanto, se dissermos que algo é um valor, queremos simplesmente dizer que ele é significativo, importante" (Viana, 2007, p. 20).

Os valores, apesar de não serem atributos naturais dos seres (objetos, ações, ideias, pessoas, etc.), são atributos que lhes são fornecidos pelos seres humanos (Viana, 2007), radicando nos seres e neles estando depositados. "O valor supõe certa perfeição que em maior ou menor grau existe nos seres e os faz aptos para satisfazer as tendências humanas" (Branco, 1997, p. 283). Dessa forma, dentro do valor atribuído a cada coisa, a valoração atribuída por cada um pode variar. Porém, isso não significa, de todo, que os valores são subjetivos (Viana, 2007).

Assim, torna-se necessário estabelecer uma distinção entre valoração primária e valoração derivada (Viana, 2007). A primeira relaciona-se com os valores fundamentais do indivíduo, sendo simultaneamente, um recurso mental para as nossas demais escolhas ou constituição de valores, enquanto o segundo constitui os demais valores, abarcando qualquer referência a objetos, por exemplo. (Viana, 2007).

A nossa tomada de decisão, ou seja as nossas escolhas ou preferências são em grande medida influenciadas pelos nossos valores. Os valores podem ser definidos a partir das várias dimensões da ação humana. "Os valores são espacial e temporalmente omnipresentes; não valem aqui ou ali, nem agora nem antes, nem depois; valem simplesmente" (Branco, 1997, p. 283).

A axiologia formal atribui aos valores as seguintes características (Mora, 1991):

a) O Valer.

"Na classificação dada pela teoria dos objetos, há um grupo destes que não pode concretizar-se pelo ser, como os objetos reais e os ideais" (Mora, 1991, p.410). Dessa forma, afirmamos que o valor vale, não é. "O valor é valente,

«não é ente nem é válido» - o valor é o que vale, então é o que é, válido é o que tem validade" (Patrício, 1993, p.43). A sua forma de realidade não é o ser ideal nem o ser real, mas o ser valioso. Logo, a realidade do valor é o valer (Mora, 1991).

b) A Objetividade.

Os valores são objetivos. "Não dependem das preferências individuais" (Mora, 1991, p.410), mantendo a sua autonomia, ou forma de realidade (Mora, 1991), relativamente a "qualquer apreciação subjetiva e arbitrária" (Patrício, 1993, p.43). O ser dos valores não é constituído por preferências individuais, tornando a sua realidade independente dessas preferências (Patrício).

c) A Não-Independência.

Os valores são independentes do ato subjetivo da preferência, (Patrício, 1993, pp. 43-44) sendo, no entanto, "ontologicamente dependentes, uma vez que não existem fora da realidade, mas na realidade, nas coisas e acontecimentos reais" (Patrício, 1993, p.44). "Por isso os valores fazem sempre referência ao ser e são expressos como predicções do ser" (Mora, 1991, p.411).

d) Polaridade.

Os valores apresentam-se sempre polarmente, são positivos ou negativos, necessariamente (Patrício, 1993), porque não são entidades indiferentes como as outras realidades (Mora, 1991). "A um valor positivo opõe-se sempre um valor negativo, e vice-versa" (Patrício, 1993, p. 44).

e) Qualidade.

Os valores são totalmente independentes da quantidade (Mora, 1991). Não sendo possível comparar quantitativamente os valores (Patrício, 1993).

f) Hierarquia.

"Os valores são comparáveis, por conseguinte, qualitativamente. A forma dessa comparabilidade é a hierarquia, que permite estabelecer relações de superioridade e inferioridade, de subordinante e subordinado" (Patrício, 1993, p.44).

Os valores são conceitos aos quais se dá determinado valor (conduzindo-nos à relação entre pensamento e a ação). E dar valor significa dar certa importância, dar uma importância relativa. "Daí que, para dar valor, seja necessário comparar a importância" (Andrade, 1997, p. 147). Surge então, como consequência, a necessidade de hierarquizar, de criar uma ordem de valores.

Segundo Patrício, as grandes ordens de valor a promover são as seguintes: a da vida; a da utilidade; a do prazer; a da verdade; a da beleza; a do bem; a do sagrado ou divino. No entanto, é possível cultivar, dentro de cada uma das ordens suprarreferidas, um número indeterminável de valores, sendo igualmente possível viver sem referência positiva a alguma ou algumas destas ordens ou hierarquizá-las de diferentes modos (Patrício, 1993).

"Poderá mesmo admitir-se que cada vida se desenrola sob o signo de uma ordem dominante de valores, ou que tal suceda em períodos definidos de cada vida, reconhecendo-se nesta, conforme os casos, progressão, regressão ou rutura axiológica" (Patrício, 1993, p.21).

2.5 Ordem de Valores Referencial

Adotamos a ordem de valores apresentada por Manuel Patrício na sua obra denominada «Lições de Axiologia Educacional» para estabelecermos um quadro axiológico referencial.

2.5.1 Valor Vital

O valor vital é o valor da vida, o firmamento dos valores que envolvem o Homem, sendo o valor primário da existência humana, aquele que procura garantir e preservar a vida, sustentando, determinando e possibilitando o aparecimento de toda a restante escala de valores.

A Ética, na sua origem filosófica, procurou uma reflexão a respeito de como se vive e de como se deve viver. Foram essas reflexões que permitiram identificar a presença e a influência de valores nas vidas humanas, assim como a presença da vida entre os valores humanos, contribuindo para o caráter ético da vida.

Na contemporaneidade, os progressos vertiginosos na área científica e tecnológica vieram confrontar o Homem com várias questões emanantes a partir do valor da vida. Esta necessidade emergente de pensar eticamente os novos conhecimentos científicos, juntamente com as suas aplicações e os seus impactos na vida humana, estiveram na origem da Bioética.

A Bioética é, sucintamente, uma disciplina que se situa entre a Ética e a Biologia, que, não sendo propriamente uma ética no sentido filosófico do termo, nem uma biologia, no sentido científico da palavra, veio para colocar o ser humano diante do seu compromisso com o caráter universal dos valores, no qual a vida se apresenta como um valor entre os valores.

A Bioética relaciona-se profundamente com o valor vital, afirmando que o ser humano, como portador da vida, é também capaz de pensar, manter, transmitir e compreender emocionalmente a vida. O valor da vida reside neste impulso vital que se situa entre a vontade de viver e a continuidade da vida.

2.5.2 Valores Práticos

Os valores práticos são os valores instrumentais, aqueles que servem e permitem realizar plenamente todos os outros valores. O facto de sustentarem, juntamente com o valor vital, toda a restante hierarquia de valores, concede-lhe uma enorme importância axiológica.

Prático é o que serve para outra coisa que é um fim, sendo a coisa prática um meio. Daí podermos afirmar que o prático é um «fazer», uma linguagem da «poiética». O pensar é também um «fazer», isto é, o pensar é uma «forma de fazer» (Patrício, 1993). "É um fazer a linguagem que o pensamento é, ou em que se concretiza, em que ganha forma. Pensar é transformar: é transformar a realidade da consciência. Com o pensar ou a consciência passa do informe à forma ou de uma forma a outra forma." (Patrício, 1993, p. 102) "Só se faz e só se pensa porque, sob isso, se fala" (Patrício, 1993, p. 75); toda a «noética» cai dentro da «poiética» (Patrício, 1993).

"A prática humana estende-se para além das chamadas necessidades vitais" (Patrício, 1993, p.94), procurando a subsistência do organismo vivo e a perenidade da própria vida através do pensar e do concretizar (Patrício, 1993). A inteligência do homem visa a ação, sendo o pensamento um meio para essa mesma ação. A isto fica reduzida toda a atividade intelectual do ser humano, desde a mais rudimentar à mais sofisticada. "Deste modo, os valores práticos ultrapassam em muito a esfera do biológico, aparecendo ao serviço das atividades e valores mais nobres do homem" (Patrício, 1993, p.94), estendendo-se para além das atividades puramente práticas.

Os valores práticos, no seu sentido mais lato, são aqueles "que asseguram a satisfação das necessidades da vida no seu entendimento biológico" (Patrício, 1993, p.92), através da ação e/ou do concretizar, mediante um «fazer teórico» e um «fazer prático», ou seja, a interligação entre o pensar e o agir, que se assume como uma relação indissociável e com uma forte interdependência. A atividade prática visa a produção de coisas (Patrício, 1993).

Só dominando o «fazer» é que poderemos ter abertura para que todos os restantes valores se manifestem. Existindo, em todos os casos, uma prática culminante servida por práticas instrumentais. Os valores práticos são necessários a todos os restantes valores, enquanto valores práticos instrumentais, servindo para realizar plenamente quaisquer outros valores. (Patrício, 1993).

2.5.3 Valor Hedonístico

O valor hedonístico é oriundo do Hedonismo que consiste numa doutrina filosófico-moral, que determina que o bem supremo, ou seja, o fim último da ação, e consequentemente da vida humana, é o prazer.

Etimologicamente, a palavras hedonismo vem do grego *hedonikas*, que significa «prazeroso». A sua origem remete à Grécia Antiga, sendo que Aristipo de Cirene é considerado o fundador do hedonismo filosófico.

O hedonismo é muitas vezes confundido com o epicurismo, apesar das inúmeras diferenças entre ambas as doutrinas. Epicuro, o precursor do epicurismo, defende que o prazer deve ser regido pela razão, promovendo a moderação dentro da doutrina, ao contrário do que se verifica no hedonismo. Segundo a sua perspetiva, "todos os prazeres devem convergir harmoniosamente para o bem-estar físico e espiritual do indivíduo, sendo este bem-estar que verdadeiramente constitui o prazer" (Patrício, 1993, p. 113).

O Utilitarismo é considerado o hedonismo filosófico moderno. É uma doutrina ética que se fundamenta numa concepção mais ampla de prazer, que entendemos como felicidade, promovendo o bem-estar de todos em detrimento de apenas um indivíduo. O «bem» é definido como sendo esse tal bem-estar, esse contentamento, levando a que toda a ação moral se constitua por ele.

"Os valores hedonísticos não aparecem autonomamente na generalidade das classificações axiológicas" (Patrício, 1993, p.110). Porém, as condições da sociedade atual conferem ao prazer uma posição determinante no quotidiano. Os homens movem-se, cada vez mais, sustentados pelos seus sentimentos e pelas suas sensações, afastando-se da dor, valorizando o seu bem-estar.

2.5.4 Valores Estéticos

"O termo «estética» tem origem no grego *aisthesis*, que significa percepção ou sensação" (Patrício, 1993, p. 122), sendo a disciplina que tem por objeto formal a reflexão sobre a beleza.

"A estética é um modo de percepção da realidade - de um objeto, de uma atividade. Supõe por isso manifestação de interesse, tomada de atitude e funde-se na experiência, na sensibilidade, no conhecimento, na consciência" (Marques, 1993, p. 32). No entanto, é importante sublinhar a arte que não existe fora dos sentidos. "O Belo manifesta-se na experiência sensível" (Patrício, 1993, p. 117).

Existem dois níveis de experiência sensível: a sensorialidade e a sensibilidade. A sensorialidade é relativa a tudo o que é sensório, ou seja, é o que nos permite aceder à sensação pura. A sensibilidade é tudo aquilo que é percebido através dos sentidos, é o que nos torna suscetíveis aos estímulos sensoriais, permitindo-nos aceder à beleza (Patrício, 1993). "A beleza é distinta e mais rica que a pura sensação. Enquanto esta nos fornece apenas a presença de algo

que é, aquela fornece-nos a presença do valor estético nesse algo" (Patrício, 1993, p. 118).

Não é a realidade que é estética, mas a percepção que temos dela. Dessa forma, e dependendo da nossa sensibilidade e consciência estética, toda a nossa compreensão estética está sujeita a juízos de valor, que expressam diferentes qualidades, como o belo e o feio, o gracioso e o sem graça, o profundo e o superficial, etc., que se assumem como categorias da estética (Marques, 1993).

O Belo relaciona-se com a Ideia. Toda a experiência estética tem uma tônica sentimental, assim como toda a experiência filosófica tem uma tônica racional e especulativa (Patrício, 1993). Essa relação interdependente e profunda é o que permite fundir as sensações ou percepções que algo nos transmite numa ideia acerca desse algo, criando o valor estético inerente. "Há, pois, uma relação indestrutível entre a esfera do prático e a esfera do estético" (Patrício, 1993, p. 120).

2.5.5 Valores Lógicos

Todo o conhecimento lógico, racional e demonstrativo - aquele que pode dar-se à razão - vive conectado através de um laço íntimo com o conhecimento intuitivo, irracional e mostrativo - aquele que é evidente por si mesmo (Patrício, 1993).

A obra de Kant, «Crítica à Razão Pura», é uma evidenciação disso mesmo. Kant aborda um conhecimento que começa por ser sensível, elevando-se a intelectual e terminando como racional. Mostrando, na sua obra, que existe a impossibilidade de um conhecimento ser racional se não começar por ser sensível, sugerindo que todo o conhecimento racional tem na base a intuição sensorial (Patrício, 1993).

Assim, consideramos os valores lógicos como sendo "os valores de verdade, quer esta se apreenda pela razão demonstrativa quer pela intuição mostrativa quer, finalmente, pela intuição racional" (Patrício, 1993, p.132).

É, no entanto, de capital importância esclarecer o que entendemos por «verdade». Patrício, na sua obra intitulada de «Lições de Axiologia Educacional», aborda a definição de verdade tendo em conta as diferentes interpretações do termo, compreendendo a sua origem latina e grega.

Dessa forma, verificámos que na língua latina o termo «verdade» parte do vocábulo «*veritas*» que significa o «real», o «verdadeiro», levando a que o termo «verdade» seja utilizado como outro nome da «realidade». Na sua origem grega, o termo «verdade» nasce do vocábulo «*alétheia*» que significa o não-latente, o que já está patente. (Patrício, 1993).

Em termos filosóficos as diferentes abordagens do termo «verdade» resultam em dois sentidos distintos, sendo o primeiro ontológico (centrado na realidade) - "a adequação (ou conformidade, ou correspondência) da mente (intelecto) à coisa (ao ente) é a verdade" (Patrício, 1993, p. 134) - e o segundo o lógico, gnoseológico e epistemológico (centrado no conhecimento da verdade) - não existindo verdade integralmente objetiva, independente do sujeito que a vê, a vive e eventualmente a constrói, ou seja, "passar da não-verdade à verdade é passar da latência à patência, da ocultação da verdade à sua desocultação" (Patrício, 1993, p. 134).

A verdade como valor não o pressupõe em si mesmo, nem em nós, mas sim como um valor de nós mesmos. "A verdade só se dá ao ser humano que se eleva em valor à altitude da realidade que se mostra no seu ser" (Patrício, 1993, p.135).

2.5.6 Valores Éticos

A palavra ética é de origem grega, proveniente do vocábulo «*êthos*». O «*êthos*» possui dois significados fundamentais. O mais antigo, traduzia-se como «residência», «morada», «lugar onde se habita» (Patrício, 1993), inicialmente tendo como referência os animais, nomeadamente os locais onde se criavam e se encontravam, e numa fase posterior aludindo-se à morada dos homens e dos povos. Mais tarde, a partir de Aristóteles, a palavra Ética passou a traduzir-se de uma forma um pouco diferente, procurando enaltecer o «modo de ser» ou «carácter» de alguém (Patrício, 1993), compreendendo as disposições do homem na vida, o seu modo ou forma de viver e a sua moral.

Embora o termo Moral seja muitas vezes utilizado como um sinónimo de Ética, importa esclarecer que ambos são conceitos distintos. Etimologicamente, o termo moral tem origem no latim «*morales*», cujo significado é «relativo aos costumes». "Os costumes são um ato habitual em contexto social pré-fixado" (Patrício, 1993 p.140), ou seja, são um conjunto de regras adquiridas através da cultura, da educação, da tradição e do quotidiano, que guiam o comportamento humano dentro de uma sociedade, regulando um modo de agir, tendo como base um conjunto de valores e convenções. A Moral deflui do princípio ético, sendo julgado por referência a ele levando a que exista "uma pluralidade de costumes defluentes do mesmo princípio ético" (Patrício, 1993, p.140).

O referencial do ato ou do comportamento ético é o «Bem», o «Correto», o «Certo», ou seja, comportamentos que realizam objetivos próprios do homem no seio de uma sociedade concreta, tornando cada homem responsável pelos seus atos e comportamentos (Patrício, 1993). O carácter específico dos valores éticos exprime-se com o adjetivo «bom».

Cada pessoa é condição e limite dos seus próprios atos. O sujeito dos atos éticos emerge em cada decisão que toma, fazendo da decisão a culminância

do ato ético. O dever ético é indissociável do poder agir eticamente, apesar das condições e limites de cada situação. A ação ética é inevitavelmente concreta (Patrício, 1993).

A relação ética é, na sua essência, uma relação altruísta. "No cerne da relação ética encontra-se a responsabilidade pelo outro" (Patrício, 1993, p.158). No entanto, esta é impensável e irrealizável sem a responsabilidade por si mesmo, sem a autorresponsabilidade (Patrício, 1993).

A Moral relaciona-se com os comportamentos éticos concretos, realizados numa dada sociedade num dado momento, estando vinculados a determinados costumes ou crenças. A Ética tem relação com princípio normativo desses comportamentos, identificando-se com julgamentos inerentes à condição humana. Dessa forma, "a Ética é a base principal normativa da Moral" (Patrício, 1993, p.140), sendo que a mutabilidade e diversidade dos costumes são explicados "pela referência dinâmica ao princípio ético uno e imutável" (Patrício, 1993, pp. 140-141).

O vocábulo ética deve ser reservado para o reino dos valores éticos, incluindo os princípios, as categorias e as normas. O vocábulo moral deve ser reservado para o comportamento concreto e a vivência que os homens têm dos valores éticos. Neste sentido, a Ética é intrinsecamente contrastante com a Moral e em contradição com ela (Patrício, 1993).

A palavra ética, atualmente, pode assumir três sentidos distintos, referindo-se, por exemplo, a) à ordem moral ou ordem ética, isto é, à totalidade do dever moral, b) à estrutura fundamental de ideias morais ou ideias éticas, reconhecidas por um indivíduo ou por um grupo e c) à conduta moral efetiva de um indivíduo ou de um grupo, ou seja, à sua moral efetiva. A relação axiológica fundamental do homem, aquela que funde qualquer outra, é a relação ética, que é a relação com o «Bem» (Patrício, 1993).

2.5.7 Valor Sagrado

Os valores religiosos são aqueles que se reportam ao Santo, ao Sagrado (Patrício, 1993), que, segundo Rudolf Otto é "uma categoria explicativa e valorativa que como tal se apresenta e nasce na esfera religiosa", sendo "completamente inacessível à compreensão por conceitos" (Patrício, 1993, p. 168).

Roger Caillois, no preâmbulo da sua obra denominada «O Homem e o Sagrado», refere que "sobre o sagrado em geral, a única coisa que se pode afirmar com validade está contida na própria definição do termo: é que ela se opõe ao profano" (Caillois, 1979, p. 15). Acrescentando, uns parágrafos mais adiante que "o sagrado desenvolve uma ação fasta ou nefasta e recebe as qualificações opostas de puro e de impuro, de santo e de sacrílego que definem com os seus limites próprios as fronteiras inerentes à extensão do mundo religioso" (Caillois, 1979, p.37).

O culto expresso a Deus desempenha um papel importante no cumprimento do dever moral que pressiona o homem durante o decurso da sua vida (Patrício, 1993), revelando-se como um valor culminante, agregador de todos aqueles que o sustêm. Todo o sentido axiológico da religião decorre da sua imediata referência a Deus.

A Ideia de Deus contém elementos racionais e irracionais, existindo, porém, uma primazia em relação aos elementos irracionais. No tocante à ideia de Deus, "o racional é predicado de algo irracional - de algo que não é possível dar a razão" (Patrício p168). Embora a esfera religiosa seja incompreensível à luz de conceitos, tem uma inegável preponderância no Homem, manifestando-se através dos seus símbolos e da sua capacidade em converter elementos irracionais em racionais, conferindo-lhe sentido.

“O homem religioso é aquele para quem existem dois meios complementares: um onde ele pode agir sem angústia nem tremor, mas onde a sua ação não compromete senão a sua pessoa superficial, outro onde o sentimento de dependência íntima retém, contém e dirige cada um dos seus impulsos e onde ele se vê empenhado sem reserva” (Caillois, 1979, p. 19).

Embora a sociedade atual padeça de uma crise significativa no que concerne à consciência religiosa, esta parece ser um fator unificador e fornecedor de um ou vários sentidos para a vida humana cada vez mais desprovida de significação. “Sem dúvida, na medida em que todo o indivíduo é membro de uma sociedade, o fenómeno do sagrado só reveste a sua verdadeira significação à escala desta última; mas nem por isso deixa de ser a alma individual que é por ele fascinada, nem por isso deixa de ser nela que ele vive. O Valor do sagrado é-lhe sensível sem intermediário e ajusta-se imediatamente às suas necessidades” (Caillois, 1979, p. 32)

É importante salientar a existência de uma polidimensionalidade axiológica no Homem que não o permite viver apenas com referência a um valor, mas sim a uma estrutura plural de valores. A vivência axiológica do Homem, mesmo quando centrada num valor particular, ressoa sempre por todo o seu universo de valores. A isso denominamos de princípio da globalidade axiológica (Patrício, 1993).

"Todo o homem vive todos os valores, mas não os vive com a mesma intensidade nem eles ocupam na sua vida axiológica global a mesma posição estrutural. Há tónicas axiológicas." (Patrício, 1993, p.107) A minimização de qualquer componente da estrutura repercute-se negativamente nas outras componentes e na globalidade propriamente dita da estrutura. Como afirma Manuel Patrício (1993, p.115): "o princípio da hierarquia, ou da subordinação dos valores inferiores aos valores superiores, afirma que o critério decisivo da

positividade ou negatividade de um comportamento axiológico é sempre a congruência com os valores de nível superior."

2.6 Uma breve caracterização da contemporaneidade

"Assistimos, nos últimos trinta anos, a uma das mais aceleradas transformações que poderíamos imaginar" (Coelho, 2004, p.122). A queda do muro de Berlim, e o consequente colapso da URSS e do «socialismo científico», fizeram com que de um mundo completamente bipolarizado - social, económica e politicamente - emergisse uma nova ordem mundial, dominada por um sistema político-económico único à escala global, baseado nos ideais capitalistas: o neoliberalismo.

O neoliberalismo representa uma nova fase do sistema capitalista que, tendo como base a ideologia liberal, impõe-se, no contexto internacional, de acordo com os interesses de grandes grupos económicos, reduzindo ao mínimo a intervenção do Estado no plano económico e no mercado de trabalho, promovendo políticas de privatização de empresas estatais, permitindo "que alguns interesses privados controlem, com mão resoluta, a vida social, visando maximizar o seu lucro pessoal" (Sérgio, 2006, p. 117).

O aumento da produção - e do respetivo consumo - é tido como o objetivo básico para atingir o desenvolvimento económico, conduzindo à total liberalização e flexibilização dos mercados (fundidos num mercado universal) que, juntamente com a adoção de medidas contra o protecionismo económico e a redução de barreiras aduaneiras, promovem a competitividade e a livre iniciativa empresarial, permitindo a emergência de empresas multinacionais e a livre circulação de capitais internacionais, auxiliadas pelo fenómeno da globalização.

A globalização tornou-se, involuntariamente, no meio privilegiado de expansão da economia capitalista (Sérgio, 2006) consolidando uma integração político-

económica de âmbito global, levando a uma interdependência económica, traduzida na formação de blocos económicos para fins comerciais e criando nas «geografias pós-modernas» um misto de «não-lugares» e de «cidades globais», responsáveis por uma progressiva imaterialização da vida, isto é, uma emergência do virtual, assim como uma precipitada aceleração do viver (Coelho, 2004).

Estados e sociedades estão cada vez mais emaranhados nestes sistemas de conexidade generalizada (Coelho, 2004). “Pela globalização, apoderou-se do mundo (um mundo cada vez mais injusto, mais desigual) um economicismo, onde os valores são aqueles que permitem e aplaudem o domínio das hegemonias político-financeiras” (Sérgio, A Bola, 2014), expondo-nos “perante uma verdadeira reformulação dos princípios reguladores da vida social e da ordem do mundo” (Coelho, 2004, p.111). “É uma sociedade informacionalizada - transformada nas suas estruturas, nos seus modos de perceção, de reflexão e de transmissão” (Coelho, 2004, p.119).

O mundo é hoje percorrido por fluxos de mercadorias, capitais e pessoas, que circulam através de “infraestruturas físicas (sistemas de transporte), normativas (quadros de valores adotados em comum, ou impostos...), simbólicas (através da evolução das tecnologias de comunicação e informação” (Coelho, 2004, pp. 107-108). O liberalismo económico, se não origina regimes totalitários, produz «regimes globalitários», os quais se constituem nos dogmas da globalização e do pensamento único (Sérgio, 2006, p. 119). O país tradicional oscila nos seus fundamentos, na sua identidade nacional. A velocidade alucinante da pós-modernidade põe em causa o alicerce sagrado da tradição. (Patrício, 1993).

2.7 Crise Axiológica

O desvanecimento de várias fronteiras (físicas, económicas, sociais, culturais...) ao longo do último século, e especialmente nas últimas três décadas, têm-se revelado uma ameaça à identidade cultural das diferentes sociedades e sobretudo às referências axiológicas que as sustentavam. “As máquinas tecnológicas que hoje produzem sempre mais comunicação são poderosíssimas máquinas de produção de novas subjetividades em que a noção de sujeito se dissolve ou evapora na ilusão de uma comunicabilidade generalizada” (Coelho, 2004, p.55).

Uma das consequências deste processo hipercomplexo é a crescente descaracterização cultural pelo qual as sociedades contemporâneas têm sido corroídas. Aliado à globalização existe a procura de uma padronização global, conduzindo-nos em direção a uma inevitável homogeneidade, com graves repercussões sociais, no que concerne aos costumes de determinada cultura ou região, e da sua respetiva identidade. As transformações frenéticas, efetivas e incontornáveis do mundo em que vivemos, produziram, axiologicamente falando, um terramoto violento e devastador que nos tem arrastado para uma profunda «crise de valores» (Patrício, 1993). Em termos axiológicos, "o solo sobre o qual se aprendeu a andar, assim como aquilo se considerava eterno dissolveu-se no ar. O que era deixou de ser. O que valia deixou de valer: O que não se imaginava que pudesse vir a valer vale" (Patrício, 1993, p.26).

A crise axiológica é o resultado da soma de várias outras crises existentes no seio da sociedade. A deterioração do modelo de família, transmissor primário de valores, juntamente com a perda de influência de Instituições que deveriam ser orientadoras e construtoras de valores, como a escola, o Estado, e até a própria igreja, contribuem para uma nova perceção dos valores e um mal-estar, num pano de fundo de desilusão e inquietação (Patrício, 1993). O desenvolvimento materialista da sociedade e o prevalecimento do Ter sobre o Ser provocaram um esvaziamento do sentido da própria existência. Nas sociedades capitalistas os bens materiais tendem a transformar-se nos valores

de referência, alimentados por um marketing agressivo e sem escrúpulos, contribuindo para a falência dos valores tradicionais, ameaçando a própria coesão social. "O capitalismo triunfante, sempre que resolve um problema, origina outro inevitavelmente, já que não põe limites à ganância privada. Aqui, os bens deixam de referir-se à reprodução da vida, porque se centram na reprodução do capital" (Sérgio, 2006, p. 119).

Os «Tempos Modernos» prometem o "bem-estar pelo preço da liberdade imolada aos aspetos quantitativos e materiais da existência" (Sérgio, A Bola, 2014). Os próprios padrões morais correspondem à ideologia dominante: o valor está no capital, no acúmulo de riqueza, exacerbando o individualismo e o relativismo, fazendo com que os interesses pessoais se sobreponham aos interesses públicos. O relativismo axiológico é parente de um relativismo cultural. A subjetividade da consciência individual é aqui substituída pela subjetividade das culturas (Patrício, 1993). Os valores fundamentais, outrora bússolas orientadoras do comportamento humano, já não se reconhecem como alicerces do relacionamento humano. Levando-nos a questionar se “estaremos em condições de recuperar a perda de referências a que este processo, juntamente com a sua técnica, na sua voracidade desorientadora, nos parece condenar?” (Coelho, 2004, p. 15).

"Não há consciência axiológica, nem vida axiológica real e autêntica, sem consciência da sua identidade. Cada homem é um ser único, pessoal e intransmissivelmente confrontado com o problema e a realidade dos valores. Também cada cultura é uma individualidade única, possuidora de uma atitude axiológica pessoal e intransmissível, a qual tem de assumir, defender, desenvolver e promover" (Patrício, 1993, p.24).

2.8 Desporto: Uma constelação de Valores

O fenómeno desportivo é simultaneamente o reflexo e o produto da sociedade que o produz, transformando-se "nos tempos hodiernos num fenómeno sociocultural incontornável" (Maciel, 2011, p. 44). Segundo Constantino, o desporto "é o reflexo de uma sociedade onde o rendimento, o avanço científico e tecnológico, o desenvolvimento económico conflituam muitas vezes com a visão prometeica do progresso e do bem-estar social", contendo "as contradições inerentes a outras práticas sociais e à sociedade", não sendo uma "realidade transhistórica ou transcultural" (Constantino, 2007, p. 62).

O sistema desportivo é um subsistema do sistema social sendo condicionado pelo que ocorre na sociedade toda (Sérgio, 2006). É impossível dissociar o Desporto da própria sociedade, pois este é praticado precisamente pelos Homens que a compõe.

O Desporto é simultaneamente agregador e emanador de valores: por um lado absorve os valores inerentes às sociedades nas quais está inserido, sendo inevitavelmente moldado por eles, e por outro, incute nos Homens que o praticam os seus valores intrínsecos, contribuindo para a sua trans(formação), tendo "potencialidades para preencher múltiplas funções e assumir uma grande pluralidade de significados sociais", merecendo destaque "o impacto que este fenómeno assume ao nível da integração e coesão social" (Maciel, 2011, p.46).

Os seus praticantes (utilizando as palavras de Manuel Patrício referentes aos alunos que frequentam o sistema educativo) "provêm da comunidade e a ela regressam, nela vivem. É um vaivém quotidiano e um vaivém essencial" (Patrício, 1993, p. 28). Daí seja relevante afirmar que "no desporto espelham-se a vida e o homem" (Bento, 1993, p. 26), estabelecendo uma relação complexa e de interdependência. "Por um lado o desporto, é um reflexo da sociedade e por outro participa na evolução e na transformação da própria sociedade" (Garcia, 1993, p. 151), propondo à "sociedade valores que são fundamentais e a que esta parece aspirar sem os conseguir atingir" (Costa,

1993, p. 48), enquanto sorve e se molda perante os valores da própria sociedade.

O Desporto é "muito mais do que espelho duma realidade concreta, é a tradução dum imaginário coletivo que parte do que no homem é eterno" (Costa, 1993, p. 49). "É uma das variadas formas de conformar culturalmente a natureza animal, elevando-a a condição humana" (Bento, 1993, p. 27), contribuindo para desenvolvimento educativo, e, conseqüentemente, axiológico das diferentes sociedades, apresentando-se como um "meio de festejar a vida, de colocar e disciplinar a sua violência sob leis e princípios humanos, tornando-se um ato civilizador, de civismo e urbanidade" (Bento, 1993, p. 27). A sua vocação é ética, antes do mais (Sérgio, 2006).

A competição e a confrontação são a essência do Desporto. As pessoas opõem-se umas às outras "para medir forças, para sustentar a aposta de querer ser manifestamente mais forte, mais rápido, mais alto. Concorrem para ganhar, para obter vitórias e infligir derrotas" (Bento, 1993, pp. 25-26). Porém, associado a esta vontade de vencer, de ser melhor, de alcançar a excelência encontra-se todo um universo de valores que, pela sua natureza, são inerentes à prática desportiva "nomeadamente o respeito pelas regras e pelo adversário, árbitro ou juiz: o fairplay, ou jogo limpo; a tolerância, a amizade, a verdade, a aceitação do resultado; o reconhecimento da dignidade da pessoa humana; o saber ser e estar; a persistência, a disciplina, a socialização, os hábitos de vida saudável, a interajuda, a responsabilidade, a honestidade, a humildade, a lealdade, o respeito pelo corpo, a imparcialidade, a cooperação e a defesa da inclusão social em todas as vertentes" (Sérgio, A Bola, 2014). Na competição é "posta à prova uma notável força moral, exigida pela lógica do jogo de confronto desportivo." (Bento, 1993, p.27) Assim, podemos afirmar que "o desporto cumpre-se como moral e como cultura" (Bento, 1993, p. 25).

Jogo e Desporto são conceitos análogos, representando a mesma realidade. Numa sociedade organizada, voltada para o rendimento e o triunfo, o Jogo

modifica-se, apropriando-se da ideia de progresso ilimitado e absorvendo os valores industriais inerentes. O Jogo é um microcosmos, isto é, explica a sociedade oferecendo-nos uma visão reduzida da mesma. O Desporto é o jogo contextualizado à lógica da modernidade, "mais do que o espelho fiel de uma sociedade é a tradução dum imaginário que, embora longínquo, continua a imprimir as marcas da sua presença no interior da cultura atual" (Costa, 1993, p. 48). "O desporto é um agir moral enquanto permanecer jogo" (Bento, 1993, p. 25).

O Desporto encontra-se profundamente relacionado com as alterações e traços caracterizadores da sociedade industrial (Maciel, 2011) não estando imune aos efeitos nefastos da mesma. Tal como nos diz Gabriel Leite Mota (2014) "a transformação do desporto numa atividade profissional exclusivamente competitiva, fazendo da vitória, em vez do mérito, o único valor, deu azo a que o doping, a corrupção e a perfídia se tornassem a regra." Porém, ao contrário dos restantes fenómenos sociais, o Desporto não lida bem com a corrupção e a adulteração, mantendo uma postura íntegra e moralmente exemplar perante os transgressores, contrabalançando a deslealdade de alguns intervenientes com a sua conduta ética relutante que condena ao vexame todos aqueles que caem nos tentáculos pervertidos dos valores mercantis que se têm entranhado no fenómeno desportivo.

O Desporto, enquanto espetáculo, constitui um importante estímulo para milhões de pessoas fruto da intensidade emocional que gera tanto a nível individual como coletivo, "propiciando vivências, recordações e representações" (Marques, 1993, p. 36). O Desporto deve pulsar, tal como a escola, ao ritmo de um "estimulante utopismo social, trabalhando para despertar no espírito" do praticante "o desejo de um mundo melhor" (Patrício, 1993, p.29).

2.9 Futebol: A importância Axiológica De um Fenómeno Hipermediatizado

A globalização contribuiu decisivamente para a universalização do futebol. De facto, não existe nenhum fenómeno social que se tenha adaptado com tanta naturalidade à globalização como esta modalidade desportiva (Valdano, 2016). A proliferação da comunicação de massa e a respetiva mediatização permitiu que o Futebol se disseminasse pelo globo, alargando ao longo das últimas décadas o seu número de praticantes, despertando paixões distantes e aumentando a sua influência, tornando-se na modalidade mais universal à face da terra (Soriano, 2010).

O facto de ser um Jogo com regras relativamente simples, sem grandes custos associados e capaz de juntar pessoas de todas as idades, géneros e estratos sociais, faz com que o futebol seja a modalidade desportiva mais popular do planeta, envolvendo "direta e indiretamente bilhões¹ de pessoas, entre praticantes amadores, jogadores profissionais, adeptos e incalculáveis recursos humanos empregados em muitas ocupações e serviços, que funcionam de suporte ou meio para a consecução de suas metas" (Murad, 2007, p. 245).

O futebol converteu-se num produto de alcance mundial e os futebolistas transformaram-se em ícones globais (Soriano, 2010), tornando-se num reino emocional que alegra a vida a centenas de milhões de pessoas (Valdano, 2016). Para isto contribui decisivamente a enorme capacidade de representação social do futebol, assim como a carga emocional inerente aos clubes, especialmente no que concerne à identificação com os seus territórios e população (Soriano, 2010), dotando-os de valores sociais indissociáveis.

¹ Na terminologia europeia, bilhão, palavra utilizada na tradição americana e brasileira, deve ser entendido como mil milhões.

O Futebol é, em termos mundiais, a modalidade desportiva que melhor concilia a dimensão desportiva com aspetos comerciais (Maciel, 2011). A presença e influência do fenómeno desportivo nas diferentes camadas sociais, é abrangente e profunda, tornando-o num campo fértil para a germinação de alguns valores materialistas - e não só - apanágios da sociedade contemporânea. A sua envolvência comunicacional revela um inevitável aproveitamento do seu potencial social e económico, na tentativa de converter o adepto em consumidor, valendo-se da paixão que a modalidade origina. É também uma "fonte incomensurável de geração de empregos diretos e indiretos", mobilizando "recursos gigantescos em patrocínios, publicidade, transmissão televisiva, salários, dentre outros aspetos" (Murad, 2007, p. 249).

O futebol apresenta-se como um antagonista do viver quotidiano. É paradoxalmente algo que nos liberta e que nos agrilha. O estádio assemelha-se metaforicamente a uma arena romana, onde a emoção nos acorrenta durante o jogo e simultaneamente nos concede a liberdade para extravasar, para nos expormos, para nos assumirmos. É uma fuga à rotina diária. É uma busca de novos sentimentos e sensações. É uma experiência compartilhada entre várias pessoas, conhecidas, ou não, que se interligam através de um sentimento comum, uma identidade, criando pontes sobre a fissura cada vez maior que o individualismo contemporâneo provoca. Tal como afirma Jorge Valdano (2016, p11), o Futebol é "um recipiente gigantesco onde cabe tudo: emoções, ilusões, cataclismos, sonhos, pesadelos, opiniões, desencontros, polémicas... Tudo recomeça a cada novo jogo, num exemplo de energia renovável que converte o futebol num jogo incerto, num espetáculo maravilhoso, numa indústria crescente e num fenómeno social inesgotável".

É a força simbólica do Futebol que lhe confere a sua importância sociológica. Esta traduz-se na paixão que despoleta e no sentimento de pertença que desperta, que se relaciona com a «nossa» infância, a «nossa» gente e o «nosso» território (Valdano, 2016). Contribuindo igualmente a necessidade humana de criar heróis, nos quais nos projetamos, assim como a ilusão para

fugir a um quotidiano rotineiro e o apreciar da beleza, que nada mais é do que a expressão mais visível da excelência (Valdano, 2016)

A magia do futebol é oriunda da sua imprevisibilidade, da possibilidade que cada equipa tem em sair vencedora de qualquer jogo, da oportunidade que concede aos seus intervenientes para serem criativos e se expressarem livremente dentro de campo, pelas diferentes visões, concepções e estratégias que abarca e que valida, pelo carisma dos seus intervenientes, assim como os vários sentimentos que despertam, pelo vínculo emocional que despoleta, pela beleza que origina, pelo facto de ser uma modalidade apátrida que abraça e reconforta indivíduos de todos os cantos do mundo, concedendo a oportunidade a cada um deles, independentemente da sua origem, ou do seu estatuto social, de se tornarem profissionais ou de se envolverem emocionalmente no jogo.

O futebol é um bálsamo que tende a sobreviver à efemeridade do resultado de cada jogo, perpetuando-se e renovando-se através da memória e do sonho. Sendo, simultaneamente, passado, presente e futuro, uma metáfora da vida. É uma atividade humana que, como tal, contempla todas as virtudes e todos os defeitos do Homem. É um universo axiológico onde se expressam todos os valores humanos. "O futebol é um fenómeno omnipresente nas sociedades atuais" (Maciel, 2011 p. 77), não deixando ninguém indiferente.

As grandes competições entre seleções, como os Mundiais ou os Europeus, são o seu apogeu. Caracterizam-se como sendo eventos excepcionais "como um ano bissexto", transformando o mês "num domingo de trinta dias", sendo "universais como a esperança, maravilhosos e apaixonantes" (Valdano, 2016, p.248). As competições internacionais "mais do que momentos de aferição das tendências e evolução registadas no jogo, constituem-se como fenómenos sociais únicos, uma grande festa em que há interação entre as diferentes culturas" (Maciel, 2011, pp. 77-78). É uma festa da globalização onde cada um enverga com orgulho e brio as cores da sua bandeira pintadas no rosto,

presentes na camisola ou na bandeira (Valdano, 2016). É a culminância. O êxtase do fenómeno futebolístico onde se encontra a glória suprema. Tudo o mais que ocorre na sociedade durante as grandes competições tende a ser secundarizado.

O futebol exagera a vida e as grandes competições exageram o futebol (Valdano, 2016). É um dos raros momentos em que países inteiros se unem em prol do seu Hino e da sua Bandeira. É a altura em todos se perfilam diante de uma Identidade comum, explanando em campo a sua cultura e os seus valores. O simbolismo nacional é traduzido através de uma transcendência coletiva que se revela simultaneamente dentro de campo, nas bancadas e em todos os recantos dos diferentes países envolvidos. É a oportunidade para cada país vincar os traços característicos da sua cultura, de expor os seus ideais, as suas ideias.

Numa época em que as identidades nacionais se encontram ameaçadas, fruto de uma homogeneização global, e se instalou um marasmo axiológico nas diferentes sociedades, é essencial encarar estes fenómenos com a importância social que lhe é devida.

Sabendo que a sociedade industrial apregoa os valores do rendimento e do progresso, e que o triunfo é um dos valores mais aclamados, é pertinente olhar para os vencedores destas grandes competições e procurar decifrar qual o seu legado axiológico. Embora o futebol não se resuma exclusivamente à vitória, é pertinente utilizar o exemplo do vencedor para analisar ao longo da sua campanha a importância atribuída aos diferentes valores humanos.

Assim, e tendo em conta que Portugal logrou, pela primeira vez na sua história, vencer uma grande competição de seleções a nível máximo, o campeonato da Europa de Futebol de 2016, parece-nos de uma importância e relevância extrema analisar a comunicação do seu treinador, Fernando Santos, ao longo de toda essa competição, tendo como referência a ordem de valores estipulada

por Manuel Patrício que abordámos anteriormente, sabendo à partida, que não é possível individualizar os valores, pois são indissociáveis e interdependentes, e que interagem em diferentes intensidades, ao longo dos vários momentos, tanto competitivos, ou seja, durante o jogo, como nos restantes instantes da competição.

Ao mesmo tempo, parece-nos fundamental decifrar as mensagens transmitidas pelo Fernando Santos para o grupo, tanto questões coletivas como individuais, e para o exterior, isto é, para os jornalistas, as equipas adversárias e os adeptos. Focando nas estratégias de comunicação utilizadas, atentando nas mensagens subliminares, decifrando em que momento falava para o grupo, de que forma falava, o que enaltecia e o que não valorizava.

2.9.1 Euro 2016

O Campeonato da Europa de Futebol de 2016, vulgarmente designado por Euro 2016, decorreu em França entre o dia 10 de junho e o dia 10 de julho, contando, pela primeira vez, com a participação de 24 seleções.

Todos os participantes, exceto a França (apurada diretamente como país organizador), foram determinados através de uma qualificação europeia, decorrida entre setembro de 2014 e novembro de 2015.

As 53 seleções europeias foram organizadas em nove grupos através de um sorteio. Os dois primeiros classificados de cada um dos grupos, assim como o melhor terceiro colocado apuraram-se diretamente para o Euro 2016. Os restantes terceiros classificados disputaram um «*play-off*» entre eles para determinar os últimos quatro apurados.

Na fase de qualificação Portugal calhou no Grupo I, juntamente com a Albânia, a Dinamarca, a Sérvia e a Arménia, tendo-se qualificado em primeiro lugar com 21 pontos.

As seleções apuradas para o Euro 2016 foram sorteadas em seis grupos com quatro equipas cada. Os dois primeiros classificados de cada um dos grupos e os quatro melhores terceiros classificados passaram aos oitavos-de-final, seguidos pelos quartos-de-final, as meias-finais e a final.

No Euro 2016, Portugal ficou no Grupo F, composto por Hungria, Islândia e Áustria.

O seleccionador nacional, Fernando Santos, anunciou a convocatória para o Europeu no dia 17 de Maio de 2016. A lista de 23 jogadores foi a seguinte:

Guarda-redes:

Anthony Lopes; Eduardo; Rui Patrício

Defesas:

Cédric; Vieirinha; Bruno Alves; José Fonte; Pepe; Ricardo Carvalho; Eliseu; Raphael Guerreiro

Médios:

André Gomes; Adrien Silva; Danilo Pereira; João Mário; João Moutinho; William Carvalho; Renato Sanches

Avançados:

Cristiano Ronaldo; Éder; Nani; Quaresma; Rafa;

Antes do início do Europeu, Portugal realizou três jogos de preparação, tendo defrontado a Noruega, a Inglaterra e a Estónia.

O percurso da seleção nacional no Euro 2016 iniciou-se no dia 14 de junho. O primeiro adversário foi a seleção da Islândia, num jogo que terminou empatado (1-1). O primeiro golo do encontro foi português, surgindo por intermédio de

Nani aos 31 minutos, sendo que o empate concretizou-se aos 50 minutos por Bjarnason.

No dia 18 de junho Portugal defrontou a Áustria num confronto que terminou sem golos (0-0).

A fase de grupos foi encerrada no dia 22 de junho, num jogo que opôs a seleção nacional à Hungria. Pela terceira vez consecutiva, o jogo terminou empatado (3-3). Marcou para a Hungria Gera e Dzsudzsák (2) e para Portugal, Nani e Cristiano Ronaldo (2).

Portugal passou a fase de grupos com três pontos, fruto dos três empates alcançados, tendo beneficiado do facto de ter sido um dos quatro melhores terceiros classificados.

Nos oitavos de final a seleção nacional defrontou e bateu a Croácia por 1-0, com um golo de Ricardo Quaresma no prolongamento (118').

Nos quartos-de-final, Portugal ultrapassou a Polónia, nos penáltis (5-3), após um empate (1-1) em 120 minutos. O primeiro golo do jogo foi marcado por Lewandowski aos 2 minutos. O empate surgiu aos 33 minutos por intermédio de Renato Sanches.

Os penáltis foram concretizados por Cristiano Ronaldo, Renato Sanches, João Moutinho, Nani e Quaresma, sendo que Rui Patrício defendeu o remate de Blaszczykowski.

Nas meias-finais, a seleção nacional venceu o País de Gales por 2-0, com golos de Cristiano Ronaldo (50') e Nani (53')

Na final do Europeu a Seleção Nacional venceu a França, país anfitrião da competição, por 1-0, com um gol de Éder no prolongamento (109'), vencendo pela primeira vez um Campeonato da Europa de futebol.

No total, Portugal realizou 7 jogos, tendo alcançado 3 vitórias e 4 empates, marcando 9 golos e sofrendo 5.

2.9.2 Euro 2016: Impacto Socioeconómico

O Euro 2016 implicou ao Estado francês um investimento de cerca de 200 milhões de euros na construção de infraestruturas, na renovação/construção dos estádios e na adoção de medidas de segurança para combater a ameaça terrorista. No entanto, os benefícios diretos e indiretos amortizaram o investimento inicial e tiveram um impacto bastante positivo na economia francesa.

Segundo um relatório realizado numa parceria entre o Centro da Lei e Economia do Desporto da Universidade de Limoges e a empresa de consultadoria Keneo, presente no *site* da UEFA, o Euro 2016 impulsionou a economia francesa em mais de 1,2 mil milhões, tendo atraído mais de 613 mil visitantes e ajudando a gerar 116 750 empregos.

Os visitantes estrangeiros permaneceram em França por uma média de 7,9 dias e gastaram em média 154 euros por dia. O montante total gasto pelos visitantes durante o Europeu foi cerca de 625,8 milhões de euros.

Ao todo, houve 51 jogos realizados, que contaram com um total de 2 427 303 espectadores, numa média de 47 594 espectadores por partida. Os jogos do Europeu foram transmitidos para mais de 200 países.

No jogo inaugural, que opôs a França à Roménia, houve mais de 200 milhões de telespectadores em todo o mundo, sendo que as estimativas da UEFA

apontam para uma média de 130 milhões de telespectadores por jogo. A Final, disputada por Portugal e França, contou com uma audiência de mais de 300 milhões de telespectadores.

No total, os mais de 130 parceiros de transmissão televisiva pagaram à UEFA mais de 1,05 mil milhões de euros pelos direitos de transmissão dos jogos do Euro 2016, registando mais de 2 mil milhões de espectadores na soma de todos os jogos.

O Euro 2016 gerou uma receita líquida para a UEFA de 830 milhões de euros, resultado da diferença entre a receita de 1,93 mil milhões de euros (que proveio essencialmente dos direitos televisivos, dos programas de parceria e da venda de bilhetes) e a despesa de 1,1 mil milhões de euros. Do lucro conseguido, 600 milhões foram destinados às 55 federações filiadas da UEFA, e o remanescente, de 230 milhões de euros, servirá para cobrir custos de organização do próximo Europeu e da fase de qualificação.

Um estudo realizado pelo Instituto de Português de Administração e Marketing (IPAM) revelou que a vitória de Portugal teve um impacto de cerca de 609 milhões de euros na economia portuguesa. Este valor tem em conta "indicador de impacto vários, como os prémios de jogo, as vendas de *merchandising*, as viagens de avião, a publicidade, bem como as apostas *online*, a venda de jornais e a *pay-tv*" (Pinto, 2016).

Estes números comprovam a importância do futebol em termos globais e o seu impacto socioeconómico. A mediatização inerente aos grandes torneios internacionais conduz a uma enorme responsabilidade social por parte dos intervenientes. O responsável máximo dentro de uma equipa é o treinador. É ele que dá voz e corporaliza os valores que alicerçam e moldam a equipa e os seus comportamentos.

Dessa forma, parece-nos extremamente pertinente analisar o discurso do Fernando Santos difundido nos meios de comunicação social à luz de um quadro axiológico, de forma a compreender os principais valores transmitidos pelo seleccionador nacional durante o Euro 2016.

METODOLOGIA

3. METODOLOGIA

Para a realização deste estudo foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos:

A) Apresentação de um quadro axiológico referencial, elaborada a partir da revisão bibliográfica;

De modo a viabilizar a construção de um campo teórico de análise acerca deste tema, foi fundamental uma revisão da literatura existente. A pesquisa bibliográfica permitiu-nos estabelecer um quadro axiológico referencial, pelo qual se rege a sociedade onde nos encontramos inseridos, oferecendo-nos, simultaneamente, a possibilidade de analisar a comunicação de Fernando Santos, ao longo do Euro 2016, à luz de cada um dos valores que o compõe, refletindo sobre eles, sobre a preponderância que tiveram no decorrer da competição e a forma como contribuíram para a vitória final.

B) Análise de conteúdo das entrevistas concedidas por Fernando Santos durante os meses de Maio, Junho e Julho, desde a divulgação oficial da lista de convocados até ao final do Euro 2016, transcritas no *Jornal Record* e no *Jornal de Notícias*.

Por uma questão meramente organizativa dividimos todas as entrevistas que o selecionador nacional concedeu em momentos temporais, obedecendo à evolução cronológica da competição.

Dessa forma, estipulámos 5 fases: a) Fase Preparatória (que se situa entre a divulgação da convocatória e o último jogo de preparação que Portugal efetuou, contra a Estónia); b) Fase de Grupos (que contempla toda a fase de grupos, findando na análise que Fernando Santos fez após o jogo frente à Hungria); c) Fase a Eliminar (que engloba os jogos de Portugal na fase a eliminar frente à Croácia, Polónia e País de Gales); d) Final (que foca na

antevisão da final e na análise da mesma); e) Pós Euro (que abrange uma última entrevista concedida por Fernando Santos ao *Jornal Record*, cerca de um mês após a conquista do Euro 2016).

C) Entrevista a Fernando Santos

A entrevista é uma das técnicas de recolha de dados mais utilizadas na investigação qualitativa. Trata-se de um inquérito, dirigido na forma oral, que procura conhecer as opiniões ou ideias do entrevistado de uma forma rica e aprofundada, sobre determinados temas ou episódios da sua vida, enquadrado no assunto que está a ser investigado (Fontana & Frey, 2002).

Esta técnica de tratamento de informação é um dos métodos mais comuns e poderosos que temos para compreender o ser humano e inclui uma grande variedade de formas e multiplicidade de usos (Fontana & Frey, 2002). As entrevistas podem ser de três naturezas distintas: estruturadas, semiestruturadas ou não estruturadas.

No nosso estudo utilizámos a entrevista semiestruturada. Neste tipo de entrevista as questões são parcialmente previstas à partida e referenciadas para cada tópico havendo abertura para que a conversa se desenvolva naturalmente e que com ela surjam novas questões, não planeadas ou não pensadas espontaneamente pelo entrevistador. Dessa forma, existe uma maior liberdade e uma melhor partilha de informação.

A entrevista teve como propósito esclarecer-nos quanto à nossa análise, procurando confirmar, ou não, as nossas interpretações axiológicas, presentes nas tarefas descritiva e interpretativa, do discurso de Fernando Santos que foi reproduzido pela comunicação social ao longo do Euro 2016.

3.1 Corpus

Numa primeira fase, definida por Bardin (2004) de pré análise, procedemos à escolha dos documentos a analisar. Desta forma, o *corpus* do nosso estudo, isto é, o conjunto de documentos a ser objeto de análise, é constituído por:

a) Recortes jornalísticos das entrevistas concedidas pelo Fernando Santos desde a divulgação oficial da lista de convocados até ao final do Europeu, presentes no *Jornal Record* e no *Jornal de Notícias*.

b) Transcrição da entrevista efetuada a Fernando Santos.

O nosso objetivo é analisar em detalhe a comunicação do selecionador nacional, Fernando Santos, antes, durante e após o Europeu de Futebol realizado em França no ano de 2016, enquadrando aquilo que foi dito ao longo da campanha num quadro axiológico referencial.

Optámos por analisar as entrevistas concedidas pelo Fernando Santos a partir da divulgação oficial da lista de convocados para o Europeu, presentes no *Jornal Record* e no *Jornal de Notícias*.

A escolha dos jornais baseou-se no facto de ambos pertencerem a grupos editoriais diferentes, nomeadamente à «Cofina» (*Jornal Record*) e à «Global Media Group» (*JN*), e terem linhas editoriais distintas, sendo o *Jornal Record* um jornal diário desportivo e o *JN* um jornal diário generalista.

Quisemos, através da informação presente no corpo de cada notícia, tornar a nossa análise de conteúdo mais rica, procurando juntar as diferentes notícias divulgadas, de forma a conseguir uma maior abrangência dos conteúdos reproduzidos e valorizados.

3.2 Sistema Categorical

De forma a interpretar e a organizar a informação presente nas entrevistas previamente mencionadas, optámos por uma análise de conteúdo do tipo confirmatória. Foi definido *a priori* um sistema categorial partindo de toda a revisão bibliográfica, tendo em conta o quadro axiológico que pretendemos adotar.

A categorização é um processo que nos permite classificar, reconhecer e identificar determinados elementos pertencentes a um conjunto por diferenciação e, de seguida, por reagrupamento, segundo o género, com critérios previamente definidos. De acordo com Bardin (2004) as categorias são rubricas ou classes que reúnem um grupo de elementos sob um título genérico efetuado em razão dos caracteres comuns desses elementos.

Na elaboração do sistema categorial é fundamental determinar as unidades de análise, as regras de enumeração e as categorias.

O processo de codificação dos dados restringe-se à escolha de unidades de registo que podem ser determinadas palavras ou frases que se evidenciem, ou surjam com uma maior frequência, inseridas num contexto específico (unidades de contexto) comprovando a existência, ou não, de uma determinada categoria. Ou seja, procura-se perceber quais as palavras que mais se destacam em cada uma das categorias e em que contexto. Este processo é indispensável para que possamos compreender como as categorias se expressam nos documentos analisados.

As regras de enumeração estão dependentes do objetivo da análise, podendo ser:

1. A presença;
2. A frequência;

3. A frequência ponderada;
4. A intensidade;
5. A direção;
6. A ordem;
7. A coocorrência.

No caso do nosso estudo a regra da presença é a mais preponderante. No entanto, não houve nenhuma quantificação das unidades de registo. Da revisão bibliográfica resultaram as seguintes categorias:

A) Valor Vital

O valor vital, como foi referido previamente, é o valor primário da existência humana. É o valor que procura garantir e preservar a vida humana, sustentando, determinando e possibilitando o aparecimento de toda a restante escala de valores.

Numa competição como esta que escolhemos estudar, o valor vital expressa-se através da continuidade da seleção nacional no Europeu. É fundamental, durante cada jogo procurar os recursos e os caminhos necessários para alcançar a vitória, pois só através dela é que poderemos continuar em prova e edificar a restante hierarquia axiológica. O estar vivo resume-se então ao conseguir permanecer na competição, superando os adversários, de forma a ultrapassar as diferentes eliminatórias e atingir o grande objetivo que é estar no jogo de decisão, para discutir a vitória final.

Todos os restantes valores só se conseguem expressar se a continuidade na prova for garantida - tanto durante os jogos, como na própria comunicação do Fernando Santos - sendo todos interdependentes uns dos outros e interagindo constantemente em diferentes intensidades e em diferentes momentos.

Unidade de Registo: Vencer, Qualificar, Ganhar, Eliminar, Alcançar o Objetivo, Vitória e palavras e/ou expressões afins.

B) Valor Prático

O valor prático assume-se nesta categoria como o «fazer». Isto é, a capacidade em materializar um determinado pensamento, ou intenção, numa ação condizente. Tendo em conta que o jogo de futebol exige, de quem o joga, uma procura da concretização de determinadas intenções subjacentes a uma ideia global de jogo, entramos em vários domínios, sendo a técnica uma das dimensões essenciais deste «fazer».

Neste contexto específico, existe uma enorme prevalência da prática, do «fazer», do realizar da ação, visto que foram selecionados 23 dos melhores jogadores nacionais. O valor prático está sempre subjacente à estratégia e à abordagem ao jogo, visto que o «fazer» de cada um resulta em comportamentos individuais distintos, trazendo soluções diferentes consoante o adversário, o momento competitivo e as necessidades do jogo.

Prático é o que serve para outra coisa que é um fim, sendo a coisa prática um meio. Neste caso, só dominando completamente o «fazer», e garantindo a continuação na prova, é que poderemos ter abertura para que todos os restantes valores se manifestem. Dentro do valor prático existe uma prática culminante servida por práticas instrumentais. Neste caso, e tendo em conta o contexto desportivo, a vitória é a prática culminante das diversas práticas instrumentais.

Unidades de Registo: Técnica Individual e palavras e/ou expressões afins.

C) Valor Hedonístico

O prazer assume uma posição determinante na contemporaneidade. Os homens movem-se, cada vez mais, sustentados pelos seus sentimentos, procurando as suas concretizações e o consequente bem-estar. A definição de objetivos tem sempre como meta o prazer, um bem-estar futuro.

No Europeu de futebol o prazer está presente de várias formas. A satisfação que cada jogador sente por ter a oportunidade de representar a sua seleção numa das competições mais importantes do mundo, é enorme, atenuando o desgaste físico e mental acumulado ao longo da época desportiva. Cada jogo traz consigo uma fonte de prazer que pode ser fortalecido, ou não, dependendo do resultado alcançado e pelo aproximar do objetivo delineado.

Esta categoria é importante porque nos dá a possibilidade de compreender de que forma é que o prazer foi abordado ao longo da campanha da seleção nacional e quais foram as experiências de prazer mais enaltecidas durante as diferentes fases, sendo que a própria comunicação pode ser uma fonte de prazer, dependendo daquilo que é enaltecido, ou não, e da forma como é exposto.

Unidades de Registo: Gostar, Divertir, Alegria, Felicidade, Brincar, Prazer e palavras e/ou expressões afins.

D) Valor Estético

O jogo de futebol relaciona-se profundamente com a experiência sensório-emocional dos espectadores, transportando-os para uma experiência humana estética. É precisamente nessa experiência sensível que o Belo se manifesta.

Há uma relação indissociável e interdependente entre o Belo e a Ideia. A experiência estética acarreta uma tónica sentimental, enquanto "a experiência

filosófica - que é a que nos permite aceder à Ideia em si mesma - tem uma tónica racional e especulativa" (Patrício, 1993, p. 118). Esta relação é dialética e assume uma enorme preponderância no decorrer dos jogos.

A estética encontra-se altamente relacionada com a eficiência e com a eficácia, ou seja, com a forma como a equipa se expressa em campo, que está dependente da qualidade da Ideia que está por detrás e da sua concretização funcional, assim como o seu sucesso. O Belo é a emoção que cada Ideia transmite. O potencial emocional do espectador é tanto maior, ou menor, quanto maior for o seu conhecimento específico do jogo.

Só através desse tal conhecimento relativo é que poderá emergir um vínculo emocional forte, que abarque inúmeras variáveis, tornando possível apreciar a espetacularidade do jogo, vivenciando-a.

A estética, a eficiência e a eficácia formam um tridente interdependente que funciona numa dinâmica relacional. O Belo é a capacidade de apreciar a corporização de uma Ideia que induz e produz sensações e consequentemente emoções a quem a observa.

Unidade de Registo: Belo, Feio, Espetacularidade e palavras e/ou expressões afins.

E) Valor Lógico

Entendemos por valores lógicos os valores de conhecimento ou realidade. Como foi dito anteriormente, "são os valores de verdade, quer esta se apresente pela razão demonstrativa, quer pela intuição mostrativa, quer pela intuição racional." (Patrício, 1993, p.132).

Num jogo de futebol, o valor lógico relaciona-se com o plano concetual. É o que permite a expressão de uma determinada ideia que sobrecondiciona todo o

processo e que possibilita a emergência de uma organização coletiva. A ideia contempla determinados princípios e características que se manifestam, pela operacionalização da mesma, em diferentes momentos do jogo, com o objetivo de resolver os problemas, sempre imprevisíveis, que o mesmo evidencia e apresenta.

O valor lógico traduz-se então, neste caso, como o «saber», isto é, a competência para criar uma ordem dentro da desordem natural do jogo e a capacidade de encontrar as melhores formas para responder aos diferentes obstáculos que vão surgindo. Não basta dominar o valor prático, é necessário enquadrá-lo num sistema, subordiná-lo a uma ideia geral, a uma estratégia comum.

Unidades de Registo: Estratégia, Afinar a "Máquina", Forma de Jogar, Processos, Tática, Entendimento e palavras e/ou expressões afins.

F) Valor Ético

O grande propósito de um jogo de futebol é a vitória. O valor ético é manifestado através dos meios utilizados, por parte dos intervenientes, na procura desse objetivo, não permitindo que tudo valha para o alcançar. A demonstração mais expressiva da ética no futebol é o «fairplay», traduzida como jogo limpo, que procura a honestidade e a lealdade por parte dos seus intervenientes, nos diferentes momentos, assim como a verdade, a aceitação do resultado; o reconhecimento da dignidade da pessoa humana; o saber ser e estar; a persistência, a disciplina, a humildade, a imparcialidade, a cooperação, etc.

A busca da vitória não se deve afastar de determinados comportamentos normativos, tidos e aceites universalmente como corretos, sendo fundamental a existência e o cultivo de respeito pelos adversários e pela própria equipa. O

adversário é um elemento indispensável e preponderante no jogo, pois jogamos com ele, contra ele, assim como o coletivo, que permite a expressão individual e a busca pela excelência através da cooperação, da solidariedade e da interajuda.

Os comportamentos éticos pautam-se pelo respeito, pelo enaltecer do coletivo, pela procura da vitória através do Bem.

Unidades de Registo: Respeito, Gratidão, Coletivo, Entreaajuda, Sacrifício e palavras e/ou expressões afins.

G) Valor Religioso

Os valores religiosos são aqueles que se reportam ao Santo - ao Sagrado - opondo-se ao profano.

O valor religioso parece ser um fator unificador e fornecedor de um ou vários sentidos para a vida humana cada vez mais desprovida de significação. O culto expresso a Deus desempenha um papel importante no cumprimento do dever moral que pressiona o homem durante o decurso da sua vida, revelando-se como um valor culminante, agregador de todos aqueles que o sustentam (Patrício, 1993).

Dentro da própria ideia de Deus, tal como foi mencionado anteriormente, o racional é predicado de algo irracional - de algo que não é possível dar a razão, tornando o futebol num terreno extremamente fértil para o surgimento do valor religioso e de todo um conjunto de simbolismos, crenças e superstições inerentes.

O futebol assume características próprias das religiões, num tempo em que a consciência religiosa padece de uma crise significativa. Os estádios assumem-se como verdadeiras catedrais, as taças são vistas simbolicamente como

cálices sagrados; a bola como a hóstia que é comungada por todos. Os cânticos assumem-se como orações, assistindo-se a uma peregrinação em direção aos estádios, sempre que o dia santo surge.

O Fernando Santos é um católico apostólico romano assumido, sendo interessante verificar de que forma é que o valor religioso se repercute na sua comunicação.

Unidades de Registo: Deus, Destino, Fé e palavras e/ou expressões afins.

TAREFAS DESCRITIVA E INTERPRETATIVA

4. TAREFAS DESCRITIVA E INTERPRETATIVA

4.1 Fase preparatória

A convocatória do seleccionador nacional para o Europeu de 2016 foi anunciado no dia 17 de maio, numa altura em que a época desportiva 2015/2016 ainda estava em curso.

Na divulgação da lista dos 23 convocados é facilmente perceptível, no discurso de Fernando Santos, um certo cuidado para com os jogadores que ficaram de fora do Europeu. Houve uma exaltação do valor ético, dirigido sobretudo aos jogadores que participaram nos jogos de qualificação e que, fruto das exigências regulamentares, que limitam o número de jogadores a 23, de lesões, ou por mera opção técnica, não puderam estar presentes: **"Quero deixar uma palavra de gratidão a todos aqueles que ajudaram e contribuíram de forma decisiva para que Portugal possa estar presente na fase final."**; **"Custa-nos sempre deixar de fora quem foi importante."**

O seleccionador nacional mostrou alguma preocupação para com os elementos convocados que ainda tinham compromissos com os seus clubes: **"Quero dar algum descanso aos jogadores que terminam, em breve, os seus percursos no clube."** Notando-se uma sensibilidade enquanto líder, que tem que tomar decisões relativas à constituição do grupo e à gestão do mesmo, sabendo que nem todos os jogadores terminavam a época em simultâneo e que alguns estavam mais desgastados que outros, tanto em termos físicos como mentais, ou por um excesso de jogos disputados durante a época, ou pelo facto de estarem fora do país, entre vários outros fatores.

O Europeu é uma competição curta e bastante desgastante, que se realiza no final da época desportiva. Inerente à escolha dos 23 jogadores para o

Campeonato da Europa estão questões de ordem Tática² (e humanas, certamente), que influenciaram a escolha do selecionador nacional, remetendo-nos para a presença dos valores práticos, lógicos, éticos e estéticos, visto que há uma preocupação em convocar jogadores que consigam ir de encontro à Ideia de Jogo que preconiza para a equipa: **"Jogadores presentes após muita ponderação."**

"As decisões têm de ter um único objetivo, estarmos afinados em França." O estar afinado é a equipa conseguir manifestar a competência necessária para confrontar os adversários durante os jogos e, consequentemente, ser capaz de disputar a vitória. Esta competência é resultante de um processo hipercomplexo em que interferem diferentes variáveis, sobredeterminado pelo Modelo de Jogo, que, por sua vez, engloba várias outras dimensões que o influenciam e são por ele influenciados, incluindo a própria Ideia de Jogo.

"Sabemos como iremos defender e atacar", Estas intenções relativas ao momento ofensivo e defensivo derivam da Ideia de Jogo preconizada pelo selecionador nacional, relacionando-se com o conhecimento das características dos jogadores que tem à sua disposição e, possivelmente, com as particularidades da competição.

O valor hedonístico é também enaltecido, embora implicitamente, envolvendo-se diretamente com o valor vital, na estipulação dos objetivos para a caminhada da seleção nacional na competição, envolvendo também o povo português:

"Acredito e todos vamos acreditar que podemos chegar à final".

² Entendemos a Tática como uma supradimensão. Ou seja, a dimensão Tática assume-se como uma dimensão complexa, que orienta, determina e dá significados a todo o processo. Esta é constituída por diferentes dimensões, que assumem um cariz instrumental, que são fundamentais e que na sua interdependência são decisivas para que esta emerja. De entre as várias dimensões que podem ser consideradas, destacamos a dimensão Física; Técnica e Psicológica.

"Portugal não parte como favorito, não temos essa presunção, mas temos capacidade para defrontar qualquer adversário. E se conseguirmos ser 11 jogadores com mais 11 milhões de portugueses a apoiar, será o ideal"

A data do arranque da preparação da seleção nacional foi estipulada para o dia 23 de maio. Contando, no primeiro dia de trabalhos, com apenas 13 dos 23 jogadores eleitos.

*No dia 27 de maio, Fernando Santos concedeu a primeira entrevista após a divulgação da convocatória, onde deixou claro que **"o objetivo não é ser candidato ou favorito, é chegar à final e ganhar"**. Reiterando o objetivo com que Portugal partia para o Europeu, numa clara exaltação do valor vital.*

Abordou igualmente a situação de Éder, avançado português cuja chamada foi bastante contestada, valorizando-o: **"Estão a colocá-lo como o patinho feio da seleção. E não é. Não há razão para isso acontecer."** Falando pela primeira vez de um jogador individualmente, frisando a confiança que deposita nele, sendo perceptível uma alusão ao valor ético, pois coloca-o num patamar idêntico aos restantes jogadores convocados, vincando a sua importância no coletivo. É também visível a presença dos valores práticos e lógicos, visto que as suas características acrescentam valia ao plantel e oferecem diferentes soluções para encarar a competição.

O primeiro jogo de preparação da Seleção Nacional foi realizado no dia 29 de Maio, no Estádio do Dragão, no Porto, contra a Noruega.

No dia anterior, na antevisão do jogo frente à seleção norueguesa, verificámos que o seleccionador nacional procurou realçar a atitude dos jogadores presentes na concentração, apoiando-se essencialmente no valor lógico: **"vontade dos jogadores de interiorizarem o mais rapidamente possível aquilo que pretendemos a nível estratégico"**, classificando como positiva a evolução de todos ao longo das sessões de treino: **"temos estado a afinar a máquina, a**

oleá-la, para estarmos muito bem quando chegarmos ao primeiro jogo, no dia 14, com a Islândia".

O motivo de ser a Noruega o primeiro adversário de Portugal na preparação para o Europeu deveu-se ao facto das suas características serem muito idênticas às da Islândia: **"Joga em 4x4x2, um futebol nórdico que tem sempre características muito próprias. Tem nuances muito parecidas ao que joga a equipa da Islândia"**, o que vai de encontro às necessidades de Portugal: **"será importante ver como vamos fazer os equilíbrios defensivos e em termos ofensivos..."** e **"ver como é que está o nosso modelo."**

O valor vital também se encontra presente no discurso do Fernando Santos que afirma **"não há particulares ou oficiais, há jogos de futebol e com um peso sempre muito grande"** e que **"jogadores vão dar tudo em campo"**. Fica claro que o objetivo de cada jogo passa pela vitória e por dignificar as cores nacionais.

O selecionador nacional manifestou novamente a sua convicção na possibilidade de Portugal alcançar as suas pretensões na prova: **"Acredito que vamos chegar ao nosso objetivo."** Não considerando, porém, que será fácil: **"Temos a consciência de que vamos ter um grupo muito difícil."**

Após o duelo contra a Noruega, que Portugal acabou por vencer por 3-0, a análise do selecionador nacional foi de encontro aos valores práticos e lógicos: **"a exibição foi suficiente, com coisas positivas e outras não tão positivas"**, acrescentado que **"há muitas coisas a retificar e a melhorar"** ; **"em termos de automatismos, esperava um pouco mais"**. E embora tenha faltado **"um pouco de objetividade e criatividade"**, Portugal teve **"o jogo controlado"**.

No entanto, tem em conta que **"os jogadores vêm de uma época desgastante e estão a apanhar outra vez o ritmo"** e que a **"frescura física**

não está no máximo", valorizando o grupo: **"Todos me têm deixado satisfeito"** e a importância do apoio dos adeptos: **"Agradeço ao público. Espero que sejamos mesmo 11 milhões"**, num claro enaltecer do valor ético e da necessidade de que todos acreditem e se empenhem num objetivo comum.

Por fim, sublinha os objetivos do grupo: **"Temos um objetivo claro e eu já o afirmei e os jogadores sabem: chegar a França e procurar chegar à final e procurar vencer essa final"**.

O segundo jogo de preparação opôs Portugal à seleção de Inglaterra, num jogo disputado no dia 2 de junho, no Estádio de Wembley, em Londres.

O selecionador nacional perspetivou o jogo frente à Inglaterra, mostrando o enorme respeito que sente pela seleção inglesa: **"Vamos defrontar uma das equipas mais fortes do Mundo, de grande qualidade coletiva e individual, com excelentes jogadores e um grande treinador"**, lembrando a importância de Portugal enfrentar seleções fortes: **"se queremos ganhar o Euro é importante jogarmos com equipas deste nível."**

Houve um grande destaque dos valores práticos e lógicos: **"o que me interessa é a parte estratégica"**, procurando **"afinar a máquina"**.

É patente uma constante exaltação do coletivo e a demonstração de uma crença enorme em cada jogador, indo de encontro aos valores éticos e, consequentemente, os hedonísticos, pois toda a valorização acarreta prazer: **"Não nos preocupa o onze. Tenho 23 jogadores com os quais conto em absoluto. Haverá um onze base mas confio em todos e vou tranquilo para os jogos"**.

Embora não possam jogar todos os elementos do plantel em simultâneo, cada um tem uma função específica que é importante para a equipa e é isso que o selecionador pretende salientar: **"Tomo decisões pela exibição coletiva"**.

A seleção nacional acabou por perder o jogo contra Inglaterra (1-0) e ainda viu Bruno Alves ser expulso.

Porém, Fernando Santos louvou o **"espírito de sacrifício, a atitude e a interajuda"** da equipa, comportamentos inerentes aos valores éticos que permitiram que a seleção nacional, mesmo jogando com 10 jogadores, conseguisse ser organizada ao longo de, praticamente, todo o jogo.

Em relação à expulsão do Bruno Alves, o seleccionador nacional defendeu o jogador, afirmando que **"não houve intenção de lesionar"** e que o mesmo **"está mais do que arrependido e já pediu desculpa a todos os colegas. Reconheceu o erro e não voltará a cometê-lo"**, numa referência aos valores éticos.

Referiu ainda, na análise ao jogo, que Portugal esteve bem **"defensivamente, mas, no ataque, estivemos longe do que tínhamos planeado"**, afirmando que **"faltou dinâmica ofensiva e faltou aparecer a qualidade individual"**.

No dia 6 de junho, Fernando Santos concedeu uma entrevista ao Jornal Marca.

Questionado acerca das pretensões de Portugal no Europeu, o seleccionador nacional reiterou que Portugal **"é candidato"** a vencê-lo.

Durante a entrevista, Fernando Santos falou acerca de Cristiano Ronaldo, considerando-o **"o melhor jogador do mundo"** e **"um símbolo de Portugal"**. Porém, e apesar da sua grande importância na seleção portuguesa, questiona: **"Joga sozinho?"** completando **"Todas as equipas têm um grau de dependência dos melhores jogadores. Quero que ele esteja ao mais alto nível, mas acredito muito na seleção nacional em todas as circunstâncias"**, deixando uma mensagem forte para o grupo: **"acredito que**

passaríamos sem Ronaldo", numa clara alusão aos valores éticos, práticos, lógicos e vitais.

O último teste de Portugal antes do Europeu realizou-se no dia 8 de junho contra a seleção da Estónia, no Estádio da Luz, em Lisboa.

A última semana de preparação ficou marcada pela integração de Pepe e Cristiano Ronaldo no grupo de trabalho após um breve período de férias, concedido a ambos por terem participado na final da Liga dos Campeões ao serviço do seu clube, disputada no dia 28 de maio, ou seja, 5 dias após o início do estágio da Seleção Nacional.

Na antevisão do encontro de Portugal frente à Estónia, o seleccionador nacional enalteceu todos os jogadores que constituem o grupo de trabalho: **"a equipa não tem titulares ou suplentes, tem condição de jogarem onze porque não podem alinhar 23"**, reforçando que tanto Ronaldo, como Pepe, **"como todos os outros, está aqui para ajudar a levar a equipa ao topo"**.

Os valores práticos e lógicos são uma vez mais enaltecidos: **"A ideia é evoluir gradualmente para estarmos bem preparados quando a competição começar"**, **"evoluir no sentido de preparar todas as opções."**

O Fernando Santos reforçou que Portugal estará **"neste Europeu a lutar pela vitória"**.

O jogo contra a Estónia terminou com uma goleada (7-0). Porém, na reação à vitória portuguesa, Fernando Santos pediu **"calminha"** sublinhando a importância de **"manter os pés no chão"**, o que demonstra a sua lucidez e a sua racionalidade, referindo que: **"a equipa não está presunçosa, está confiante no valor que tem e isso abre a perspetiva de poder fazer um bom Campeonato da Europa"**. Há aqui um extravasar do valor ético, tanto no respeito demonstrado em relação ao adversário, como na atitude que a

Seleção Nacional pretende adotar em França, seguindo dentro do mesmo valor (assim como dos valores práticos e lógicos) para elogiar a equipa: **"são todos jogadores com muito talento, qualidade e um espírito de grupo fantástico. Se mantivermos esta união, juntamente com o talento, penso que tudo junto poderá marcar a diferença".**

Em relação ao jogo: **"faltou-nos alguma coisa nos primeiros 20 minutos"**, pois **"a equipa teve circulação, mas lenta. Isso acabou por favorecer a Estónia"**; **"faltou-nos capacidade na segunda bola. Além disso, a capacidade para pressionar não era a melhor"**. Concluindo: **"essas coisas são para melhorar, mas isso fez com que a equipa nos primeiros minutos não estivesse ao nível que depois acabou por atingir"**.

Finalizando: **"Se pudesse, colocava os 23 em campo. Quem eu colocar, estou convencido de que poderá fazer grandes coisas"**; **"Vamos com a convicção firme que poderemos chegar à final e vencer"**.

Síntese da Fase Preparatória:

Na fase de preparação da Seleção Nacional para o Europeu é visível, no discurso de Fernando Santos, uma sobreposição dos valores vitais, práticos, lógicos e éticos aos restantes, embora estes não se fechem nos seus contornos; impregnando-se e difundindo-se (Dumas, 1999). A cada um dos valores está associado uma estrutura interna rica, complexa e largamente desdobrável (Patrício, 1993).

O selecionador nacional começa por salientar tudo aquilo que permitiu a Portugal estar presente na fase final do Europeu, mostrando gratidão a todos os jogadores que contribuíram para a qualificação da Seleção Nacional. Fernando Santos revela que a lista dos 23 jogadores eleitos foi elaborada após muita ponderação e que lhe custou deixar de fora quem foi importante durante o apuramento, numa clara alusão ao valor ético.

Como já mencionámos anteriormente, a decisão é a culminância do ato ético (Patrício, 1993), que, porém, não se manifesta no abstrato, mas na unicidade de cada situação, interagindo com vários outros valores.

Neste caso, há uma clara interação entre o valor ético e todos os restantes valores defluentes da Dimensão Tática (na qual a ética também se insere) que se assume preponderante no processo de decisão, tendo em conta os objetivos de Portugal na competição, confirmando que a ação ética é inevitavelmente concreta, ou seja, “implacavelmente situacional” (Patrício, 1993, p.141).

Os valores éticos ficam também patentes ao longo de todo o discurso do selecionador nacional através da exaltação do coletivo, que se encontra alicerçado no espírito de sacrifício, na atitude, na interajuda, no talento, na união e no espírito de grupo «fantástico» dos jogadores, que são alguns dos comportamentos éticos inerentes.

A valorização do coletivo é, aliás, bastante forte e constante ao longo de toda a fase de preparação. Fernando Santos chega a afirmar que a equipa não tem jogadores titulares ou suplentes, que tem condições para jogarem 11 em simultâneo porque não podem alinhar 23. Mostrando uma enorme satisfação pelo desempenho de todos os jogadores presentes, tanto nos treinos, como nos jogos.

O selecionador nacional atribui uma enorme preponderância à questão estratégica, vincando constantemente a necessidade de Portugal aproveitar o período de preparação anterior ao Europeu para «afinar a máquina», realçando que todo o propósito dos treinos e dos jogos é possibilitar que os jogadores cheguem preparados a França.

Os valores práticos e lógicos encontram-se profundamente emaranhados em todas as questões relativas ao jogo. A própria Ideia de Jogo concebida por Fernando Santos para a equipa é a elevação do valor prático, traduzindo-se como uma prática culminante, servida por várias práticas instrumentais (Patrício, 1993). Esta é complexa e imutável. Apenas a abordagem estratégica

pode diferir dependendo de inúmeros fatores, como por exemplo, o adversário de Portugal, a fase da competição, a interação dos diferentes jogadores em campo, as circunstâncias do jogo, entre outros.

Os valores práticos relacionam-se com os valores lógicos na concepção da Ideia de Jogo, na medida em que se convertem em unidades dialéticas, isto é, na união concreta do pensamento e da ação que fazem emergir uma determinada realidade (Patrício, 1993). Não é suficiente o domínio dos valores práticos, é necessário enquadrá-los num sistema, subordina-los a uma Ideia geral, a uma estratégia, que evidentemente condiciona e é condicionada por eles.

A valoração do Modelo de Jogo tem como finalidade preparar a Seleção Nacional para o início da competição, procurando que todos evoluam de forma a estarem preparados para as exigências dos diferentes jogos, constituindo-se como opções válidas para as diversas necessidades da equipa. Os valores lógicos permitem a expressão da Ideia de Jogo. Esta sobrecondiciona todo o processo e permite a emergência de uma organização coletiva, daí a sua preponderância no discurso do selecionador nacional.

O valor estético, não sendo indissociável dos restantes, assume uma relação de complementaridade, estabelecendo-se perifericamente relativamente às suas motivações centrais (Marques, 1993). Embora não haja uma referência explícita, por parte de Fernando Santos, à questão estética, ela encontra-se intrinsecamente ligada à Ideia e, conseqüentemente, presente em grande parte do discurso.

Por fim, os valores vitais encontram-se patentes em todo o discurso do selecionador nacional durante a fase preparatória. Estes manifestam-se duplamente, tanto na intenção de vencer os diferentes jogos de preparação, como na própria declaração do objetivo de Portugal, que passa por procurar chegar à final do Euro e vencê-la. Fernando Santos reafirma em praticamente todos os momentos que Portugal parte para o Europeu com o propósito de o vencer.

4.2 Fase de Grupos

A estreia de Portugal no Europeu 2016 ficou definida para o dia 14 de junho frente à Islândia.

No dia anterior, no lançamento do jogo de abertura de Portugal na competição, Fernando Santos destacou, em primeiro lugar, a qualidade da seleção islandesa: **"É uma grande equipa, bem organizada, com um excelente treinador, que vamos respeitar"**, completando a sua análise: **"São pragmáticos, sabem assumir todos os momentos do jogo"**; " [A Islândia é] **uma equipa que sabe o que quer, pragmática, fria e com jogadores de grande qualidade**", numa clara manifestação dos valores éticos, lógicos e práticos, afastando-se dos comentários de todos aqueles que consideravam a Islândia como uma seleção de qualidade inferior.

Em relação à abordagem de Portugal ao jogo, o seleccionador nacional foi pouco esclarecedor, dando a entender, no entanto, que os jogadores já se encontravam com a estratégia bem assimilada: **"Como vamos jogar? Isso já não posso dizer. Seria assim como entregarmos o ouro ao bandido, como nós dizemos. Temos ideias bem definidas sobre a forma como vamos encarar o jogo e o nosso adversário."**; **"Já tenho mais ou menos definido [o onze inicial]. Ainda não dei como garantido, já que ainda falta um treino, mas está muito aproximado."**

Mostrando-se ansioso pelo início do Europeu: **"Estou desejoso, e os jogadores também, que comece a competição. Apesar de toda a experiência, há um desejo enorme que o jogo comece"**, sentindo-se a emergência do valor hedonístico há medida que a hora de início do jogo inaugural se aproxima.

Fernando Santos sublinha que o grande objetivo de Portugal frente à Islândia é vencer o jogo: **"Vamos fazer tudo para ganhar"**, realçando a importância da vitória nas aspirações da Seleção Nacional: **"É importante vencermos a**

Islândia, por se tratar do nosso primeiro jogo, de forma a deixar as coisas melhor definidas no grupo", complementando: "Marcar cedo ou tarde não é muito importante, o importante é que dê para ganhar", sendo perceptível a presença do valor vital.

Por fim, o seleccionador nacional relembra os objetivos de Portugal na competição: **"As cautelas não nos retiram a ambição de atingir o objetivo traçado: estamos aqui para lutar pelo triunfo final."**

O jogo frente à Islândia terminou empatado (1-1).

No rescaldo, Fernando Santos manteve um discurso sereno e confiante, admitindo: **"Não fizemos um jogo brilhante, mas na primeira parte fizemos um bom jogo, embora tenha faltado um pouco de velocidade nas acelerações e nos cruzamentos".**

A frase: **"Não fizemos um jogo brilhante"**, remete-nos para o universo dos valores práticos, lógicos e sobretudo estéticos, na medida em que Portugal não conseguiu interpretar ou materializar a Ideia que tinha para o jogo.

"Não é só ter dois avançados móveis, o meio-campo tem de ser móvel, tem de aparecer na área, por fora, por dentro, entre linhas a cruzar. É isso que queremos afinar cada vez mais". Estas intenções relacionam-se com a necessidade de criar imprevisibilidade no jogo, conseguida através da capacidade para dar respostas ou soluções diversas, perante os problemas colocados pela equipa adversária. Há um apelo à variabilidade, essencialmente na forma como a equipa ataca, de forma a criar mais oportunidades pelo maior número de soluções que pode apresentar para o mesmo padrão de problemas.

Há um realçar da vontade que a Seleção Nacional tinha em vencer o jogo, assim como um cuidado na valorização do apoio concedido pelos

adeptos: **"Queríamos dar uma vitória a estes fantásticos adeptos, que nos apoiaram de princípio a fim."**

Fernando Santos recorda que **"os primeiros jogos são sempre complicados"**, e perspetiva os próximos encontros como os mais importantes: **"Equipa motivada e vai dar uma excelente resposta nos próximos jogos"**, salientando que, embora o empate não fosse o resultado idealizado, não vale a pena dramatizar e que é preciso que todos se concentrem nos próximos confrontos para darem uma boa resposta: **"O nosso objetivo continua o mesmo e o próximo jogo é já sábado e lá estaremos para conquistar os pontos necessários e seguir em frente. Não vale a pena chorar agora"**.

Embora o resultado, na perspetiva do selecionador nacional, não seja justo, continua tudo em aberto: **"o resultado não é justo mas seguimos atrás do nosso objetivo e nada retira a confiança nos meus jogadores"**, mostrando que a confiança que deposita nos seus jogadores não foi abalada, verificando-se, subjacentemente à comunicação, uma intenção de motivar e de apelar ao apoio de todos.

Fernando Santos relembra que o grupo de Portugal não deve ser subestimado e que a insatisfação que todos sentem por não terem conseguido a vitória será o combustível que irá alimentar a equipa nos próximos encontros, numa alusão à ambição que todos têm para atingir o objetivo delineado: **"Bem disse que este grupo era extremamente difícil e nada do que muita gente pensa. Mas o objetivo continua ao nosso alcance, estamos firmes e vamos lutar. Vamos ter de lutar para seguir em frente. Não estamos nada satisfeitos"**.

Dois dias após o jogo de Portugal contra a Islândia, o selecionador nacional teve uma pequena conversa com os jornalistas.

Fernando Santos revelou o que a equipa sentiu após o jogo: **"Estávamos todos frustrados! Na viagem estávamos tristes, cabisbaixos e quando**

chegamos ao hotel, às 3 da manhã, havia mais silêncio do que o normal", lembrando, contudo, que **"nada mudou apesar da frustração"** e que **"a confiança nos 23 está mais forte que nunca"**, numa clara mensagem de incentivo, de motivação e de crença, apesar do primeiro resultado não ter sido o desejado.

"Há jogos que correm melhor e jogos que não correm tão bem, há jogadores que não acertam o tempo de jogo. Houve jogadores que não tiveram exibições muito conseguidas, mas todos eles tiveram vontade e determinação. Houve um momento bom, de toda a equipa, e houve outros menos bons." A análise foca em aspetos individuais menos conseguidos ao longo do jogo anterior, procurando transmitir a mensagem de uma forma positiva, referindo-se aos erros cometidos como possíveis inevitabilidades inerentes ao jogo, encarando-as igualmente como um elemento indispensável de aprendizagem, não pondo em causa a vontade e a determinação de ninguém. Salientando, principalmente, o coletivo - nos bons e nos maus momentos do jogo. E, embora sabendo que era possível que a equipa fizesse mais do que aquilo que conseguiu, vai contra as análises jornalísticas mais pessimistas, afirmando que: **"Não fizemos uma exibição assim tão desastrada, criámos seis ou sete oportunidades"**.

Há claramente uma abordagem aos valores éticos, lógicos, práticos e estéticos. Aludindo também ao valor vital, na procura da vitória, de permanecer em prova e hedonístico, no referente à motivação: **"A equipa está supermotivada para vencer a Áustria"**.

"Vamos ter de refrescar a equipa a nível físico. Não por ter achado que algum jogador não esteve bem, mas por ser importante dosear o esforço". É visível que há uma preocupação por parte de Fernando Santos em reforçar a ideia que a competição é curta e desgastante e que a gestão da equipa vai de encontro às exigências de cada jogo, assim como à condição individual de cada jogador, em termos físicos, de forma a não interpretarem

qualquer mudança na equipa como um castigo ou um desacreditar em algum jogador. **"Aquilo que tenho que dizer aos jogadores digo-lhes apenas a eles e não em público. A minha confiança em todos eles é absoluta, nem podia ser de outra forma. Se estão aqui estes 23 é porque acredito neles"**

Quando foi questionado acerca da exibição de Cristiano Ronaldo, a sua resposta foi extremamente assertiva, louvando o jogador ao mesmo tempo que vangloria o coletivo: **"Temos uma equipa e não apenas um jogador, mesmo sendo o melhor do mundo"**

Finalmente, o Seleccionador Nacional fez um apelo: **"Não podemos cair do 80 para o 8. As coisas não podem ser fantásticas num dia e horrorosas no dia seguinte. Não foi o nosso melhor jogo? É verdade, mas o nosso objetivo está intocável."** Deixando claro que **"jogo com a Áustria será um jogo mais aberto que permitirá uma abordagem diferente"** e que embora não possa **"garantir a vitória"**, Portugal vai **"lutar por ela."**

O segundo jogo de Portugal na fase de grupos realizou-se no dia 18 de junho e opôs a Seleção Nacional à Áustria.

Na antevisão da partida, no dia 17 de junho, Fernando Santos admitiu que iria realizar algumas alterações no onze inicial: **"Vou fazer alterações mas quantas não vou dizer, mas uma revolução não vai acontecer certamente. Nem faria sentido."** Afirmando que as mudanças são uma naturalidade exigida pelo próprio contexto competitivo, utilizando o exemplo verificado nas restantes seleções participantes no Euro: **"Todas as equipas fizeram alterações pontuais da primeira para a segunda jornada no sentido também de refrescar e isso é normal. Mas sem revolução. Isso foi em 1974".**

Em relação à importância do jogo frente à Áustria e da necessidade de vencer o mesmo, o seleccionador nacional foi perentório: **"Quando se está num**

Europeu não há jogo de pressão mínima, são todos de grande pressão. Se quem cá está não se sente pressionado, então não percebo como podem encarar a competição. Tem de haver pressão, é claro", deixando claro que todos os elementos da equipa nacional se encontram preparados para lidar com as exigências e a responsabilidade de cada jogo, sublinhando que: **"Nós pela nossa parte, vamos jogar para tentar ganhar como sempre o fizemos"**, numa clara alusão ao valor vital.

Fernando Santos afirmou, uma vez mais, que a força da equipa portuguesa reside no seu coletivo: **"Temos uma equipa forte, com gente de qualidade e capaz de atingir os objetivos traçados como um todo e não apenas por mérito de um só jogador"**, deixando uma mensagem para todos os adeptos portugueses: **"Temos de agradecer a todos. O que podemos prometer é empenho total"**. Exaltando a postura da Seleção Portuguesa, no que concerne aos valores éticos: **"A minha equipa tem sido exemplar no que toca às questões disciplinares, dos cartões amarelos, e continuará a ser."**

A partida terminou empatada (0-0), num jogo em que Cristiano Ronaldo falhou uma grande penalidade, atirando a bola ao poste.

No rescaldo da partida, Fernando Santos sublinhou que: **"A equipa fez tudo"; "No futebol não há justiças, nem injustiças"**. Alertando: **"Não jogamos contra uma equipa qualquer, porque a Áustria é uma equipa muito boa"**.

Estas três citações são bastante elucidativas, demonstrando de uma forma muito clara a estratégia do treinador. Esta passa por valorizar a exibição da sua equipa, apesar desta não ter conseguido alcançar a vitória. Há uma referência implícita ao valor sagrado, na medida em que nem sempre o mérito é recompensado no resultado e que há fatores iner(transcend)entes ao jogo, que nem sempre permitem que a justiça se reflita num resultado. Mostrando-se lúcido na análise: **"No futebol não há estatísticas e de nada conta termos**

tido tantos remates e tantas oportunidades. A história do jogo foi que não marcámos."

"A equipa melhorou em termos de dinâmicas, tentámos tudo, por um lado, pelo outro, duas bolas nos postes... Mas há que continuar". A prestação de Portugal é enaltecida e fica evidenciada a crença do seleccionador no surgimento de bons resultados, que sejam complementares às exhibições. Para isso exige que a equipa persista e seja obstinada, continuando a acreditar no processo, sabendo que nem sempre o jogar bem é sinónimo de vitória, mas que o caminho deve ser sempre esse.

"Há sempre um momento difícil entre hoje e amanhã, mas temos de mudar a agulha rapidamente, não podemos ficar a pensar no que já passou e no que falhou - isso é claro que o vamos fazer internamente". Tentando retirar a aura de desconfiança que se instalou ao redor da seleção, mostrando-se otimista: **"É tempo de ganhar jogos, marcar golos e concretizar dessa forma o futebol que praticamos e confirmar a superioridade que temos mostrado sobre os nossos adversários".** Finalizando: **"Há que perceber que temos uma final no dia 22"**

Os dois empates consecutivos deixaram Portugal numa situação delicada no grupo e defraudaram as expetativas iniciais.

À entrada para a última jornada do grupo, a Hungria era o líder provisório, com 4 pontos conquistados, fruto da vitória por 2-0 frente à Áustria e o empate (1-1) diante da Islândia. Portugal e Islândia possuíam 2 pontos, seguidos pela Áustria com 1 ponto, conquistado, precisamente, no empate contra Portugal. A situação no grupo estava aberta e todas as seleções mantinham acesas as esperanças de se qualificarem para a próxima fase, sendo que a última jornada seria decisiva nas contas para o apuramento. Contudo, havia uma nuvem de incerteza, ceticismo e até de algum pessimismo a pairar sobre Portugal.

No dia seguinte ao empate contra a Áustria, o selecionador nacional apresentou-se diante dos jornalistas naquela que foi uma das suas intervenções mais importantes no Europeu.

Fernando Santos começou por abordar os dois jogos anteriores e reanalisar as exibições de Portugal nos mesmos, comparando-as com as prestações de outras seleções participantes no Euro: **"Já vi bons jogos, exibições bem conseguidas, mas só com grau de eficácia maior que o nosso. Porque melhor do que fizemos com a Áustria, em termos globais, não tenho visto muito mais."**

Apesar da dificuldade revelada pela equipa portuguesa em converter as ocasiões criadas em golos, fica evidenciado, por parte do Selecionador nacional, a necessidade de enaltecer a prestação dos jogadores nos jogos anteriores, especialmente no que concerne aos aspetos de jogo que foram de encontro à estratégia definida, notando-se, curiosamente, um fortalecimento da crença no trabalho desenvolvido e na emergência de resultados condizentes com as exibições.

A incapacidade que Portugal teve em marcar golos foi justificada pelas circunstâncias dos próprios jogos, acompanhada pela consciência que é possível melhorar, fazendo as introspeções necessárias, numa clara alusão aos valores lógicos, práticos e Sagrado: **"Houve momentos em que a sorte não esteve do nosso lado mas também houve outros em que podíamos ter feito melhor as coisas e teremos de melhorar"**. Demonstrando uma convicção total na equipa e na capacidade que a mesma tem para ultrapassar a ausência de golos: **"Eles vão fazer golos, tenho a certeza absoluta"**.

Curiosamente, e apesar dos dois resultados menos conseguidos, o selecionador nacional concedeu ao grupo uma tarde de folga, tencionando que os jogadores dispersassem do ambiente competitivo e de extrema concentração do estádio, de forma a poderem distrair-se e renovarem-se mentalmente, tendo em consideração a importância decisiva do jogo contra a

Hungria: **"Estes momentos de descompressão são essenciais. É importante quebrarmos as rotinas - já são muitos dias - sem perdermos o foco, que é ganhar e ganhar. Temos de estar frescos em termos de cabeça. A frescura mental é muito importante"**. Revelando a sua experiência em grandes competições, assim como a sua extrema sensibilidade enquanto líder, conhecedor das necessidades do grupo.

Pela primeira vez desde que a convocatória foi anunciada, excetuando um ou dois casos pontuais, Fernando Santos abordou individualmente a prestação de alguns jogadores - 8 no total - Quaresma, Nani, João Moutinho, André Gomes, William, João Mário, Vieirinha, Rafa.

Defendeu-os das críticas, que classificou como **"injustas"**, sustentando o seu parecer através de exemplos concretos de situações ocorridas nos jogos e nos treinos, reiterando a confiança que deposita em cada um deles, assim como num desfecho positivo no jogo frente à Hungria: **"Os nossos jogadores sabem que vão ganhar este jogo"**, estando presente ao longo de toda a análise os valores éticos, práticos, lógicos, estéticos e vitais.

Em relação à estratégia que a Hungria poderia adotar no jogo frente a Portugal, o selecionador nacional mostrou-se cauteloso: **"A situação poderá levar a Hungria a ter uma abordagem diferente do jogo pois um empate basta-lhe. Se, normalmente, já é uma equipa que defende bem, admito que agora possa ser ainda mais conservadora, mais defensiva e mais fechada atrás"**, sobrecondicionando o valor lógico ao valor vital, isto é, dando a entender que estratégia húngara poderá passar por não se expor tanto, porque a qualificação já está garantida.

No entanto, alertou que para Portugal: **"Este jogo é uma final e, nesse sentido, será na base de tudo ou nada. É uma final. Com uma vitória somos apurados garantidamente e, provavelmente, até no primeiro lugar, enquanto uma não vitória levar-nos-á a fazer contas."** Que é uma evidente exaltação do valor vital em detrimento da restante ordem de valores, que ficou

ainda mais patente na resposta seguinte, onde se verifica uma supressão do valor ético em detrimento da vitória: **"Se tivermos de ser feios, e isso nos trazer eficácia, teremos de ser feios. Não vale a pena ser bonitos. Não me importo de ser feio, porque já sou feio por natureza. E não me importo de ser mais feio ainda. Eu quero é que ela [bola] entre lá para dentro, com a mão, com o pé."** Vincando o desejo transcendente de manter-se em prova, até com um golo marcado **"com a mão"**, que no nosso entender deve ser interpretado simbolicamente e que apenas manifesta um apelo à necessidade extrema da Seleção Nacional dar o "tudo-por-tudo" para alcançar a vitória.

Deixando uma mensagem forte e de confiança para os adeptos: **"O que posso dizer aos portugueses é que vamos ter jogo a 25 ou 26 deste mês [data dos jogos dos oitavos-de-final]. De certeza."** Proferindo de seguida a frase mais marcante de toda a campanha: **"Já disse à minha família, que esteve hoje aqui comigo, que só vou embora no dia 11 de julho e quando lá chegar vou ser recebido em festa."** Entendida como a manifestação da sua crença ilimitada na capacidade do grupo, revelando-se como uma estratégia de motivação extrínseca e de reafirmação do objetivo inicial de Portugal, ofuscado pelos resultados pouco entusiasmantes dos primeiros jogos.

É incrível verificar a forma destemida com que Fernando Santos realça a confiança que tem na equipa e a maneira convicta como o expõe aos jornalistas, no momento de maior desconfiança, de maior contestação ao grupo, em que o trabalho de todos está a ser posto em causa e que a dúvida se encontra omnipresente em todas as questões.

O último jogo de Portugal na fase de grupos do Euro 2016 ocorreu no dia 22 de junho, frente à Hungria.

Na antevisão do jogo que decidia a qualificação de Portugal aos oitavos-de-final da prova o selecionador nacional garantiu: **"Vamos manter a nossa identidade: jogar com bola, à procura do golo e do triunfo, pois isso é o**

que fazemos. Há vários resultados que poderão dar-nos a passagem aos oitavos-de-final mas só um nos interessa: a vitória no jogo que poderá valer a vitória no grupo. Estamos a gostar muito de Marcoussis e queremos ficar lá mais umas semanas."

É perceptível, através das palavras do técnico português, a existência de uma grande ambição coletiva para o confronto com a Hungria, onde não é suficiente passar à fase seguinte do Euro, é exigida a vitória e a concretização das ocasiões criadas em golos. Fica claro que o seleccionador nacional não está disposto a abdicar, nem a renegar, à identidade da equipa e aos seus valores edificadores - sobretudo lógicos e práticos - ficando explícito que a abordagem de Portugal ao jogo será na continuidade do trabalho desenvolvido até então, mantendo a confiança no coletivo intacta: **"Tenho um grupo de trabalho fantástico, exemplares em tudo, um empenho total. Não faria sentido não acreditar neles"**, sublinhando a **"confiança total nos meus jogadores, mais ainda depois das exibições dos dois primeiros jogos"**

"Não ganhámos mas fizemos tudo para ganhar e tudo bem. Porque não hei-de acreditar? Porque passámos de otimistas a pessimistas tão depressa? Portugal fez um jogo muito bem conseguido frente à Áustria, um dos melhores deste Europeu, e parece que não fizemos nada. Tenho um grupo fantástico em tudo, com empenho total e muita qualidade. Não faria sentido não acreditar em chegar à final. Vou continuar a acreditar e vou lá chegar".

O seleccionador nacional considera que Portugal realizou um bom jogo contra a Áustria, tendo feito "tudo para ganhar". No entanto, por variadíssimos fatores, o resultado não foi o esperado. Esse facto não abala a crença de Fernando Santos, pois, na sua perspetiva a equipa conseguiu corresponder de uma forma positiva àquilo que foi proposto para o jogo e fez o necessário para alcançar a vitória, embora o resultado nem sempre espelhe o que sucede em campo.

É igualmente possível formular uma outra interpretação para a mensagem do selecionador nacional acima mencionada. Em termos estratégicos talvez fosse importante para Fernando Santos transmitir uma imagem de confiança e segurança no processo, tanto para os jogadores, como para a comunicação social, adeptos e equipas adversárias, mesmo que eventualmente o selecionador nacional possa não ter apreciado de sobremaneira a exibição de Portugal frente à Áustria.

O **"jogo bem conseguido"** de Portugal, pelo facto de não ter golos dá a entender que não fizeram **"nada"**, numa redução do jogo aos golos. O selecionador nacional, como conhecedor e excelente gestor humano, contraria permanentemente essa lógica e valoriza tudo o que foi feito de bom nos jogos anteriores, abrindo espaço para a reflexão interna e para a melhoria almejada, sustentada no trabalho: **"Não há varinhas mágicas. E o objetivo é sempre o mesmo: ganhar"**, retirando a responsabilidade a Cristiano Ronaldo, a figura da equipa: **"Não conheço nenhum jogador que, sozinho, resolva tudo. Mesmo quem tem todo o talento do mundo precisa de jogar com uma equipa que o suporta, o liberta e o apoia."**

No que concerne ao objetivo de Portugal no jogo frente à Hungria, o selecionador nacional é incisivo: **"O objetivo de Portugal passa sempre por vencer. Respeitamos os adversários, mas queremos sempre vencer."** Numa alusão ao valor vital e ético.

Finalizando: **"Quando disse que ficava cá até dia 11, não era de férias! Qualquer um de nós, quando o Europeu acabar, querera ir de férias. Não ficarei aqui em França de férias, pois essas quero passá-las com a minha família. Fico cá para ir jogar a final do Europeu."**

O jogo contra a Hungria terminou empatado (3-3), num jogo em que Portugal esteve por três vezes em desvantagem no marcador.

No final do encontro o selecionador nacional louvou a alma que a sua equipa teve por ter **"passado o que passou neste jogo, estar fora do Euro três vezes e, nas três vezes, conseguiu voltar a meter-se na luta e até esteve perto de ganhar à Hungria"**, salientando que **"o espírito de grupo é fantástico. Eles não são 23, são um, disso tenho a certeza."** Reforçando a importância da união entre os jogadores como meio de conseguir alcançar vitórias.

O grande objetivo imediato era a qualificação para os oitavos-de-final da prova, algo que foi alcançado: **"Conseguimos o mais importante, que era seguir em frente."**

Na análise da partida contra a Hungria, o selecionador nacional fez uma comparação com os jogos anteriores: **"Tivemos dois jogos bem conseguidos. Neste foi ao contrário. Conseguimos concretizar mas, em termos defensivos, sofremos golos em lances não muito comuns"**.

Fernando Santos, aproveitando-se das grandes dificuldades que Portugal sentiu para controlar o jogo frente à Hungria, dirigiu uma mensagem para todos - tanto para os jornalistas, como para os adeptos e para os jogadores. Transmitindo que, embora os golos não tivessem surgido nos jogos anteriores, Portugal tinha realizado, no seu entender, boas exibições e tinha sido uma equipa equilibrada e competente nos diferentes momentos dos jogos, especialmente no momento defensivo, ao contrário deste último jogo, em que a Seleção Nacional sofreu três golos.

Utilizando os exemplos defluentes dos três jogos, afirma que tudo serviu para fortalecer o grupo. **"Depois do que aconteceu nos outros jogos e também neste, temos de ficar satisfeitos. A equipa teve uma grande atitude e capacidade de resposta."** A sua postura otimista manteve-se, assim como o

objetivo inicial: **"Temos de pensar no que fizemos bem noutros jogos, juntar ao que fizemos bem neste e tentar chegar à final."**

Síntese da Fase de Grupos

Ao longo da fase de grupos do Europeu, é perceptível, no discurso de Fernando Santos, uma maior exaltação do valor vital em comparação com a fase preparatória, sendo também visível uma grande alusão aos valores práticos, lógicos e hedonísticos.

O valor ético apresenta-se com menos intensidade no discurso do selecionador nacional, surgindo na valorização dos adversários de Portugal nas antevisões dos jogos e, especialmente, nas suas sucessivas manifestações de confiança no coletivo, mesmo após alguns resultados menos conseguidos. Fernando Santos reforça, permanentemente, a sua crença em todos os jogadores, numa referência explícita aos valores éticos, visto que a responsabilidade pelo outro se encontra no cerne da relação ética (Patrício, 1993). O espírito de grupo, a atitude, a capacidade de resposta, a exemplaridade de cada elemento e o empenho de todos são os comportamentos éticos enaltecidos ao longo desta fase.

O facto de Portugal ter somado três empates nos três jogos realizados, fez com que se instalasse um clima de desconfiança e pessimismo em redor da Seleção Nacional. Essas circunstâncias fizeram com que houvesse uma maior exaltação do valor vital, relacionado com a necessidade de Portugal vencer para se manter em prova. Só garantindo a continuidade na competição é que a restante escala de valores se poderá manifestar. Daí que haja, no discurso do selecionador nacional, uma maior ênfase na necessidade imperativa de Portugal vencer os jogos, verificando-se, inclusivamente, uma supressão do valor ético em detrimento do valor vital, quando, na antevisão do jogo frente à Hungria, Fernando Santos afirmou que Portugal tinha que alcançar a vitória, nem que fosse com um golo marcado com a mão.

A própria linguagem do selecionador nacional alterou-se. A utilização da palavra «final» tornou-se constante, empregada para caracterizar o caráter de «tudo-ou-nada» relativo aos jogos, indo ao encontro da necessidade fulcral de Portugal garantir a qualificação para a fase seguinte. O valor vital assumiu-se como um valor de nível superior.

Após a obtenção do apuramento, o selecionador nacional, deixou bem claro que o grande propósito da fase de grupos tinha sido cumprido, remetendo-nos para o princípio da hierarquia, que afirma que o “critério decisivo da positividade ou negatividade de um comportamento axiológico é sempre a congruência com os valores de nível superior” (Patrício, 1993, p.115). Ou seja, houve uma subordinação dos restantes valores em relação ao valor vital.

O objetivo da Seleção Nacional no Europeu é constantemente referido, mesmo nos momentos de maior dúvida. Na conferência de imprensa anterior ao jogo decisivo contra a Hungria, por exemplo, o selecionador nacional deixou a garantia que só iria regressar a Portugal no dia 11 de junho, ou seja, um dia após o término da prova, assegurando que seria recebido em festa. Numa clara manifestação de confiança, tanto nos jogadores, como no processo, evidenciando, uma vez mais, o valor vital.

O valor hedonístico encontra-se profundamente interrelacionado com o valor vital. É o prazer da vitória final que consubstancia o grande objetivo da Seleção Nacional. O valor hedonístico revela-se igualmente na constante valorização do coletivo por parte do selecionador nacional, exacerbado na análise individual que o mesmo realizou antes do jogo frente à Hungria, na qual enalteceu alguns jogadores. Podemos interpretar a confiança que Fernando Santos tem no coletivo como a virtude. Esta é, por um lado, “o próprio equilíbrio da equipa e, por outro, a força que produz e garante esse equilíbrio” (Patrício, 1993, p.112).

Finalmente, os valores práticos e lógicos, tal como na fase preparatória, são bastante enalticidos na fase de grupos, sendo impossível dissociar um do outro. A dimensão Tática faz com que todo o universo de valores ressoe, mesmo quando centrado num valor particular (Patrício, 1993). Os valores

lógicos relacionam-se com a Ideia de Jogo que, tal como já foi referido, contempla determinados princípios e características que se manifestam, pela operacionalização da mesma, em diferentes momentos do jogo, com o objetivo de resolver os problemas, sempre imprevisíveis, que o mesmo evidencia e apresenta. Desta forma, os valores práticos e lógicos são naturalmente abordados pelo selecionador nacional nas análises que o mesmo faz sobre os jogos.

4.3 Fase a Eliminar

Portugal qualificou-se para os oitavos-de-final como um dos melhores terceiros classificados da fase de grupos. O adversário da Seleção Nacional nos oitavos-de-final foi a Croácia.

Após a conclusão da fase de grupos, Fernando Santos apenas compareceu diante dos jornalistas para realizar a antevisão do jogo frente à Croácia, reconhecendo uma grande qualidade à seleção croata: **"É um adversário com muita qualidade, muito organizado, bem orientado e com grandes jogadores"**, aproveitando para reforçar a confiança da Seleção Nacional: **"Eles estão moralizados mas nós também estamos porque acreditamos em nós."**

O selecionador nacional abordou novamente o desempenho de Portugal nos jogos anteriores: **"Portugal empatou três vezes, mas, sinceramente é preciso olhar com olhos de ver. Fomos melhores do que a Islândia, muito melhores que a Áustria e melhores do que a Hungria. Não vencemos por circunstâncias do jogo. Agora só queremos é vencer."** É visível uma exaltação do valor vital, simultaneamente com os valores lógicos, práticos e estéticos, sendo importante reter a expressão **"é preciso olhar com olhos de ver"**, que alude à importância de procurar analisar os três jogos que Portugal realizou, vendo para lá do resultado final de cada um deles, visto que este também depende de imponderáveis inerentes ao próprio jogo. Ainda que Portugal não tivesse conseguido vencer, na ótica de Fernando Santos, a

Seleção Nacional fez o suficiente nos três jogos, tendo sido competente em todos, estando sempre próximo da vitória.

O seleccionador nacional distancia o jogo de Portugal frente à Croácia dos restantes, insistindo na necessidade de obter a vitória: **"Não se podem comparar os jogos da fase de grupos com estes. Aqui, há sempre a questão de passar o apuramento, o que permite gerir alguns jogos. Agora não, é para ganhar"**.

Os jogos, com o avançar da competição, ganham a conotação de «tudo ou nada» e é vincado a necessidade de a Seleção Nacional manifestar eficácia e vencer. **"O que agora conta é que são jogos a eliminar e na pior hipótese decide-se tudo nos penaltis. É para isso que estamos preparados para um jogo diferente dos anteriores, mas sendo uma final, temos de ganhar. Queremos ganhar e ganhar e ganhar"**

"Compete-me definir bem como os jogadores estão. Pode haver frescura mental pelo prazer de estarem aqui, mas não pode compensar tudo e é normal que um ou outro esteja mais desgastado." A responsabilidade é repartida por todos e o seleccionador nacional assume-o sem receios, sendo que o valor hedonístico está invariavelmente presente, pelo facto da Seleção Nacional ter alcançado o primeiro objetivo (qualificação para os oitavos-de-final) e por estar a dar passos em direção ao grande objetivo estipulado (alcançar a final), havendo, no entanto, uma preocupação com outros fatores determinantes, como o desgaste. O que demonstra uma preocupação por parte de Fernando Santos em procurar, nos jogadores, as condições ideais para que cada um possa contribuir positivamente para o desempenho da equipa.

Em relação ao árbitro nomeado para a partida, o seleccionador nacional afirma: **"Confio nos árbitros e acredito na honestidade das pessoas. Se foi escolhido para este jogo é porque é um árbitro de qualidade"**, que demonstra uma congruência com o valor ético, que ficou também patente no

orgulho que demonstrou pelo espírito de equipa português, um comportamento ético essencial: **"Se há coisa que me orgulha, é a forma exemplar como todos têm estado desde que cheguei, há quase dois anos, no nível de treino e no capítulo pessoal. Em termos de união não acredito que haja equipa com mais união que Portugal e nisso dou os parabéns aos meus jogadores."** Insistindo na necessidade de Portugal se apresentar em campo com um coletivo muito forte: **"O talento individual pode ganhar jogos, os campeonatos ganham sempre as equipas."**

A confiança que deposita na sua equipa foi novamente referida: **"Sou um homem de fé, não de «fezadas». Não misturando a fé com o resto posso dizer que creio muito nos meus jogadores, mas do que acreditar neles, creio neles"**, assim como no atingimento do objetivo que foi traçado, apesar das dúvidas que os primeiros três resultados vieram levantar. **"Se quiserem que ganhe o Europeu só com empates, assino já por baixo"**, sobredeterminando o valor vital à restante ordem axiológica.

O jogo contra a Croácia terminou com a vitória de Portugal por 1-0, com um golo marcado por Quaresma aos 118 minutos.

Na análise à partida Fernando Santos mostrou-se lúcido: **"Foi um jogo muito tático e se é verdade que Portugal não conseguiu assumir o jogo porque a Croácia não deixou... A Croácia não conseguiu esse domínio total porque nós não deixámos."** Demonstrando que os valores práticos e lógicos, assim como os valores estéticos acabaram por se subordinar aos valores vitais. **"No futebol por vezes temos que ser pragmáticos e estas competições ganham-se assim"**. Fazendo uma referência à «felicidade» que tinha faltado à seleção nacional nos desafios anteriores: **"Era o momento. Era um adversário muito forte. Acabámos por ser felizes"**, atribuindo o mérito aos seus jogadores: **"Os meus jogadores mereceram esta felicidade"**, que nos reporta para o valor Sagrado.

Apesar da vitória e do contentamento por garantir a presença nos quartos-de-final, o selecionador nacional manteve-se comedido: **"Continuo com o meu otimismo moderado mas com uma grande confiança nos meus jogadores"**, assegurando que, embora os resultados iniciais não tenham sido os expectáveis, sempre se manteve seguro do valor da equipa: **"Sou crente mas não tenho crenças: sou crente nesta equipa. Nunca estive preocupado porque acreditei sempre"**. Elogiando os seus jogadores e colocando o mérito no coletivo: **"Hoje não devemos falar de ninguém em especial. A equipa esteve toda brilhante e não destacaria um jogador em particular. Dou os parabéns aos meus jogadores todos."**

"Não estou eufórico só porque passei esta final. Vamos ter muitas finais pela frente", transmitindo que, apesar de toda a alegria sentida por terem conseguido ultrapassar a Croácia, ainda falta, à Seleção Nacional, percorrer um caminho longo, vincando novamente o objetivo de Portugal e alertando para a vontade que todos têm em atingi-lo: **"os jogadores têm um objetivo e vamos continuar a lutar, final a final."**

Portugal ao bater a Croácia ficou com um jogo frente à Polónia. No dia seguinte à vitória de Portugal, Fernando Santos voltou a falar aos jornalistas.

Os jornais desportivos classificaram a forma de Portugal jogar como aborrecida, algo que o selecionador nacional desvalorizou: **"Aborrecido terá sido para os croatas, que foram para casa. Sempre disse aos meus jogadores que no futebol não há bonito nem feio, há jogar bem e mal. Portugal jogou bem. Não estou ali para jogar bonito mas para que a equipa ganhe. É só isso que me interessa, mais nada"**, ficando evidenciado que os valores estéticos para Fernando Santos estão profundamente relacionados com os valores lógicos e vitais. O jogar bem significa ser competente, ou seja, ser capaz de dar respostas eficazes aos problemas colocados pelo jogo.

Esta análise é complementada de seguida: **"O que passei à equipa foi que, a partir de agora, temos de deixar de jogar à bola, temos é de jogar futebol, que são coisas diferentes."** Situando o valor estético na globalidade do jogo e nas diferentes abordagens que pode abarcar: **" Por vezes as pessoas dizem que não jogamos tão bem ou que defendemos mais. Mas alguns grandes treinadores do Mundo dizem que defender bem também é uma arte no futebol. É preciso saber apreciar o futebol por esse lado também."**

Confrontado acerca de uma pretensa facilidade no confronto com a Polónia, o seleccionador nacional mostrou-se apreensivo: **"Se [a Polónia] está nesta fase da prova nunca pode ser considerada uma equipa inferior"**

Finalmente, e como tem sido habitual, o seleccionador reiterou a confiança ilimitada que deposita na sua equipa: **"Difícilmente alguém nos ganha. Os jogadores vão morrer em campo para ganhar"**

Na antevisão do jogo contra a Polónia, Fernando Santos reforçou a ideia de que a seleção polaca não é uma seleção inferior: **"Isso é canção do bandido e eu não vou em canções do bandido. Isso de facilidades não existe, muito menos comigo. Estou farto de dizer que vamos defrontar uma grande equipa, que é tão favorita a ganhar o jogo como nós somos"**, numa mensagem claramente dirigida para os jogadores, com intenção de os despertar para a exigência do jogo contra a Polónia, verificando-se a presença do valor ético.

O jogo de futebol, por ser um jogo de cooperação-oposição, onde há um confronto permanente, também comporta aleatoriedade, o inesperado e a surpresa. Dessa forma cremos que a postura do seleccionador nacional é a correta, pois mantém todos em estado de alerta permanente, realçando o mérito da Polónia por estar nos quartos-de-final do Europeu. Portugal só se poderá apresentar ao seu melhor nível se todos os jogadores estiverem comprometidos e conscientes das possíveis dificuldades do jogo.

"A Polónia é uma equipa que defende e ataca bem, que é muito rápida nas transições e tem qualidade individual."

Acerca do árbitro nomeado para a partida, o selecionado nacional foi taxativo: **"São árbitros isentos, conhecedores das leis, e não tenho dúvidas que irá fazer um grande jogo,** complementando a sua análise com elogios ao seu coletivo: **"Temos 23 jogadores em grande forma, com exceção de um ou outro caso clínico. Tenho uma equipa muito motivada, determinada, que sabe o que quer. Nesta fase, o talento pode ganhar algumas coisas, mas são as equipas que ganham os campeonatos. É a equipa que vai ter que resolver o jogo"**, verificando-se a presença do valor ético, assim como do hedonístico, do lógico, do prático e do estético.

Portugal venceu a Polónia, nas grandes penalidades (5-3), após um empate a 1 golo verificado nos 120 minutos regulamentares.

No final do encontro o selecionador nacional mostrou-se satisfeito com a passagem de Portugal às meias-finais da prova, afirmando que foi mais uma etapa rumo ao objetivo: **"Foi mais uma batalha, como foram todas as outras, a seguir vem mais uma. De batalha em batalha até à batalha final. Vamos lutar para dar uma alegria a Portugal e aos portugueses"**, admitindo que Portugal não iniciou bem a partida: **"Não entrámos bem no jogo, sofremos um golo cedo e a equipa da Polónia estava bem definida"**.

No entanto, após umas pequenas alterações estratégicas a Seleção Nacional conseguiu crescer no jogo: **"Felizmente conseguimos empatar e estabilizámos o jogo. E nunca mais perdemos o controlo, apesar do adversário ser uma equipa muito forte"**. E embora o triunfo só tenha surgido na marcação das grandes penalidades, o selecionador lembrou as oportunidades criadas por Portugal e a exibição global: **"Fomos aos penáltis, mas foi uma vitória justa, porque Portugal foi a equipa que mais mereceu,**

que mais procurou e que teve as melhores oportunidades". Concluindo que **"também se ganha com sacrifício"**.

É visível a presença dos valores práticos, lógicos, estéticos, éticos e vitais.

Há uma ênfase do «vencer com sacrifício», que é um comportamento inerente à ética, que se enquadra no espírito de equipa, na interajuda e na necessidade de todos remarem em direção a um objetivo comum, sobrepondo o coletivo ao individual. O próprio merecimento da vitória é em referência ao «bom» (à ética), **"Portugal foi a equipa que mais mereceu"**. Observando-se também o reconhecimento da valia do adversário e do consequente respeito nutrido por ele, pois é **"uma equipa muito forte"**.

Em relação aos penáltis, Fernando Santos deixou algumas palavras elogiosas para com os seus jogadores, reconhecendo que foram os próprios a determinar quem iria marcar as grandes penalidades: **"Nos penáltis é preciso ter coragem para os marcar e competência no que fazem. Foi uma questão de confiança dos jogadores. Disse-lhes que podiam ir à vontade. Os que marcaram estiveram bem e o Rui Patrício também, porque foi ele quem defendeu, não foi a bola que foi para fora"**.

Realçando a união da equipa e a entrega dos jogadores: **"Acho que tenho de destacar o espírito dos jogadores e eu, que não falo individualmente, hoje tenho de elogiar o Pepe, que foi enorme, e o Cristiano, que voltou a fazer um jogo soberbo em termos de equipa"**. Reforçando que: **"Estamos unidos cada vez mais e só temos um objetivo em mente."**; **"O nosso trunfo é o coletivo, a ambição e a vontade de todos em atingir o nosso objetivo: a final"**.

Portugal apenas conheceu o adversário das meias-finais (País de Gales) no dia seguinte à vitória frente à Polónia.

Questionado pelos jornalistas acerca da seleção gaulesa, Fernando Santos mostrou-se prudente: **"A equipa do País de Gales é muito compacta, é uma seleção que não tem amanhã, que faz tudo no presente, trabalha muito, luta muito, é muito forte no contra-ataque."** Recordando que, nesta fase da competição, o mais importante são as vitórias, pois permitem que as seleções se mantenham em prova, numa clara alusão ao valor vital: **"Aqui cada jogo é uma final, ou ganhas ou vais para casa! Ou matas ou morres, como se costuma dizer. É isso que temos feito e com mérito".**

O seleccionador nacional mostrou-se desagradado quando foi questionado acerca da incapacidade de Portugal vencer nos 90 minutos regulamentares e das críticas às exibições pouco vistosas da «equipa das quinas» em comparação com algumas das seleções já eliminadas da competição: **"Não ligo nada a esse tipo de questões, nem eu nem os meus jogadores, porque isso não conta absolutamente nada. Portugal está aqui por mérito próprio. Como podem dizer que não ganhámos, se quem está em casa é a Croácia e a Polónia?"**, acrescentando: **"Entre jogar bonito e estar em casa ou jogar feio e estar aqui, prefiro estar aqui"**.

Não existe o bonito ou feio no abstrato, existem «jogares» que nos aproximam mais ou menos da vitória. Por isso, o bonito ou o feio relacionam-se com o carácter subjetivo de quem observa, mas também com a eficiência e com a eficácia. A primeira liga-se ao processo, ou seja, procura a todo o momento criar as condições ideais, que são aquelas que aumentam a probabilidade de a equipa ser eficaz. A eficácia por sua vez é a concretização dessa eficiência.

"Eu não me importo de ser o patinho feio, quero é ganhar. Chamem-me o que quiserem, patinho feio, Calimero, nada disso me importa pois estou aqui para ganhar."

Assumindo a responsabilidade pela forma como a equipa encara os jogos, mas mostrando-se irredutível em modificar a forma de jogar da Seleção Nacional em prol dos comentários referentes às exibições portuguesas, o seleccionador nacional questiona: **"Há algum jogador ou treinador que não queira ganhar jogando sempre muito bem e bonito? Realmente não jogámos bonito, mas jogámos muito bem e prova disso é que a Croácia e a Polónia já foram para casa"**.

A questão não deve ser formulada entre o jogar «bonito ou feio», mas sim entre jogar «bem ou mal». A avaliação que se faz daquilo que significa jogar bem e mal depende das intenções que a equipa manifesta em jogo e da capacidade de concretização dessas mesmas intenções, isto é, as respostas que vai dando face aos problemas que o jogo lhe coloca. O valor vital manifesta-se na medida em que Portugal conseguiu ser eficaz, ao contrário da Croácia e da Polónia, o que lhe permitiu continuar em prova.

O facto de Cristiano Ronaldo não ter marcado qualquer golo na fase a eliminar da prova foi desvalorizado por Fernando Santos que aproveitou a questão para o elogiar, reforçando o seu peso no coletivo: **"Ronaldo tem sido fantástico na seleção. É um exemplo como capitão no espírito, na determinação, na vontade de ganhar"**.

Na antevisão do jogo frente ao País de Gales, e tal como tem sido habitual, o seleccionador nacional deixou elogios ao rival: **"Estudámos o País de Gales, procurámos estudar bem a sua forma de jogar, porque é uma equipa que tem uma forma de jogar diferente, quer na sua estratégia quer na apresentação em jogo nos aspetos defensivos e ofensivos. É uma equipa de grandíssima qualidade. Um dos treinadores que mais me marcou foi o Jimmy Hagan e com ele aprendi o que é a qualidade da escola inglesa, a qualidade de passe, de receção, de movimentos. Gales tem tudo isso"**.

Procuramos a estratégia certa para vencermos". Numa exaltação dos valores práticos, lógicos e éticos.

Lembrando o objetivo que Portugal definiu à partida para o Euro e nos comportamentos éticos necessários para os atingir: **"Trouxemos um propósito para este Europeu e temos amanhã um passo de gigante para dar, perante um adversário fortíssimo. Acredito que temos a capacidade para o fazer, com a mesma humildade, determinação e talento dos jogadores vamos conseguir ultrapassar a meia-final e chegar a Paris, que é o nosso objetivo".** Estando inerente o valor vital.

O apoio dos adeptos não foi esquecido: **"Tem sido fantástico o apoio dos nossos. Este amor à pátria dá-nos mais força. E em campo, não vamos dar apenas 100%: vamos dar 110% ou 120% por eles."**

Portugal venceu o País de Gales por 2-0, garantindo a presença na final.

Após a partida, Fernando Santos mostrou-se feliz por Portugal ter garantido a presença na final: **"Estou satisfeito e isso é normal, porque tenho sentimentos e alegrias. Tenho um prazer enorme por ter dado aos portugueses esta alegria de estarmos numa final"**, mantendo-se moderado na mesma proporção: **"Nada está ganho. Temos muito para trabalhar e para lutar. Temos quatro dias para preparar a final, temos de descansar e de preparar o jogo com toda a concentração"**. É visível a presença do valor hedonístico.

Em relação à análise ao jogo, o seleccionador nacional foi de encontro àquilo que tinha referido na véspera, aproveitando para reivindicar o mérito da sua equipa: **"Esperava um jogo difícil como foi. Alguma vez vamos ter de dizer que Portugal teve mérito em desmontar o adversário, senão não me parece justo, por aquilo que temos feito"**, acrescentando: **"Vejo sempre uma excelente equipa em campo. Umas vezes com um futebol mais**

agradável à vista, outras talvez nem tanto. Temos feito o que é preciso fazer - jogar bem porque quem joga mal não ganha".

Aproveitando para definir, através daquilo que Portugal fez frente ao País de Gales, o que considera como «jogar bem»: **"Somos uma equipa que sabe o que quer do jogo, estuda os adversários para não ser surpreendido no plano defensivo. Cada adversário é diferente e Gales também foi. Procurámos limitar o adversário e depois, no plano ofensivo, tínhamos de encontrar as linhas de passe certas e fazer golos. Porque não se ganham jogos sem marcar golos"**. Realçando o valor lógico, prático e estético.

O facto de Portugal ter atingido a final do Europeu pela segunda vez na sua história foi muito enaltecido e contou com uma confissão do Seleccionador Nacional: **"Há dois anos traçámos um propósito, no primeiro jogo, em Saint-Denis. Nessa palestra disse aos jogadores que queríamos voltar ali no dia 10 de julho deste ano. Com muito trabalho, com muita união..."** O que demonstra que o percurso de Portugal não foi algo espontâneo que aconteceu por um mero acaso. Foi algo planeado, transmitido, construído e trabalho. É perceptível a presença do valor ético e de todos os comportamentos inerentes, nomeadamente: o espírito de equipa, a interajuda, o sacrifício, a humildade, a determinação, a persistência, a crença, etc. Assim como o valor prático e lógico. Estético e hedonístico. Na definição de uma Ideia, de um jogar, de uma meta.

Fernando Santos aproveitou a qualificação para a final para agradecer e valorizar o esforço de todos aqueles que contribuíram para a emergência de um dos grandes objetivos: **"não posso esquecer aqueles jogadores que hoje não estão aqui mas foram fundamentais no nosso percurso. Esse propósito foi alcançado e agora vamos ter a final"**, num sinal claro de gratidão para com todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para o materializar da grande ambição portuguesa. Deixando uma certeza ao povo português, envolta em elogios ao grupo: **"vamos dar tudo por tudo para dar**

uma alegria aos portugueses. Nada nem ninguém nos tira essa ambição. Seja como for, sei com o que posso contar desta equipa, deste grupo, destes jogadores, que conheço muito bem. Sei o que cada um pode dar, quando o pode dar e sei que posso contar com eles, em qualquer circunstância".

"Seguramente que um dos momentos mais importantes da minha carreira será disputar a final no próximo domingo, ao serviço do meu País. Em termos pessoais não é igual... É pelo meu País, a minha bandeira, a minha pátria, a minha família, os meus amigos". A final assume uma proporção maior pelo facto de ser disputada ao «serviço do País», numa exaltação do valor Sagrado simbolicamente representado pela «bandeira», pela «pátria», pela «família» e «amigos». Finalizando com uma referência explícita ao Sagrado e uma convicção que nos reporta ao valor vital: **"O trajeto está cumprido e, graças a Deus, agora, temos a final. E as finais não são para jogar, mas para ganhar."**

Síntese da Fase a Eliminar

Ao longo desta fase da competição os valores mais exaltados, no discurso do seleccionador nacional, foram os valores vitais e éticos.

Fernando Santos demonstrou sempre um enorme respeito em relação às seleções adversárias de Portugal. Nas antevisões dos encontros, o seleccionador nacional procurou enaltecer o mérito dos adversários, alertando constantemente para as possíveis dificuldades inerentes aos diferentes jogos.

Os valores éticos, contudo, não se cingiram apenas às considerações que o seleccionador nacional teve em relação aos adversários de Portugal. Estes manifestaram-se, sobretudo, nos sucessivos apelos de Fernando Santos para a indispensabilidade de Portugal procurar ser uma grande equipa em todos os momentos. O conceito de equipa, tal como já tivemos oportunidade de referir,

relaciona-se profundamente com os valores éticos, pois procura o Bem, ou seja, a realização de si mesma (Guardini, 2000).

Toda a ética que considere como ponto central uma autorrealização autónoma torna-se falsa e estéril. Dessa forma, se o Homem apenas se centrar em si mesmo, perde, invariavelmente, o seu verdadeiro ser (Guardini, 2000). A autorrealização autêntica procura que o Homem se encontre a si mesmo, mesmo quando sai dos seus próprios limites e se entrega à tarefa, cumprindo a exigência que cada momento lhe impõe (Guardini, 2000) em prol de um Bem comum.

Assim, e tendo em conta os constantes apelos do selecionador nacional para a necessidade de Portugal se comportar como uma equipa, procurando através dela resolver os jogos, é visível a predominância dos valores éticos. Não basta que cada jogador procure a sua autorrealização, é necessário que ela convirja numa direção comum. Essa direção é o Bem.

Os valores vitais, fruto da obrigatoriedade de vencer para continuar em prova, assumem, nesta fase, uma maior preponderância em comparação com a fase de grupos. Fernando Santos distancia as duas fases, chegando até a afirmar, após a qualificação para a fase a eliminar, que todos os jogos, nesta fase, são «finais», ao contrário daquilo que sucede na fase de grupos em que é possível não vencer os respetivos jogos e fazer uma gestão consoante os resultados.

É perceptível uma crescente referência aos valores hedonísticos à medida que a Seleção Nacional vai eliminando os adversários e aproximando-se do seu grande objetivo. O prazer, ou a felicidade, é a consciencialização da realização de um valor, ou de vários. Os prazeres assumem diferentes caráteres dependendo do valor em questão (Guardini, 2000). A edificação dos diferentes valores, durante o jogo, aproxima-nos da vitória. O resultado apenas permite a valoração de determinados aspetos que sucedem em jogo.

Os valores práticos, lógicos e estéticos, ao longo desta fase, não são tão destacados no discurso do selecionador nacional. No entanto, os mesmos revelam-se em todos os momentos, visto que o Verdadeiro e o Belo não podem ser incongruentes com o Bem, pois se o fossem não seriam valores (Patrício, 1993).

O valor sagrado surge gradualmente ao longo desta fase, simbolizado através do conceito de «bandeira», de «felicidade» e finalmente através de uma referência explícita a Deus após a vitória na meia-final.

4.4 Final

Fernando Santos compareceu diante dos jornalistas horas antes do jogo entre a França e a Alemanha, que definia o adversário de Portugal na final.

Questionado acerca do adversário que preferia para o jogo decisivo, o selecionador nacional optou por relembrar o objetivo de Portugal: "**Seja qual for o adversário da final, vamos lá estar para ganhar**".

Vincando que a seleção nacional não se encontra receosa, nem preocupada com o histórico de resultados negativos somados em jogos anteriores contra as duas possíveis seleções adversárias na final, e que conhece as suas potencialidades e fragilidades, não abdicando da sua humildade: "**Esta equipa não teme ninguém nem se sente melhor que ninguém. Há uma identificação clara com a sua realidade e os jogadores sabem o que os pode levar ao objetivo. Não há qualquer presunção. O histórico também não terá influência**". A tal "**identificação clara**" da seleção nacional "**com a sua realidade**" é um elemento chave que vai de encontro a tudo aquilo que foi dito anteriormente por parte do selecionador nacional referente à questão do «jogar bem», revelando uma excelente capacidade de introspeção e de autoconhecimento, que é um elemento decisivo para o estabelecimento de quaisquer estratégias e que faz com que seja mais acessível alcançar os objetivos estipulados.

A boa relação entre todos os elementos que constituem o grupo é mais uma vez realçada pelo selecionador nacional, assim como a vontade e ambição partilhado por todos os jogadores em alcançar o grande objetivo definido: **"Temos um grupo que é homogéneo, em que todos ficam tristes se as coisas não correm bem e felizes se é ao contrário. Isso é o espírito de equipa, um dos seus pilares. Outro, é este sentido que a equipa tem da sua própria realidade. Eles têm identificação clara com aquilo que os pode levar ao objetivo e não esses triunfalismos bacocos, essas presunções... Esta equipa não tem. Toda a gente sabe o que procura fazer e dar o seu melhor"**.

Esta descrição é fundamental e expressa toda a ordem de valores: o valor vital é traduzido na procura da vitória em todos os jogos como o único caminho possível para alcançar o objetivo máximo, que é vencer o Europeu.

Os valores práticos, lógicos e estéticos, estão presentes **"no grupo homogéneo"**. O processo visa incorporar uma Ideia, que respeite as características do coletivo e dos elementos que o constituem.

O valor hedonístico é enaltecido num grupo onde todos **"ficam tristes ou felizes"** se as coisas correm bem ou mal, onde todos sentem prazer por estar a representar o seu país num Europeu, procurando uma conquista histórica.

O valor ético é perceptível através da valorização de vários comportamentos alicerçantes do coletivo como o **"espírito de equipa"** e o **"sentido da realidade"** que não se resume a **"triunfalismos bacocos"** ou **"presunções"**.

O valor Sagrado surge, finalmente, na procura da transcendência, de **"procurar fazer e dar o seu melhor"**, como algo simbólico, representando o desejo de ir além.

A confiança na vitória é manifestada subliminarmente na exaltação da prudência: **"Estamos concentrados em preparar o jogo de domingo. Em festa ainda não estamos mas vamos estar"**. Reforçando a importância do coletivo através das palavras de uma lenda do desporto mundial: **"Já o Michael Jordan dizia que os talentos ganham jogos mas são as equipas que ganham campeonatos, as guerras. É assim que Portugal está em campo."**

Finalizando: **"Como sabem, sou um crente mas nunca vi um milagre acontecer sem ninguém fazer nada. Quando se quer muito, os milagres acontecem."** Numa alusão ao valor Sagrado, mas consciente da necessidade de o edificar.

A França, anfitriã do Euro, bateu a Alemanha por 2-0, garantido a presença na final.

Na antevisão do encontro decisivo do Europeu, e tendo em conta as constantes críticas às exibições portuguesas, Fernando Santos lembrou o percurso de Portugal e reivindicou o mérito da sua equipa por estar na final: **"Quem está na final é Portugal porque ganhou as outras finais para chegar aqui. Passámos a fase de grupos e depois fomos ganhando sucessivamente todos os jogos. Ou será que não ganhámos, que não mandamos para casa a Croácia, a Polónia e o País de Gales? Não tenho qualquer dúvida de que esta final do Euro é aquela que merecia ser"** complementando, com o intuito de motivar a sua equipa: **"Como gostava que dissessem que Portugal ganhou sem merecer. Que espetáculo! Iria todo contente para casa. Se na segunda-feira os jornais franceses disserem mal de nós, que não jogámos bem e que não merecemos ganhar, mas nós formos com a Taça, ficarei feliz. Podem dizer mal, desde que ganhemos, que não levo a mal"**, conferindo uma enorme preponderância ao valor vital, mostrando-se indiferente às críticas.

O facto do balanço histórico de Portugal frente à França ser negativo foi também abordado pelo selecionador nacional, que o desvalorizou: **"Nunca houve uma final entre Portugal e França. Por isso, o que contará é apenas o jogo de amanhã, que é a primeira final. E Portugal vai marcar a história desta final, porque não vamos jogar contra os franceses e contra a tradição. As finais não se jogam, ganham-se"**, lembrando que a França por jogar em casa é **"natural favorita."** Acrescentando, porém, que **"ser favorita e ganhar, já é outra história. Eu acredito quem vai ganhar é Portugal."** Manifestando, uma vez mais, a sua crença ilimitada nos seus jogadores. **"Tenho um grupo fantástico, já o disse tantas vezes mas nunca me canso de repetir. Quando um treinador conta com jogadores deste calibre, com este espírito de conquista insaciável só pode ser um treinador feliz. "**

"Amanhã vamos jogar por nós, pelo objetivo que traçámos desde início, pelo futebol português e pelos portugueses espalhados pelo mundo. Não vamos jogar contra ninguém e muito menos com qualquer espírito de vingança. Vamos fazer como até aqui: respeitar o adversário, cumprir o nosso plano de jogo e nunca deixar de ir à procura do único resultado que nos interessa: a vitória. Que neste caso será a vitória no Campeonato da Europa".

Fernando Santos mostra-se confiante na sua equipa, focando na necessidade de a mesma manter a sua identidade na final, respeitando os valores que contribuíram para que Portugal conseguisse disputar o jogo decisivo. O valor vital é destacado como única condição para atingir o objetivo, assim como os valores práticos, lógicos e estéticos, bússolas orientadoras do Jogar, inerentes ao **"plano de jogo"**. O valor ético é também salientado na vontade da equipa em oferecer uma vitória a todos os portugueses e no respeito para com o adversário e a equipa de arbitragem: **"Acredito que vão estar três grandes equipas em campo".**

O seleccionador deixa uma mensagem de otimismo aos adeptos, pedindo que todos acreditem: **"Acreditem tanto como eu e os meus jogadores. Este grupo vai fazer de tudo para dar a todos a maior alegria de sempre, no contexto do futebol, claro. Como se diz lá na nossa terra, vamos ter alma até Almeida."** Garantindo que a equipa vai dar tudo para se sagrar campeã da Europa, indo além daquilo que fizeram em jogos anteriores. **"É natural que tenhamos de nos focar um pouco mais detalhadamente porque o que está em jogo é vencer o Europeu de futebol"**

Portugal venceu a final frente a França por 1-0, com um golo de Éder aos 106 minutos.

No rescaldo da partida o seleccionador nacional partilhou o mérito da vitória por todos: **"É uma vitória de Portugal! Não é do Fernando Santos, não é dos jogadores - claro que fizemos o nosso trabalho - mas esta é uma vitória dos portugueses, dos que nos acompanharam sempre, em França, em Marcoussis, em Portugal, pelo Mundo fora. Foi uma vitória dos portugueses que estão fora do país."** Confessando que a vitória foi edificada através de muito trabalho e não foi resultante de um acaso: **"Eu nunca sonho, tenho medo de ter pesadelos. O que procurámos foi construir uma equipa, com a noção exata das nossas capacidades e valor. Sei muito bem as nossas dificuldades e sempre lhes disse que não tinha medo de jogar contra nenhuma equipa."**

O sonhar pode ser aqui interpretado como um criar de expectativas desmesuradas baseadas em desejos irreais, ou improváveis, que conduzem a pesadelos, ou seja, tendem a esfumar-se, a não se concretizar. Em contrapartida, o seleccionador nacional confessa que procurou, através de uma introspeção profunda, conhecer as características de todos os elementos da equipa, identificando as suas várias qualidades, que o levaram a acreditar que seria possível almejar grandes feitos. O construir uma equipa é traduzido como o potenciar as qualidades de cada um, criando uma ideia de jogo que

possibilitasse à Seleção Nacional enfrentar qualquer equipa, alimentando a vontade de vencer.

"Sempre disse que seríamos sempre uma equipa. O triunfo é de todos. Não tenho por hábito esconder o que penso: temos talento e qualidade mas, acima de tudo teríamos de ser uma grande equipa e fomos." O **"ser uma grande equipa"** é o culminar de toda a ordem de valores, sendo o valor ético o seu núcleo axiológico central, que é comprovado nas palavras de Fernando Santos pela necessidade imperativa de Portugal ser uma verdadeira Equipa (ou seja, valorando inúmeros comportamentos inerentes ao valor ético que são indissociáveis para a formação de uma Equipa), levando a que todos os restantes valores convergissem naturalmente para esse núcleo, que nada mais é do que o bem, o «jogar bem». O facto de Portugal ter-se aproximado desse ideal, permitiu, entre vários outros fatores, que a Seleção Nacional conseguisse atingir o seu objetivo merecidamente: **"Fomos campeões com todo o mérito, não tenho dúvidas disso"**.

Em relação ao facto do golo ter sido marcado pelo Éder, o selecionador nacional partilhou uma curiosidade: **"Quando o coloquei em jogo, ele disse-me: «vou fazer o golo». E fez mesmo! O patinho feio tornou-se bonito! Está de parabéns."** Há uma exaltação do valor estético, na medida em que o Belo se interliga com o lado emocional, que atingiu os píncaros no momento do golo. O valor hedonístico também se encontra presente, pelo prazer provocado pelo golo.

Por fim, o selecionador nacional desfez-se em agradecimentos, mostrando-se grato pela oportunidade que lhe foi concedida pelo presidente da Federação Portuguesa de Futebol, enaltecendo todos os jogadores que contribuíram para a conquista, incluindo aqueles que não estiveram presentes no Europeu, assim como os membros da direção e equipa técnica que tornaram a vitória possível, numa clara demonstração do valor ético.

Fernando Santos agradece a todos os seus familiares e amigos dando um grande enfoque ao valor sagrado: **"Quero agradecer a Deus Pai por este momento importante na minha vida. Deixar uma palavra especial ao presidente, Dr. Fernando Gomes, pela confiança quem sempre depositou em mim e não me esqueço que comecei com um castigo de 8 jogos sobre mim. A toda a direção e a todos os que viveram comigo estes momentos. Aos jogadores, dizendo mais uma vez que tenho um enorme orgulho em ter sido o seu treinador e àqueles que não puderam estar aqui presentes também é deles esta vitória. O meu desejo pessoal agora é ir para casa, dar um beijo do tamanho do Mundo à minha mãe, à minha mulher, aos meus filhos, ao meu neto, ao meu genro e à minha nora e ao meu pai, que junto de Deus, está seguramente a celebrar. E a todos os meus amigos, muitos deles meus irmãos, um abraço muito apertado e obrigado pelo apoio mas principalmente pela amizade. Por último, mas em primeiro, é falar com o meu maior amigo e sua mãe, dedicar-lhe esta conquista e agradecer-lhe por me ter convocado e me ter concedido o dom da sabedoria, da perseverança e da humildade para lidar esta equipa e ele me ter iluminado e guiado. Por tudo o que faço, e espero e desejo seja em glória de seu nome."**

Síntese da Final

Esta fase divide-se em apenas dois momentos: a antevisão da final do Europeu e a reação à vitória final.

É identificável, ao longo do discurso do selecionador nacional de antevisão à final, uma maior preponderância dos valores vitais e éticos. Fernando Santos mostra-se confiante na sua equipa, afirmando que a mesma não teme nenhum adversário e que o seu único objetivo é ganhar. É verificável um apelo para que a Seleção Nacional se comporte como até então, respeitando os adversários, cumprindo o plano de jogo estipulado, procurando vencer o jogo.

Os valores éticos manifestam-se na necessidade imperativa de Portugal continuar a ser uma «grande equipa». Essa necessidade é o núcleo unificador, que é constituído, na sua diversidade una, pela interação dos restantes valores (Patrício, 1993).

Como temos vindo a afirmar, os valores práticos, lógicos e estéticos, são as bússolas orientadoras do «jogar» que suportam e interagem com os comportamentos éticos inerentes à edificação de uma «Equipa», sendo todos interdependentes. Assim, o sentido que a equipa possui da sua própria realidade é o pólo que deve orientar toda a edificação axiológica (Patrício, 1993), de forma a aproximar a Seleção Nacional do seu grande objetivo.

Os valores vitais sobressaem-se na medida em que apenas a vitória interessa. Para o selecionador nacional a vitória na final é o mais importante, assumindo-se até como algo transcendente, numa clara manifestação do valor Sagrado. A vitória no jogo é a possibilidade de vencer o Europeu, tendo por detrás todo o simbolismo inerente a essa conquista: a elevação da «bandeira» portuguesa, o exacerbar do orgulho nacional, a possibilidade de fazer história, entre outros.

Após a final, é perceptível uma prevalência dos valores hedonísticos, estéticos, éticos e sagrados.

O atingimento do grande objetivo de Portugal provocou um enorme prazer em todos os elementos da equipa, assim como em todos os apoiantes da Seleção Nacional. As referências aos valores hedonísticos inundaram o discurso do selecionador nacional, comprovando que “aos atos mais nobres correspondem prazeres mais nobres” (Patrício, 1993, p.114).

O êxtase da vitória remeteu para segundo plano as incidências do jogo. Os valores práticos e lógicos foram ofuscados pelo resultado final, como se diante do triunfo ou do fracasso, a trajetória não existisse (Valdano, 2016), permitindo que houvesse um extravasar dos valores hedonísticos e estéticos.

O jogo de futebol caracteriza-se por nos levar a extremos emocionais (Valdano, 2016), encontrando-se profundamente relacionado com a experiência sensório-emocional dos espectadores. Esse facto transporta-nos para uma experiência humana estética, na qual o Belo se manifesta. Dessa forma, os valores estéticos revelam-se no discurso de Fernando Santos como consequências da explosão emocional provocada pela vitória. O golo marcado por Éder aos 108 minutos foi o momento culminante do trajeto de Portugal, assemelhando-se a um relâmpago no meio de um dia de sol (Valdano, 2016), comportando em si toda a escala de valores.

Após o triunfo, é perceptível no discurso do seleccionador nacional uma enorme referência aos valores éticos. Fernando Santos enaltece a postura de todos os jogadores e o mérito que todos tiveram por se terem comportado, em todos os momentos, como uma verdadeira equipa, mostrando-se profundamente grato a todos aqueles que contribuíram para a vitória portuguesa, incluindo os jogadores que não puderam estar presentes, afirmando que a vitória não é exclusiva da equipa, mas sim de Portugal e de todos os portugueses.

Finalmente, e ao contrário daquilo que verificámos em momentos anteriores da competição, há uma enorme exaltação do valor Sagrado. O seleccionador nacional, nos agradecimentos que fez logo após o fim do jogo, alude explicitamente a Deus. Este facto é extremamente interessante e curioso, indo ao encontro das palavras de Manuel Patrício (1993) quando afirma que é do estado religioso que decorre o valor de tudo o que para o homem é valioso, comprovando que o valor Sagrado é um valor culminante, agregador de todos aqueles que o sustêm.

4.5 Pós Euro

Praticamente um mês após a vitória de Portugal no Europeu, Fernando Santos concedeu uma entrevista ao Jornal Record onde abordou a conquista inédita da Seleção Nacional.

Questionado acerca da autenticidade da sua crença na vitória portuguesa, o selecionador nacional foi elucidativo: **“Eu sempre disse convictamente que Portugal tinha condições para chegar ao título; não era uma técnica motivacional, para levar as pessoas a acreditar numa fantasia. Quando afirmei aos jogadores, na primeira palestra, que queria ser campeão europeu, a mensagem não se esgotou aí. É verdade que escrevi a frase no quadro mas não o fiz de ânimo leve. Acreditava e expliquei as razões pelas quais isso acontecia.”** Acrescentando: **“Sabia que se conseguíssemos construir bases de sustentação sólidas para o talento dos jogadores, tínhamos condições para ganhar. E que devíamos lutar por isso.”**

As bases de sustentação relacionam-se com os valores práticos, lógicos e éticos. O selecionador nacional tinha um conhecimento profundo sobre os jogadores portugueses e, tendo em conta as suas características, sentiu que estavam em condições de lutar pela vitória numa grande competição. Na sua ótica, para que isso sucedesse, seria necessário criar uma ideia de jogo forte tendo como base um grande espírito de equipa: **“O que eu pretendia era criar um estado de espírito que elevasse ao máximo o grau de dificuldade dos adversários.”**

Só com muita união entre todos os elementos do coletivo é que o objetivo de Portugal poderia ser materializado: **“Quando conseguíssemos que o eu, o ele, o vós e o eles desaparecessem do nosso léxico e nos cingíssemos ao nós, aí o clique estava dado. Conseguimos e no momento em que tal sucedeu tive a certeza de que era muito difícil ganhar a Portugal. E vai continuar a ser”**, sendo perceptível a presença do valor ético.

O selecionador nacional recordou o percurso de Portugal no Europeu, esclarecendo que ninguém ficou satisfeito com os empates alcançados na fase de grupos: **“Claro que, depois de empatarmos, não vamos fazer uma festa. Nunca disse aos jogadores que empatar com a Islândia ou a Áustria foi bom.”** No entanto, apesar dos resultados obtidos não terem sido os desejados,

nem tudo foi negativo: **“Mas disse-lhes que, apesar do resultado e de não termos feito tudo bem, atirámos três bolas aos ferros, fomos coesos e atacámos quase sempre.”** Indo de encontro àquilo que foi dizendo ao longo da competição.

Para o seleccionador nacional, o jogo contra a Hungria foi o momento-chave para a vitória no Europeu: **“O jogo com a Hungria foi o momento chave para a vitória no Europeu e, simultaneamente, o pior de Portugal em toda a competição. Isto apesar de termos feito três golos e de o adversário ter executado uns tiros que bateram em defesas nossos e entraram na baliza...”** Tendo sido decisivo para o fortalecimento do espírito do grupo, da sua capacidade de sofrimento e da resiliência de todos os jogadores.

A forma de jogar da Seleção Nacional foi bastante contestada ao longo da competição, tendo sido até apelidada de «aborrecida». No entanto, para Fernando Santos, a equipa de Portugal cumpriu na perfeição a ideia que construíram: **“Para ganharmos um Europeu teríamos de ser muito fortes em termos estratégicos. Sob pena de, se fôssemos líricos e chegássemos ali achando que éramos melhores e jogássemos o futebol que, teoricamente, achámos que devemos praticar, correríamos muitos riscos.”** Sendo perceptível a presença dos valores vitais, práticos, lógicos, éticos e estéticos.

“Se o objetivo é ganhar, a nossa obrigação é criar condições para consegui-lo. Foi isso que eu sempre defini e não esperem de mim outra coisa. Não há treinador que não tenha como ideal ganhar jogando bem e que o conceito de bem contemple um futebol deslumbrante.” O valor estético é subordinado ao valor vital, no entanto este encontra-se presente na eficiência e na eficácia resultante das vitórias alcançadas. A vitória legitima o processo, sendo condicionada por ele.

Por fim, Fernando Santos fez um reparo à comunicação social: **“Nunca se realizaram devidamente os méritos da equipa. Podia ter-se dito que fomos a equipa com mais ataques, remates, cantos e cruzamentos, por exemplo.”** Deixando uma palavra de agradecimento ao povo português: **“Aquela receção do povo foi inesquecível. De resto, temos de agradecer, numa perspetiva mais ampla, aos portugueses que nos apoiaram, nos transmitiram energia positiva e nos deram confiança por todo o Mundo.”**

Síntese à Fase Pós Euro

Foi possível constatar, no discurso de Fernando Santos ao longo do Europeu, a presença de várias mensagens com teores distintos direcionadas para diferentes destinatários. Como nos diz Wolton (1999), a comunicação contempla, simultaneamente, uma dimensão normativa (na qual se partilha como valor e ideal) e uma dimensão funcional (procurando a difusão e a interação).

A presença dos valores éticos no discurso do selecionador nacional foi constante e manifestou-se, mais uma vez, na grande entrevista concedida após a conquista de Portugal. Sendo, no entanto, visível a presença de todos os restantes valores.

O conceito de «Equipa» assume-se para o selecionador nacional como um princípio ético uno e imutável (Patrício, 1993). A edificação de todo o processo tem origem nessa relação ética que é a relação fundamental, pois funda qualquer outra (Patrício, 1993). Durante o Europeu, todos os valores estiveram presentes, surgindo em intensidades distintas, consoante os momentos e as fases da competição, comprovando que a importância relativa dos valores numa hierarquia não está organizada de uma vez por todas, para sempre, nem *a priori* (Andrade, 1997).

A necessidade inicial de construir bases de sustentação sólidas é referida por Fernando Santos como uma das indispensabilidades para que Portugal se pudesse aproximar da vitória no Europeu. Esse processo ancora-se nos

valores éticos, revelando, simultaneamente, a presença dos valores práticos, lógicos e estéticos, na criação e assimilação de uma Ideia, assim como do valor hedonístico, no prazer sentido na construção dessa mesma Ideia.

CONCLUSÕES

5. CONCLUSÕES

Foi possível verificar, ao longo da nossa análise, que Fernando Santos, no seu discurso durante o Euro 2016, foi enaltecendo todos os valores estipulados no quadro axiológico referente. Porém, não os viveu com a mesma intensidade, nem eles ocuparam a mesma posição na sua globalidade axiológica, ao longo das diferentes fases competitivas.

Na fase de preparação para o Europeu foi visível uma sobreposição dos valores vitais, práticos, lógicos e éticos aos restantes. Os valores vitais manifestaram-se duplamente, tanto na intenção de vencer os diferentes jogos de preparação, como na constante afirmação do objetivo de Portugal na competição. Os valores práticos e lógicos revelaram-se na questão estratégica, ou seja, na indispensabilidade da Seleção Nacional aproveitar o período de preparação anterior ao Europeu para «afinar a máquina», de modo a chegar a França preparada. Os valores éticos estiveram presentes na enorme importância atribuída ao coletivo e na necessidade crucial de Portugal procurar ser uma verdadeira Equipa.

Ao longo da fase de grupos do Europeu foi perceptível uma maior exaltação do valor vital e uma grande alusão aos valores práticos, lógicos e hedonísticos. A maior expressão do valor vital relacionou-se com os resultados iniciais menos conseguidos e da consequente necessidade de Portugal vencer para se manter em prova. O valor hedonístico revelou-se nas sucessivas manifestações de confiança com que o selecionador nacional brindou o coletivo nos momentos menos bons. Os valores práticos e lógicos ficaram explícitos em praticamente todas as análises que Fernando Santos realizou referentes aos jogos da Seleção Nacional.

Ao longo da fase a eliminar os valores mais enaltecidos foram os valores vitais e éticos. Os valores éticos manifestaram-se nas análises aos adversários e nos sucessivos apelos para que a Seleção Nacional fosse uma verdadeira Equipa.

Os valores vitais estiveram permanentemente presentes devido à necessidade de Portugal vencer para poder continuar em prova e alcançar o grande objetivo.

Na antevisão da final, houve uma maior preponderância dos valores vitais e éticos. Os valores éticos manifestaram-se na necessidade imperativa de Portugal ser uma «grande equipa» durante o jogo decisivo e os valores vitais expressaram-se na vontade que o seleccionador nacional demonstrou em vencer o jogo e, consequentemente, a competição.

Após a final, é perceptível uma prevalência dos valores hedonísticos, estéticos, éticos e Sagrados. O facto de Portugal ter conquistado o Europeu provocou um enorme prazer em todos os elementos da equipa, assim como em todos os apoiantes da Seleção Nacional. Os valores estéticos revelaram-se no discurso de Fernando Santos como consequências da explosão emocional provocada pela vitória. Os valores éticos surgiram no enaltecimento da postura de todos os jogadores e do mérito que todos tiveram por se terem comportado, em todos os momentos, como uma verdadeira equipa. Finalmente, e ao contrário daquilo que verificámos em momentos anteriores da competição, houve uma enorme exaltação do valor Sagrado. O seleccionador nacional, nos agradecimentos que fez logo após o fim do jogo, aludiu explicitamente a Deus.

Na fase pós Euro, na última entrevista concedida por Fernando Santos, houve uma incidência em todos os valores, destacando-se porém, os valores éticos. A necessidade inicial de construir bases de sustentação sólidas é referida por Fernando Santos como uma das indispensabilidades para que Portugal se pudesse aproximar da vitória no Europeu. Esse processo ancorou-se nos valores éticos, revelando, concomitantemente, a presença dos valores práticos, lógicos, estéticos, na criação e assimilação de uma Ideia, assim como do valor hedonístico, no prazer sentido na construção dessa mesma Ideia.

BIBLIOGRAFIA

6. BIBLIOGRAFIA

Andrade, J. V. (1997). Os valores na educação: uma prespetiva universalizante. In M. F. Patrício, *A escola cultural e os valores* (pp. 145-150). Porto: Porto Editora.

Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bento, J. (1993). Da cultura Lusíada à cultura desportiva. In J. Bento, & A. Marques, *A ciência desportiva, a cultura e o homem* (pp. 17-30). Porto: Universidade do Porto - Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física.

Branco, A. M. (1997). A história e os valores. In M. F. Patrício, & M. F. Patrício (Ed.), *A escola cultural e os valores* (pp. 279-289). Porto: Porto Editora.

Caillois, R. (1979). *O Homem e o Sagrado*. Lisboa: Edições 70.

Coelho, E. P. (2004). *O Fio da Modernidade*. Cruz Quebrada: Editorial Notícias.

Constantino, J. (2007). Os valores educativos do desporto - Representações e realidades. In J. Bento, & J. Constantino, *Em defesa do desporto - Mutações e valores em conflito* (pp. 57-79). Coimbra: Almedina.

Costa, A. d. (1993). Cultura desportiva e cultura industrial. In J. Bento, & A. Marques, *A ciência do desporto, a cultura e o homem* (pp. 41-49). Porto: Universidade do Porto - Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física.

Dumas, J.-L. (1999). Filosofia dos Valores. In L. Jerphagnon, *Dicionário das Grandes Filosofias*. Lisboa: Edições 70.

Euro boosted French economy by over €1.2 bn. Consult. 20 Set. 2017, disponível em <http://www.uefa.com/insideuefa/about-uefa/news/newsid=2437527.html>

Fontana, A., & Frey, J. (2002). The interview - From structured questions to negotiated text. In N. Denzin, & Y. Lincoln, *Handbook of qualitative research* (pp. 645-672). Thousand Oaks: Sage Publications.

Garcia, R. (1993). Maratona - palavra plural. In J. Bento, & A. Marques, *A ciência do desporto, a cultura e o homem* (pp. 145-154). Porto: Universidade do Porto - Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física.

Guardini, R. (2000). *Ética Lecciones en la Universidad de Múnich*. Madrid, Espanha: Biblioteca de Autores Cristianos.

Maciel, J. (2011). *Não o deixes matar o bom futebol e quem o joga*. Chiado Editora.

Marques, A. T. (1993). Desporto, arte e estética. Fronteiras e espaços comuns. In J. Bento, & A. Marques, *A ciência do desporto, a cultura e o homem* (pp. 31-39). Porto: Universidade do Porto - Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física.

Mora, J. F. (1991). *Dicionário de Filosofia*. Lisboa: Dom Quixote.

Mota, G. L. (2014). Competição e felicidade uma equação complexa. *Público*. Consult. 20 Set. 2017, disponível em <https://www.publico.pt/opiniao/jornal/competicao-e-felicidade-uma-equacao-complexa-28665785>

Murad, M. (2007). Futebol para além do lado económico e profissional. In J. Bento, & J. M. Constantino, *Em defesa do desporto - Mutações e valores em conflito* (pp. 245-268). Coimbra: Almedina.

Patrício, M. (1993). *Lições de Axiologia Educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.

Pinto, I. (2016). Vitória de Portugal gera retorno de 609 milhões. *Diário de Notícias*. Consult. 20 Set. 2017, disponível em <http://www.dn.pt/desporto/euro-2016/interior/vitoria-de-portugal-gera-retorno-de-609-milhoes-5275705.html>

Saramago, J. (2008). Esplendor de Portugal. José Saramago: o nobel não significou nada às portas da morte. *Expresso (Revista Única)*, Lisboa, 11 de Outubro de 2008 .

Sérgio, M. (2014). Código de ética desportiva. *A Bola*. Consult. 20 Set. 2017, disponível em <https://www.abola.pt/nacional/Noticias/Ver/487829>

Sérgio, M. (2014). Plano nacional de ética no desporto. *A Bola*. Consult. 20 Set. 2017, disponível em <https://www.abola.pt/Nnh/Noticias/Ver/459634>

Sérgio, M. (2006). A educação desportiva. In *Motricidade n2 v2* (pp. 117-122).

Soriano, F. (2010). *A bola não entra por acaso*. Lisboa: Gestãoplus Edições.

UEFA Euro 2016 em números. Consult. 20 Set 2017, disponível em <http://pt.uefa.com/uefaeuro/news/newsid=2390715.html>

Valdano, J. (2016). *Fútbol: El Juego Infinito*. Barcelona, Espanha: Conecta.

Viana, N. (2007). *Os Valores na Sociedade Moderna*. Brasília, Brasil: Thesaurus Editora.

Wolton, D. (1999). *Pensar a Comunicação*. Lisboa: Difel.

Anexos

ANEXO I – Entrevista a Fernando Santos

Diogo Baía (D.B) - Na entrevista que concedeu ao *Jornal Record*, cerca de um mês após a conquista do Europeu, referiu que sabia que se conseguissem «construir bases de sustentação sólidas para o talento dos jogadores», Portugal tinha condições para ganhar o Europeu. Que bases eram essas?

Fernando Santos (F.S) - Isso tem a ver com aquela questão de eu sempre ter afirmado, ou ter a convicção, que Portugal podia vencer um campeonato da Europa.

Eu desde há muitos anos atrás, e principalmente depois de ter treinado a seleção da Grécia, e ter conhecido o que era o trabalho da seleção (que é um trabalho completamente diferente de um clube), cheguei à conclusão de que, se eu conseguisse encontrar uma relação suficientemente forte entre aquilo que é a organização estratégica, a forma competitiva com que encaras o jogo, aquilo que é a tua análise global - e isso junta muitas coisas: o aspeto técnico, o aspeto tático, obviamente, assim como a tua capacidade mental, a tua abordagem ao jogo – estaria mais próximo de poder disputar uma grande competição.

Portugal tinha, na minha opinião, quase todas as condições necessárias para isso: a qualidade dos jogadores, todos reconhecem, a questão técnico-tática podia-se resolver, pois isso é uma questão de trabalho e eu acreditava no meu trabalho e no trabalho daqueles que normalmente trabalham comigo. Tínhamos jogadores talentosos que jogam em grandes campeonatos e, portanto, podíamos fazer isso.

A questão central era conseguir que a equipa percebesse que para ganhar há dois momentos fundamentais no jogo (apesar de nós treinadores considerarmos 4/5 momentos, porque as bolas paradas também são um momento do jogo).

O futebol é um jogo muito simples, como eu costumo dizer aos jogadores. É preciso marcar golos à equipa adversária e é preciso que ela não nos marque. Quer dizer que os momentos mais importantes são o ataque e a defesa, a organização ofensiva e defensiva.

É tu pensares o jogo dessa forma. Tu tens de querer ganhar o jogo, e isso é um princípio básico que a minha equipa tem e que a federação também tinha. Porque quando tu dizes que queres ser campeão da Europa só podes ganhar, porque se perderes ou empatares, não vais ser. Só que eu precisava que eles percebessem que, para ganhar, é preciso marcar golos, mas também é muito importante não sofrer.

Eu precisava de mudar esse *chip*, ou seja, dar algum pragmatismo à equipa portuguesa, no sentido de conseguir olhar para o adversário sem nenhum receio, tendo a convicção clara e a confiança de que pode ganhar e que pode bater-se com qualquer adversário, chame-se quem se chamar.

Mas também com a humildade suficiente para perceber que se não tiver o *chip* no lugar certo, também pode perder com qualquer adversário. Portanto, na realidade, essa era a questão central para mim. Era levar a equipa a entender isso. E se eu conseguisse isso, ficávamos mais perto de poder ser campeões Europeus. Não é de ganhar um jogo ou outro. É de ser campeões Europeus! Vencer uma prova, que é uma coisa um bocadinho diferente.

(D.B) - Então isso, se calhar, já responde à segunda questão que ia colocar, que tem a ver com a referência que fez, nessa mesma entrevista, ao seu objetivo de criar, na Seleção Nacional, um estado de espírito que elevasse ao máximo o grau de dificuldade dos adversários. De certa forma isso também se relaciona com essa questão, certo?

(F.S) Claro. De alguma forma entronca na mesma questão. Nunca partimos para um jogo para não perder. Isso nunca o fizemos, nem nunca iremos fazer!

Nem eu nunca o fiz enquanto treinador, principalmente desde que cheguei ao Futebol Clube do Porto. Claro que no Estrela da Amadora e no Estoril, algumas

vezes, pura e simplesmente, queria não perder. Tentava ganhar, mas o primeiro fundamento, a base, o ponto de partida era não perder, para tentar ganhar. A partir do momento que cheguei ao Futebol Clube do Porto, e daí para cá, tenho sempre como primeiro objetivo ganhar.

Tendo a noção exata que é este o ponto de partida - chegar à vitória - e sabendo eu que para isso – e os meus jogadores também - é preciso marcar golos.

Mas ao mesmo tempo, procurar conseguir esse equilíbrio de conseguir marcar e não sofrer.

Se perguntássemos a todos os treinadores: «Queres ganhar por 5-4 ou queres ganhar por 1-0?», penso que todos responderiam da mesma maneira. Se calhar, todos dizíamos que queríamos ganhar por 5-4. É mais espetáculo. Mas o que nós queremos verdadeiramente é ganhar e sabemos que estamos mais perto de ganhar quando o adversário não nos faz golos. E, portanto, tendo eu a qualidade que a equipa nacional tem (considerando que tem também o melhor jogador do mundo e, ainda por cima, numa posição de fazer golos). Considerando tudo isso, eu então entendia que nós podíamos disputar qualquer jogo, com qualquer adversário, mas que teríamos de ter essa premissa também. Se não, corremos o risco de querer ganhar e depois o adversário marca-nos golos e torna tudo bem mais difícil.

(D.B) - Houve uma expressão que o acompanhou sempre ao longo do Europeu que foi a questão do «jogar bem». O que entende por «jogar bem»?

(F.S.) - Isso teve a ver com um certo ruído que surgiu durante o Europeu que insinuava que Portugal não jogava bem. Eu acho que as pessoas confundiram bem e bonito, que são duas coisas completamente distintas.

Bonito não quer dizer bem, nem bem quer dizer bonito. Agora, muitas vezes as duas coisas acabam por estar ligadas, isso é verdade. Mas eu conheço muita

coisa bem-feita que não é bonita à vista. E está suficientemente forte e sustentável.

Tu podes fazer uma casa muito bem-feita, e que pode vir o que vier: qualquer tempestade, qualquer terramoto, que aquilo nunca vai mexer. É uma casa perfeita, em termos de construção, mas pode não ser bonita à vista. Mas pode vir a ser bonita, se tu fizeres algumas coisas...

Eu achava que tinha de desmistificar esse conceito, porque as pessoas, na minha perspetiva, confundiram o bonito com o bem, e eu acho que isso não se deve confundir, pois são duas coisas distintas.

Nós não estamos aqui para ser bonitos, mas para fazer bem. Porque nós queremos ganhar. E para ganhar há uma coisa que é essencial: tu tens que jogar bem. Se jogares mal não podes ganhar.

E as pessoas acham que se jogares feio que não podes ganhar, e isso não é verdade. Depois também depende do teu critério de análise do que é feio ou bonito. Para já porque 95% das pessoas que vão ao futebol, dos adeptos normais, só vêm o futebol de uma perspetiva, que é a perspetiva do ataque. Ou seja, se fazes um drible, se fazes uma finta, se tens um cruzamento, se fazes um golo... isso é que é bonito.

Defensivamente, só se houver uma grande defesa do guarda-redes. Mas, se uma equipa, por exemplo, estiver muito bem defensivamente, muito bem estruturada, se fizer uma exibição fantástica nessa parte do jogo, ninguém diz que isso é bonito, normalmente até dizem que é feio. Portanto, logo aí está um erro tremendo, porque não consegues ver a beleza daquele lado também.

E isto para dizer que essa frase tem muito a ver com isso. Que para se ganhar tem que se jogar bem. Quem joga mal perde! Talvez 95%, 96%, 97% das vezes vai perder. E quem joga bem vai ganhar 95% ou 96% das vezes.

E jogar bem no futebol é, quando se tem bola, atacar bem, ou seja, a nossa organização ofensiva ter qualidade a nível do movimento de quem tem bola e de quem não tem bola, do movimento coletivo e do objetivo que é fazer golo.

Depois, quando não tens bola é também estares bem organizado de maneira a que não permitas que o teu adversário a ponha dentro da tua baliza. E depois há aqueles dois momentos das transições, tudo isso.

E também há as bolas paradas, onde é preciso um nível de concentração elevadíssimo, quer nas ofensivas como nas defensivas. Jogar bem é tu preencheres bem todos estes requisitos. E a isto juntares também uma capacidade mental muito forte para que em cada momento do jogo tu jogares de acordo com aquilo que o jogo necessita.

E jogar bem é isto.

E quando tu fazes isto bem, quando preenches estes requisitos bem, então estás muito perto da vitória.

Ter sorte dá trabalho... A sorte no futebol também existe, mas dá trabalho! Os milagres existem, mas dão trabalho, muito trabalho. E Portugal ganhou os 7 jogos da fase de apuramento e depois, durante a fase final do campeonato da Europa, não perdeu nenhum jogo, nenhum! Isto não há volta a dar, digam o que quiserem.

Se me dissessem assim: «O futebol português não é espetacular...» Isso é outra questão. Agora que joga mal... Porque o que diziam é que Portugal jogava mal. E isso é que não é verdade. Podia não ser muito espetacular. Mas que jogava bem, jogava. Eu não digo bem, digo muito bem!

Porque em cada momento do jogo e em cada jogo, Portugal... Obviamente que não o conseguiu fazer bem em todos os jogos durante 90 minutos. Isso não... Isso é outra coisa. Eu acho que não ganhámos, por exemplo, à Islândia, principalmente à Islândia e à Hungria, por razões diversas.

O jogo com a Áustria foi manifestamente um jogo de falta de, como a gente diz, de um bocadinho de sorte. Porque a bola foi ao poste três vezes, perdemos uma grande penalidade... Dominámos o jogo em todos os aspetos.

O jogo da Islândia, sim. Na segunda parte, Portugal não foi suficientemente bom, ou não jogou suficientemente bem, no aspeto ofensivo, para vencer aquele jogo. Aí Portugal teve uma primeira parte em que esteve bem e teve uma segunda parte que não jogou tão bem, não jogou mal, mas não jogou tão bem. E portanto, se eu tivesse que dar uma nota, de 0 a 20, eu daria 10. Não se pode dar mais do que isso.

No jogo contra a Hungria, por exemplo, estivemos muito bem no capítulo ofensivo durante todo o jogo, criámos muitas oportunidades, fizemos três golos, mas tivemos muito mal no aspeto defensivo e por isso o jogo acabou 3-3. E isso é até a prova provada daquilo que eu estava a dizer. Portugal, em termos ofensivos, correspondeu àquilo que era necessário: 3 golos. 3 golos teoricamente deviam ter chegado para ganhar e não chegaram porque jogámos muito mal defensivamente.

De resto, em todos os outros jogos, Portugal soube muito bem jogar com o próprio jogo... em todos os jogos! Depois tu podes dizer «está bem, mas houve alguma felicidade de marcar no último minuto». Ok. Mas isso faz parte do futebol! Também podíamos ter sofrido no último minuto...

Muitas vezes as leituras que são feitas são enviesadas. Por exemplo, Portugal ganhou à Polónia nas grandes penalidades e eu lembro-me de ouvir dizer que Portugal não ganhou o jogo (e eu não sei como isso é possível porque a gente na fase a seguir estava lá). Mas segundo o que ouvi dizer, Portugal não ganhou, tivemos sorte e não sei quê.

Portugal este ano perdeu nas meias-finais da Taça das Confederações contra o Chile, nos penáltis, e as mesmas pessoas disseram que Portugal perdeu.

Ou seja, Portugal contra a Polónia não ganhou, mas contra o Chile perdeu. É uma coisa um bocadinho esquisita, não é? Quanto muito não teria ganho nenhum dos dois jogos.

Isto para dizer o quê? Que estas leituras são muitas vezes feitas de acordo com aquilo que a gente quer dizer, e aos treinadores compete sair disso. E portanto, eu bati sempre muito nessa tecla.

Eu sempre debati essa questão do bonito e do feio, do bem e do mal, com os meus jogadores. Dizia-lhes: esqueçam isso do bonito e do feio porque isso não existe, existe o bem ou o mal e nós temos que jogar bem para ganhar o Campeonato da Europa.

No final do Europeu, os adeptos criaram um cântico em que divertidamente disseram uma coisa errada «não importa se jogamos bem ou mal». Isso não era verdade, o que eles queriam dizer era «se jogamos bonito ou feio», pois essa é que era a questão, mas isso não calhava bem no verso e acabou por baralhar as contas ali.

Porque quem não joga bem, não pode ganhar. E eu acho que é muito injusto dizer que um campeão da Europa é campeão da Europa só por sorte... Isso não existe. Teve que ter mérito. É impossível. E mérito é jogar bem, no futebol.

(D.B) - Falou, ao longo de toda a campanha de Portugal, de vários comportamentos necessários para a edificação de uma Equipa. Quais são para si, os princípios fundamentais, os valores orientadores do conceito de Equipa?

(F.S) - Há um princípio fundamental, e o resto gira em torno desse princípio, e foi precisamente isso que eu comecei por fazer, que foi eliminar os pronomes pessoais que são individuais: o «eu», o «tu», o «ele»... Até o «eles». Erradicá-los do nosso discurso. Aliás, não basta erradicar do discurso, têm que ser mesmo completamente erradicados. E portanto, só deve existir o «nós».

Este conceito no futebol, para mim, é fundamental, e já passei por muito lado e tenho a noção exata disto. Uma equipa pode ter muita qualidade, pode ter jogadores de grande qualidade, pode ser muito bem treinada, pode estar bem em tudo. Se mentalmente a equipa não estiver coesa, ou seja, se não houver

um grupo unido e forte, que pense só coletivamente... E tu podes perguntar: e o individual não é importante? Claro que é!

A questão não é tudo ser «nós, nós, nós». Agora o «nós» é que não pode deixar que o «eu» prevaleça, e no futebol, muitas vezes o «eu» prevalece em função do «nós».

Por exemplo: eu fico chateado porque ganhei um jogo mas não marquei um golo. Quer dizer, eu tenho que ficar contente porque a minha equipa ganhou, não é por ter marcado um golo, ou não. E, portanto, essa é que era a questão central: era conseguir criar um grupo de tal forma coeso que pensasse só em termos coletivos (obviamente que no jogo cada um tem que pensar individualmente).

Este é que era o ponto de partida, era criar esta coesão em que todos confluíssem no mesmo sentido. Porquê? Porque se nós conseguirmos que isto aconteça fora do campo, depois vamos levá-lo para o campo. Tudo aquilo que é a organização e a dinâmica do jogo, porque isto é um jogo coletivo e não individual, torna-se mais fácil, porque és mais solidário. Se és solidário fora, és solidário dentro, se não és tão solidário fora, depois dentro acabas também por não ser... podes tentar, mas é difícil alcançar.

E, portanto, os valores que eu fui incutindo na equipa foi esse, foi o da confiança... Levar a que a equipa acreditasse globalmente: individualmente e coletivamente. Acreditasse, verdadeiramente, que era possível ganhar. Não era só «talvez seja possível ganhar».

Eu lembro-me que na primeira vez que falei com os jogadores e que lhes disse que o nosso objetivo era ser campeões da Europa, e foi logo na primeira palestra que tive com eles, que alguns olharam para mim, um bocadinho naquela, digo até que 95% olhou para mim a pensar «está bem, vamos tentar».

O que sei é que durante o decorrer do tempo os jogadores passaram do «vamos tentar», para o «vamos conseguir». Que é uma coisa completamente

diferente do «vamos tentar». Uma coisa é «vamos conseguir», outra coisa é «vamos tentar». E isso vem da confiança que se vai gerando no próprio grupo.

Ao mesmo tempo, procurei incutir-lhes humildade, porque eu acho que isso é uma peça chave. No entanto, esta questão gera um pouco de confusão nas pessoas, tal como aquela que abordámos anteriormente, do bonito e do bem. Acho que as pessoas confundem humildade com subserviência.

E ser humilde não é sinónimo de ser subserviente. Não se trata de ser uma pessoa sem vontade própria, sem determinação, sempre dependente do que os outros fazem, sempre rebaixado... Não é nada disso. Isso é ser subserviente, que é uma coisa completamente diferente. A humildade não tem nada a ver com isso.

A humildade é, na realidade, respeitar os outros sem deixar de ter confiança em nós. Sabemos que do outro lado está alguém que nos pode causar problemas. Num jogo de futebol é assim. De um lado estamos nós, do outro lado estão outros, que são homens também, que são gente que trabalha bem, que sabe o que quer fazer, e que, portanto, nos vai criar obstáculos.

São adversários como nós e isto é no futebol, como na vida...Procurava incutir na minha equipa a confiança de que podem jogar contra todos, mas também com a humildade suficiente para saber que todos nos podem causar problemas. E eu hoje tenho a certeza que esta equipa joga contra a Alemanha ou contra o Brasil, da mesma forma que jogou contra as Ilhas Faroé e que eu acredito que vai jogar no próximo jogo. O adversário não tem nome. Nós temos confiança e acreditamos que vamos ganhar a qualquer adversário, mas também temos humildade suficiente para saber que qualquer um nos pode causar problemas. Foram estes os valores que eu procurei incutir na equipa, assim como o da solidariedade, mas o da solidariedade está inerente à primeira questão.

(D.B.) - Começou primeiramente por dar um grande enfoque às questões estratégicas, nomeadamente, na fase de preparação. Depois, na fase de grupos, o seu discurso tendeu mais para a necessidade imperativa de

ganhar, especialmente após os dois primeiros empates, juntamente com um sublinhar da confiança que depositava na equipa. Na fase a eliminar, regressou à indispensabilidade de ganhar, ganhar, ganhar. E a partir da meia-final, houve, gradualmente, uma maior referência ao valor Sagrado. Nota-se que passa, não sei se de uma forma consciente, ou não, de valores de nível, digamos, inferiores, para valores de nível superior. A minha questão prende-se precisamente com esse facto. Agora, face à distância temporal do momento em questão, e vendo o seu discurso desta forma, foram apenas as circunstâncias que o determinaram, ou isso foi algo pensado?

(F.S) - Eu normalmente não preparo o meu discurso nesse sentido. Eu tenho um menu que considero que é a chave para vencer qualquer jogo. Penso que no Futebol Clube do Porto já o usava, e se não usava, usava algo parecido. Que é: organização, concentração, paixão e confiança. E depois escrevo lá ganhar, e escrevo estas palavras por baixo, e esta é a minha chave para qualquer jogo.

Desde que cheguei à seleção eu faço, para cada jogo, uma análise do adversário que mostro aos meus jogadores (e isso eu também já faço desde o tempo em que estava no Futebol Clube do Porto, mas hoje, felizmente, para mim e para outros que trabalham comigo, com outras tecnologias. Naquele tempo fazíamos em retroprojetores e não sei quê, e, portanto, era de tal maneira complicado fazer que, normalmente, só fazia para jogos internacionais). Os meus jogadores quando chegam ao estágio têm relatórios sobre aquilo que é o adversário, de uma forma mais ou menos detalhada. Conforme eu entenda que é necessário, ou não, porque a equipa também não precisa tanto disso e depois tenho que jogar com os sentimentos que estou a passar aos meus jogadores. Isso é evidente, não é?

Mas sempre trabalho o adversário no sentido de o conhecer bem – e então ao nível das bolas paradas, muito bem.

Por exemplo, acabei de receber o relatório de Andorra que vou acabá-lo daqui a pouco - e falo de Andorra, mas também vou fazer o da Suíça. Não deixo de fazer com Andorra, só porque Andorra, teoricamente, será menos forte que a Suíça. Isso para mim não existe, todos os jogos são trabalhados desta maneira. E sempre foram.

Depois, a palavra-chave desde o início: ganhar. Porque não vejo outra hipótese quando estás ao nível de uma Seleção Nacional de não teres este objetivo. Não podes ter o objetivo de não perder, só podes ter o objetivo de ganhar. Isso foi o meu discurso sempre. Obviamente que depois o discurso também se vai modificando com aquilo que vai acontecendo.

Quando eu cheguei à Seleção, Portugal tinha perdido o primeiro jogo da fase de qualificação para o Europeu, infelizmente (e isso até que ditou eu vir para a Seleção). Ou seja, precisava de vencer os outros jogos todos porque tinha o objetivo de acabar em primeiro lugar do grupo.

Eu criei um objetivo claro que era acabar em primeiro lugar, e se queres acabar no primeiro lugar, tens que ganhar os 7 jogos. Tens que os ganhar! Só há esta hipótese: ganhar, ganhar, ganhar. Mas dizer ganhar não descarta todo o trabalho que tem que ser feito em relação a tudo o resto.

Depois, eu percebo onde tu queres chegar... Vamos lá ver. Há outra coisa que faz parte da minha vida, intrinsecamente, e que já faz parte há muitos anos. Que é eu ser cristão. E se tu és convictamente alguma coisa, tu próprio e a tua vida acaba sempre, de alguma forma, por estar relacionado com isso. Tu não vais pôr de parte o que és enquanto pessoa. Aquilo que está no teu carácter vai sempre ser refletido, até nas tuas conversas... Por muito que queiras ou não queiras.

E, portanto, como eu sou alguém que procuro ser muito livre na forma de pensar, eu não tenho receio que me julguem por ser católico, ou por ser outra coisa qualquer. Eu não tenho receio nenhum dessas coisas. A mim isso não me afeta. Eu sou quem sou e é assim que eu vou ser sempre. Posto isto, é

normal que ao longo do meu discurso, em alguns momentos, aquilo que é a minha convicção, acabe por transparecer.

Quando tu dizes que no fim surgiu mais, eu penso que seja pelo enfoque que as pessoas lhe deram. Se calhar, no primeiro jogo frente à Dinamarca tive afirmações do mesmo tipo, ou quando joguei com a Arménia, ou quando joguei com não sei quem. No meu discurso tive afirmações do mesmo tipo que tive no fim, é algo que é natural.

Só que depois o exterior dá um enfoque completamente diferente, diz que é mais espiritual, e isso tem muito a ver com essa questão, quando eu disse que só voltaria a Portugal depois da final e que seria recebido em festa.

E as pessoas acham que isto é transcendente, até mesmo aquelas que não acreditam em Deus, que não têm qualquer convicção religiosa, acham que isto é tudo transcendente.

Para mim, que sou convictamente cristão, a minha afirmação não tem nada de transcendente, não tem nada a ver com isso, porque isso é «fezada». É jogar um bocadinho na sorte ou no azar.

Eu costumo dizer muitas vezes aos meus jogadores, até para que eles percebam bem, que acho que Deus nos pode ajudar em muitos outros aspetos, mas agora, quer dizer, não pode ser a ganhar... Porque se não isto ia ser uma confusão. Se os outros também pedirem, como é que nós fazemos?

Eu até costumo dizer que se fosse assim, só assim, então uma equipa de padres ganharia sempre a uma qualquer equipa de futebol e todos sabemos que as coisas não funcionam assim.

É o que eu dizia há um bocado: para conseguires milagres, os jogadores têm que ter qualidade, tens que trabalhar bem, a equipa tem que jogar bem. Tudo isto tem que acontecer, se não, não existem. Não existem! Aliás, eu costumo contar aos meus jogadores uma história de um individuo que estava sempre muito zangado com Deus porque nunca lhe saia o totoloto. Saiu praticamente a todos os amigos dele, mas a ele nunca lhe saia e, ainda por cima, ele era

católico. E por isso, estava sempre chateado com Deus, estava sempre a protestar e a ralhar com Ele.

E um dia Deus veio cá em baixo e disse ao gajo «Opá, se queres que te saia o totoloto, ao menos mete o boletim!», porque ele nunca punha o boletim. Ou seja, era impossível que lhe saísse o totoloto. A culpa era do gajo, não era propriamente de Deus.

Eu dizia muitas vezes aos jogadores: «nós se queremos ganhar, temos que meter o boletim». E meter o boletim vai de encontro àquilo que falámos: jogar bem. Jogando bem as coisas podem vir a acontecer!

Eu acho que ficou na cabeça das pessoas a sensação de que eu devo ter tido uma visão. Ou qualquer coisa. Mas nunca tive visões nenhuma. Sou é crente convicto e tinha a convicção que, se fizéssemos tudo bem, podíamos ser iluminados! Aí sim. E acho que o discurso vem por isso, daí a tua análise...

(D.B) - A minha análise vai ao encontro ao quadro axiológico que adotámos, no qual o valor Sagrado é o valor culminante.

(F.S.) - Sim, mas isso é sempre. Para mim é isso. Se o trabalho é sobre mim, obviamente que para mim, Deus está acima de todas as coisas. Essa é uma resposta clara. Para mim, os meus valores fundamentais... primeiro está Deus e a minha família, e, obviamente, que isso terá sempre reflexo naquilo que é o meu discurso, a minha vida, os pontos finais serão sempre esses, é evidente.

(D.B) - Qual gostaria que fosse o seu legado. Ou seja, de que forma é que gostava de ser reconhecido, de ser lembrado?

(F.S) - Nunca tive muito essa questão de o que vai acontecer, como vou ser reconhecido...

Uma das coisas que me orgulha muito nesta minha passagem pelo futebol é que ao longo destes anos (e já lá vão 30 anos...), deve estar muitíssimo perto dos 100% a minha relação com todos aqueles que foram meus jogadores. Isso é que eu gostava que ficasse.

Eu sempre procurei separar muito bem aquilo que é a pessoa humana, daquilo que é o profissional (obviamente que depois isto também está entroncado).

Toda a minha relação com aqueles que trabalharam comigo, jogadores e não só, equipas técnicas e até com os dirigentes, foi erguida na tentativa de separar as duas coisas. Porque uma coisa é o meu trabalho profissional e, portanto, o meu tratamento com os jogadores enquanto profissional (eles dizem, mesmo após muitos anos que sou muito exigente, que sou muito complicado, que não rio, e que não faço, e que não sei quê).

Mas depois, por outro lado, todos os jogadores concordam e dizem, que quando é preciso «ele está sempre presente». Essa é a parte humana.

Isso é que é na realidade o legado que eu gostava de deixar, de alguém que conseguiu ser campeão da Europa, e ser treinador e ganhar campeonatos nacionais e fazer estas coisas, sem nunca perder o seu valor humano, porque eu acho que são muito mais importantes os valores humanos do que o resto.

Nas contas finais, o que vai contar são os valores humanos, o resto não conta.